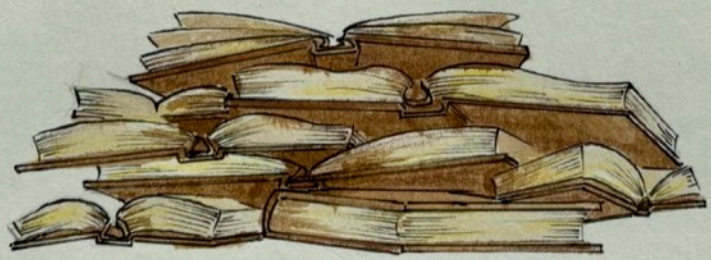
A Saga Magister-Auctor



Os escravos do poder

Babilha Chakma

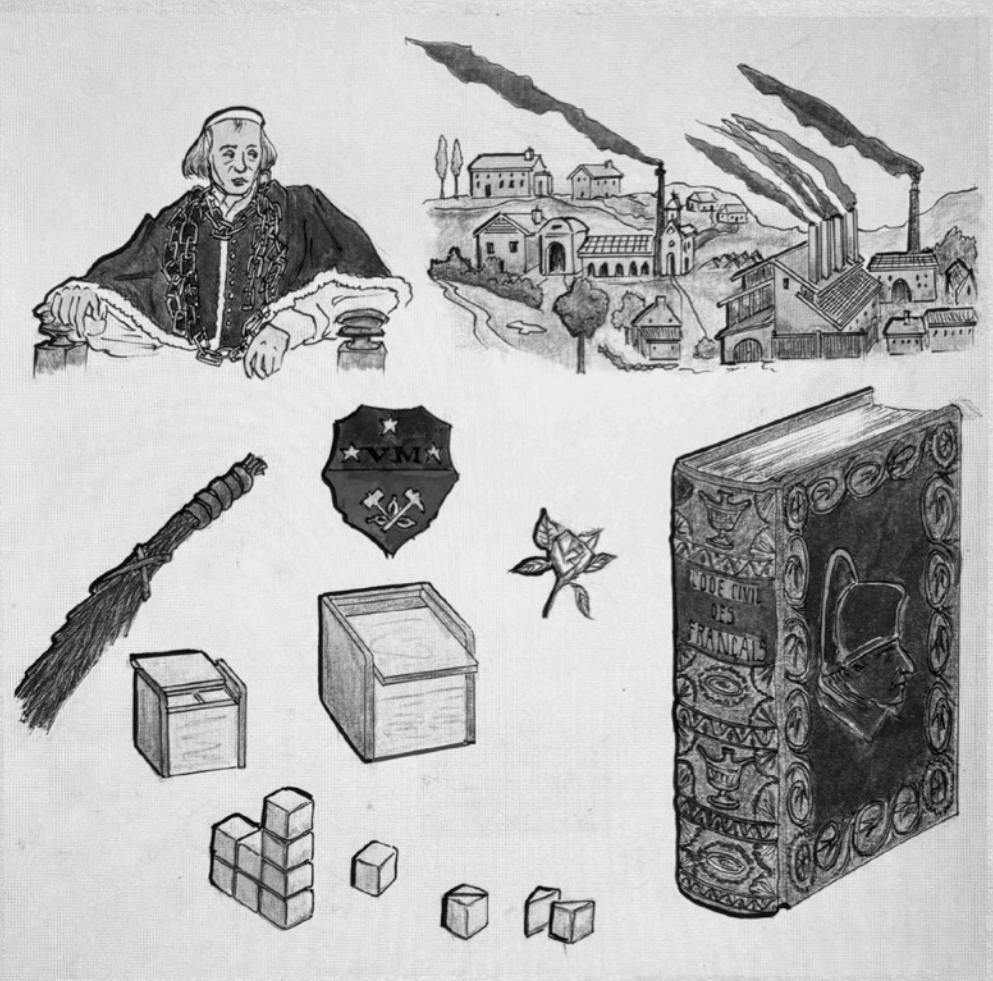
Zairabu Chebol

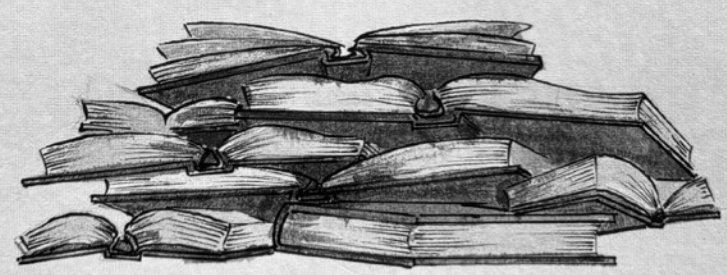
Versão 2.03

Título: *A Saga Magister Auctor. 05. Escravos do Poder*
Co-autores: Babitha Chakma e Zainabu Cheboi
Título Original: *De Magister Auctor Saga 05 . Slaven van de Macht*
Ebook em páginas com fonte Charter 14

Para o século XXI A Saga Magister-Auctor é publicada sob licença Creative Communs BY-NC-ND 4.0 por Pascal Paulus com capa de Frank Nuyts.

A Saga Magister-Auctor





Os escravos do poder

Babilha Chakma

Zalriabu Chebol

Para Manuel, Sebastião
e Olívia

Entre Oostende e Bruges

Agora está claro que aqueles que tomaram o poder na França desenvolveram uma sede de posse tão grande quanto a antiga casa real, pensa Jan Lemaître.

Jan e a sua esposa Madeleine Lacour estão de visita em casa do filho Jean-Jacques e da nora Élise Duchamp. Enquanto Madeleine mima o neto de 8 anos, Jan relembra uma história que ouviu sobre o treino de soldados franceses, ainda antes do rei ter sido deposto pela Assembleia Nacional Francesa. Foi François Picard, oficial do novo exército francês, que lhe contou. Durante a sua estadia em Oostende o oficial aquartelado passou gradualmente a ser um amigo da família. Segundo ele, o exército francês é tão eficiente porque os superiores assumem que os soldados podem raciocinar. E acrescentou que o conde de Guibert tinha escrito no início dos anos 1970 '*En général on ne raisonne pas assez avec le soldat, et surtout avec le soldat français, que son intelligence met à la portée de comprendre beaucoup de chooses. Cependant la fermeté d'une trupe aumenterait en raison de que chaque individu será persuadé de la bonté de l'ordonnance et de la disposição dans laquelle il est range.*' Jan pensa no que François disse mais adiante, que nos últimos anos se raciocinou muito com os soldados e que a revolução talvez não esteja alheia a isso.

No entanto, Jan duvida do sentido do raciocínio quando se trata de melhorar uma máquina de guerra. Hoje está claro que o

Directoire, que de momento governa a França e os territórios ocupados, sempre pôde contar com esse exército e com os seus líderes que juraram lealdade aos novos governantes franceses. Mas deixando todo raciocínio de lado, e com isso Jan volta ao seu primeiro pensamento, Rei ou Directoire, tanto faz. Os que estão no controle querem consolidar o seu poder. Não há hoje menos esquemas e intrigas do que havia na Corte, mesmo entre brilhantes líderes militares. Basta lembrar aquele patriota corso, entretanto feito general de brigada pelo Visconde de Barras, de quem se pode dizer ser o atual líder da França. Ele próprio foi brevemente preso após a execução de Robespierre, quando era suspeito de ser um seguidor daquele ex-líder caído em desgraça. E agora que é aparentemente conhecido como um excelente estratego, há novos apelos para que não seja colocado muito em primeiro plano. Mas isso poderá não ser assim, continua Jan a pensar. De certa forma, o Visconde de Barras o protege, mas com a intenção de o controlar. Afinal, ele parece ter uma ambição sem limites, superando inclusive a dos Barras.

Jan tem agora 63 anos. Madeleine e ele decidiram depois de consultar Jean-Jacques, deixar a Casa-Escola para Boudewijn e Gertrude. Karel e Tiene, alguns anos mais novos que Jan e Madeleine, irão ajudá-los nesta transição e na procura de novos sócios.

Eles também concordaram que Boudewijn e Gertrude irão viver no *Keizerskaai*, enquanto Jan e Mathilde ficam com a sua casa na *Kapellestraat*. Tudo já foi tratado por escritura notarial. Boudewijn e Gertrude já se mudaram. Pequenas remodelações estão a ser feitas na casa da *Kapellestraat*, que por sua vez é o

motivo de sua estada temporária em Bruges.
Jan ouve Madeleine a ler um poema de Van Alphen para o pequeno Lodewijk, que se prende a cada palavra sua. Embora o próprio Jan pense que os poemas infantis de Van Alphen contêm geralmente uma mensagem moral muito transparente, é já um grande passo em frente que as pessoas hoje falem abertamente acerca da necessidade de histórias e textos cujo objetivo principal é permitir que as crianças gostem de ler e ouvir ler. O poema que a Madeleine está a ler já é bem conhecido entre os professores:

A ameixeira Uma narração

Jantje, uma vez, viu ameixas penduradas,
Ó! tão grandes quanto ovos.
Parecia que Jantje queria as pegar,
Embora o pai o proibisse.
Aqui está, disse ele, nem pai,
Nem jardineiro, que o vê:
E numa árvore tão carregada,
não faltam cinco, seis ameixas.
Mas quero eu ser obediente
Não apanho; eu vou embora.
Eu, por um punhado de ameixas,
Criatura desobediente? Não.
Adiante foi Jantje: mas o pai,
Quem em silêncio o ouviu,
encontrou-o enquanto andava,
no meio da caminhada.

Vem meu Jantje! disse o pai,
Vem meu amorzinho!
Agora vou colher ameixas para ti;
Assim papai ama Jantje.
Então o pai começara a sacudir
Jantje rapidamente as pegara;
Jantje tem um chapéu cheio de ameixas,
E a galope se afasta.

Jan pensa um tanto melancolicamente nos seus pais. Depois sorri. Dieudonné nunca teria sacudido uma ameixeira para lhe dar um chapéu cheio de frutas. Além disso, pelo que se consegue lembrar, em criança também nunca usou chapéu. Ele ri desse salto de pensamento: sem chapéu, logo sem ameixas...

A família Greysel está hoje de visita em casa de Jean-Jacques e Élise. A filha Hanne tem seis anos e tornou-se recentemente parte da pequena comunidade da Casa-Escola de Bruges. Enquanto as crianças brincam, a conversa dos adultos deriva para os novos regulamentos da França que limitam ainda mais o poder da Igreja em favor do Estado Laico. As duas famílias mantêm uma forte amizade e estão à vontade para falar abertamente sobre os seus pontos de vista diferentes relativamente ao papel da Igreja e do Estado. O estrito católico avô Greysel observa com tristeza que todas as instituições de caridade ficarem sob o controle de funcionários do estado, agora que se tornaram instituições públicas. E a presença do clero não só foi limitada na educação e no cuidado dos doentes, mas as

congregações religiosas que antes estavam envolvidas nesses serviços foram abolidas por lei.

Jean-Jacques observa que a ideia de regras gerais que não dependem da religião ou da conversão a uma determinada religião lhe parece correta como linha de pensamento. O que ele teme é que, assim como existem religiosos honestos e desonestos, também haverá funcionários honestos e desonestos, e a simples transferência de estruturas de uma esfera de poder para outra não leva necessariamente a grandes mudanças.

Também se fala em transferir os registros populacionais da igreja para a prefeitura. Toon Greysels acha uma ideia maluca que nascimentos, casamentos e mortes sejam agora também uma questão civil. Jean-Jacques pergunta-se se o desejo de acompanhar e registrar tudo é uma coisa boa ou ruim para as pessoas individualmente. Ele concorda com Toon que é importante para uma comunidade eclesiástica acompanhar quem deseja pertencer a essa comunidade e quem está incluído nela. E claro, para quem vê sua relação com outra pessoa como uma questão religiosa, também é lógico que isso esteja registrado na sua comunidade religiosa. Mas ele não vê por que a sucessão e a divisão dos bens em caso de morte ou anulação do casamento é assunto da Igreja. Isso parece mais um acordo entre pessoas e, portanto, algo a ser registrado no cartório. Para as casas reais a confirmação duma união em casamento ou uma dissolução da mesma por quem é considerado o representante de Deus na terra pode ter significado. Contudo Jean-Jacques pergunta-se sinceramente se Todo-Poderoso mostra mesmo interesse nas histórias de cama dos Reis em Terra que O

invocam para impor a sua realeza ao resto do povo. Ele diz ter a impressão de que opiniões divergentes sobre textos religiosos semelhantes e divergentes tendem a encorajar o nascimento de filhos. O desacordo sobre o carácter jurídico daquelas crianças parece-lhe ser mais um problema para os governantes de todos os tempos: em primeiro lugar das casas reais, mas, talvez por isso, também da aristocracia ou daqueles que simplesmente tem posses.

Jean-Jacques e Élise sabem pela família Greysel que na França, longe de serem pagos pelo Estado, como o afirmam alguns defensores das ideias republicanas, muitos padres perderam os seus rendimentos. Claro, é difícil descobrir exatamente o que se passa. Padres exilados aparecem em Bruges e falam de colegas que foram assassinados, muitas vezes por citadinos mal informados e agitados.

Agora sabe-se também que cerca de dois anos atrás as tropas francesas fizeram uso do livro *Voyage Pittoresque de la Flandre et du Brabant* do pintor e conhecedor de arte Descamps para roubar as esculturas e pinturas mais valiosas de mosteiros e igrejas. De acordo com o bastonário Greysel, concerne pelo menos 192 pinturas importantes. Não se sabe se foram destruídas ou vendidas, mas diz-se que algumas das obras foram transferidas para o Louvre, desde 1783 museu público. A *Assemblée Nationale* aparentemente estava ciente do perigo de que muitos tesouros artísticos pudessem ser destruídos durante assaltos e outros ataques de raiva popular. Embora muitos concordam com Mirabeau que o clero não deve possuir obras, penduradas em mosteiros e igrejas, confiscá-las leva à sua venda

na maioria dos casos. E era exatamente isso que o mesmo Mirabeau pretendia evitar, daí o caráter público dos museus. Quando Jean-Jacques aborda o assunto com o pai, ele explica que transformar o Louvre de um museu privado da desaparecida família real num museu público é de certo modo retomar uma ideia do Marquês de Marigny. Se a memória não lhe falha, diz Jan, a enciclopédia de Diderot e d'Alembert contém um artigo sobre o Louvre nesse sentido, talvez da mão do Marquês. Pai e filho visitam a biblioteca da Casa-Escola e, de facto, encontram o artigo em questão no volume IX da cópia da Enciclopédia comprada por Dieudonné e trazida para Oostende por Madeleine. Lê-se assim: '*A conclusão deste majestoso edifício, executado no maior esplendor, deixa muito a desejar. Por exemplo, gostaríamos de ter todo o andar térreo deste edifício limpo e as varandas consertadas. Serviriam então para expor as mais belas estátuas do reino, para juntar obras preciosas deste género, espalhadas pelos jardins onde já ninguém caminha, e onde o céu, o tempo e as estações as fazem perecer, destroem e arruinam. Na parte sul poderíamos colocar todas as pinturas do rei, atualmente desordenadamente empilhadas em depósitos pelo que ninguém aproveita delas. Se não houver nada contra, a galeria de mapas estaria ao norte. Pode-se também transferir os gabinetes de história natural e os das medalhas para outras partes deste palácio*.'

Naturalmente Jan e Jean-Jacques pensam ser justificável que as obras de arte sejam adequadamente preservadas e publicamente exibidas. Mas estão-se dolorosamente cientes de que não basta a propriedade pública estar disponível para todos. Todos também devem ter recursos suficientes para se alimentar, se vestir, se

desenvolver e, assim, ter tempo para observar obras de arte e aprender a entendé-las. E isso ainda é uma quimera, mesmo mais do que, digamos, dez ou quinze anos atrás. Enquanto a isso, duvidam muitas vezes das reais intenções dos ocupantes franceses. Os Padres Capuchinhos de Oostende foram recentemente despejados de seus aposentos e todos os seus terrenos são simplesmente vendidos publicamente. Mas isso por si só não traz nova prosperidade para Oostende. Pelo contrário. Pai e filho estão preocupados com o declínio da prosperidade económica, em Flandres em geral e em Oostende em particular, levando a burguesia abastada a passar mais uma vez por maus bocados. A produção de sal paralisou quase por completo. Ainda se constroem navios, mas muito menos do que durante a guerra americana. Aliás, o fim dessa guerra também faz com que muitos comerciantes, casas de câmbio e recebedores deixem a cidade.

O trabalho infantil continua a aumentar entre a população mais pobre. Em Gent sabe-se que em cada cem assalariados quarenta são crianças. Trabalham maioritariamente nas oficinas centrais, para as quais os franceses usam há algum tempo a palavra *fabrique*: o lugar onde as coisas são feitas, fabricadas. Seja onde for que essas *fabriques* apareçam, repete-se o mesmo: crianças pobres vão trabalhar em tenra idade e não frequentam a escola, a não ser nos domingos eventualmente. Jean-Jacques tem sérias dúvidas sobre as escolas dominicais. Na medida em que existem mais cidadãos ricos que devem a sua riqueza a mão de obra gratuita ou barata, e apesar de todas as Luzes, essas escolas dominicais são frequentemente apresentadas como um projeto

filantrópico. Na Inglaterra existe até um *Sunday School Mouvement* inspirado pelo magnata Raikes com o objetivo de ensinar o catecismo e a leitura às crianças pobres da classe trabalhadora.
Entretanto surgem também escolas de caridade em dias de trabalho Jean-Jacques tenta saber mais sobre isso, mas o que é certo é que em todo lado escolas para a elite são mantidas escrupulosamente separadas de escolas para os pobres. Também em todo lado as pessoas continuam a considerar natural que nascer numa família rica ou pobre determine o destino dos filhos, porque as pessoas continuam a considerar uma condição natural ser rico ou pobre.

Boudewijn conta Jean-Jacques como a Nova América, exemplo de país da liberdade, lida com as ideias republicanas, o que lhe confirma a sua posição. Pouco a pouco ele descobre mais acerca do percurso do atual vice-presidente desde o tempo que era governador da Virgínia e da sua estadia na França durante os anos de instalação da *Assemblée Nationale*, seguida do *Directoire*. No que diz respeito a toda a população branca, Jefferson parecia na altura resolutamente a favor de uma disseminação mais geral do conhecimento. Ele propôs um sistema educacional em três níveis com o objetivo de oferecer a todos uma educação mínima de primeiro nível. Segundo ele um sistema desse género permitiria identificar e alimentar os indivíduos promissores, necessários para ocupar cargos de liderança na próxima geração. Ele sugeriu construir escolas adequadas em todas as províncias para ensinar durante pelo menos três anos a todas as crianças *'leitura, escrita e aritmética*

básica', bem como a história clássica. Em última análise, diz Boudewijn, Jefferson pode ter-se preocupado menos com a disseminação geral do conhecimento e mais com a criação de uma espécie de aristocracia natural entre a população branca como resultado da seleção de meninos promissores enviados posteriormente para a *County Grammar School* para continuar estudo.

Jean-Jacques observa que a proposta de que todos os meninos brancos recebam uma educação básica não por motivos religiosos, mas para lhes ser transmitido conhecimento e alguma ciência, demonstra Jefferson como alguém que age de acordo com o espírito dos filósofos do Iluminismo. Diz-se que ele terá argumentado por exemplo, considerar imprudente *'colocar a Bíblia e o Testamento nas mãos das crianças numa idade em que o seu julgamento ainda não está suficientemente maduro para as questões religiosas'*. E essa seria a razão pela qual nenhuma religião deveria ser ensinada na escola primária. Talvez foi a razão pela qual as propostas de Jefferson nunca foram apoiadas, conclui Jean-Jacques com alguma ironia.

Quando Jean-Jacques fala com Élise sobre aquela troca de pensamentos com Boudewijn, ela pergunta se recusar as propostas de Jefferson é uma coisa boa ou má. E quando observa o olhar questionador do marido, ela lembra estarem a falar daquele Jefferson que escreve que todas as pessoas nascem por igual, mas entretanto ainda pensa que os negros são diferentes e por isso podem ser mantidos como escravos e que os índios podem ser expulsos dos lugares onde vivem, logo que brancos reivindicam seu "*direito à terra*". Jefferson parece

alertar pelo perigo quando a religião se transforma em dogma em vez de ser uma guia para a atitude de um indivíduo em relação à vida mas entretanto guia-se por outro dogma, menos falado e igualmente perigoso. Esse dogma é amplamente aceito pelos homens brancos e consiste em considerar incompletos mulheres, negros, nativos americanos e pessoas de cultura diferente da Europeia muito menos iguais a eles. Mas, continua Élise, o que ouvimos de outros defensores da educação universal na América não é necessariamente melhor. Ela refere o ensaio que Noah Webster publicou há vários anos sob o título *On the Education of Youth in America*. Webster vê a educação pública principalmente como um meio de fomentar fortes sentimentos nacionalistas entre os jovens habitantes dos ainda jovens Estados Unidos. Ele até aconselha os pais a ensinarem aos filhos o nome *Washington* como primeira palavra. Dá para sorrir, mas esse tipo de nacionalismo pode ser perigoso. É um pouco como o que se vê entre membros da *Assemblée Nationale* ou do *Directoire*, que defendem o nacionalismo francês. Se as casas reais que se consideram proprietário da nação passem a ser substituídas por uma aristocracia nacionalista, eleita por cidadãos encorajados a esse tipo de nacionalismo, o futuro não parece muito brilhante. Segundo Élise, Noah Webster tem também afirmações duvidosas ao afirmar que não se deva usar a Bíblia como livro didático, mas como fonte de religião e moralidade. Para Webster, utilizar a Bíblia como livro didático banaliza as Sagradas Escrituras e dessensibiliza as crianças ao seu respeito, o que não promove a moralidade.

Jean-Jacques reflete acerca das observações da Élise. É no

mínimo um argumento curioso para deixar de usar a Bíblia como base para aprender a ler... mesmo para aqueles que se baseiam na Bíblia para interpretar e organizar o mundo e as relações entre as pessoas. Em suma, parece que a Revolução Americana não fez grandes mudanças na divisão entre criar os filhos dos possuidores e a educação moralizadora dos filhos dos pobres... assim como a Revolução Francesa também não o fez...

Ao que tudo indica, a próxima viragem do século será marcada pela contínua batalha entre os partidários das casas reais e imperiais e os republicanos, especialmente na Europa e na América. No leste do Hemisfério Norte, dinastias e imperadores parecem por enquanto não ser afetados pela industrialização que torna o Terceiro Estado mais rico e poderoso. E a maior parte do Hemisfério Sul permanece sob o jugo da Europa: os territórios ocupados, referidos ou não como colónias, comunidades ou províncias ultramarinas, são áreas de exploração garantindo em primeiro lugar o enriquecimento das famílias e populações governantes no Hemisfério Norte.
Apesar de existir uma certa filiação republicana entre a França e os Estados Unidos da América, o governo de John Adams considera que a França republicana não herda os créditos do reino da França. O legislador americano vê-se assim legitimado de não mais reconhecer as dívidas passadas com a França. Logo novos conflitos surgem. Ainda é cedo para perceber se são disputas comerciais ou se a guerra vai estourar novamente entre os Estados Unidos da América e alguns Estados europeus.

O *Círculo de Estudos de Bruges* de Jean-Jacques e Élise

Duchamp segue os acontecimentos atuais o mais que possível e continua a focar sua atenção no conhecimento, na ciência e na educação bem como na relação entre aqueles que têm poder e aqueles que não o têm. Segundo seus membros, a Europa após a Revolução Francesa não é mais favorável aos '*súbditos*' do que a Europa dos monarcas absolutos. Apesar das Luzes, o conhecimento, a gestão do poder e a opressão continuam a caminhar em conjunto. Procura-se abolir a servidão, com consequências mais formais do que práticas. Diz-se que as pessoas são agora mais livres para se mudar e se instalar onde quiserem, mas quem não tem meios provendo de bens está, e continua a estar, dependente de quem compra trabalho. Cria-se um novo tipo de servidão: os servos do campo tornam-se mais e mais servos da cidade, habitantes de favelas.

O *Círculo de Estudos de Bruges* discute também as decisões administrativas, na altura em que o *Directoire* sucede à *Convention*. Formalmente, o *Directoire* também governa a Flandres. Obviamente, o foco do *Círculo* é principalmente dirigido para as decisões que afetam a aprendizagem e a educação. Em conformidade com a *Convenção*, o *Directoire* continua a fechar universidades procurando reduzir a influência dos poderes eclesiásticos no desenvolvimento do conhecimento e na pesquisa científica. Em 1797 foi a vez da Universidade de Leuven. Os pais de Élise escrevem que a recém-fundada *École Centrale de Bruxelles* enviou o seu bibliotecário a Leuven para organizar a transferência de grande parte da biblioteca de lá para Bruxelas e para proporcionar as bases de uma biblioteca pública. Esse bibliotecário é Charles Antoine de Santander. Ele

estudou com os jesuítas e fez o noviciado no preciso momento em que a ordem dos jesuítas foi abolida. Ele é agora empregado da administração francesa criada pelo *Directoire*. Há claro quem se ri de modo abafado da curiosa agilidade daqueles que receberam uma educação jesuíta. Menos gentilmente, outros falam de pura hipocrisia. Um ponto positivo, diz Jean-Jacques, é que Santander ao menos garante não ter que se deslocar a Paris para consultar livros e escritos importantes da antiga biblioteca de Leuven. Os membros do *Círculo de Estudos de Bruges* concordam que boas bibliotecas, com ou sem as raridades que Charles Antoine de Santander quer tornar públicas em Bruxelas, são importantes para estimular a leitura. Mas então todos deveriam ter a oportunidade de aprender a ler. Élise observa ironicamente que, enquanto o ensino superior for reservado a um grupo seleto da população masculina, esses livros e escritos terão tão pouco interesse público em Bruxelas quanto em Paris.

A ironia de Élise diz respeito à coleção que ela iniciou há alguns anos de biografias de mulheres que desempenham ou desempenharam um papel importante no desenvolvimento do conhecimento e da ciência. Como fizeram gerações anteriores da família Lemaître, Jean-Jacques e Élise querem divulgar ainda mais a vida dessas mulheres. Eles querem ressaltar mais uma vez que muitos dos que defendem ideias inovadoras costumam dar pouca atenção à parcela feminina da população. Élise acaba de ler mais acerca de Sophie Germain, filha de um comerciante e representante do Terceiro Estado na *Assembleia Constituinte*, de quem François Picard certa vez falou durante uma conversa na casa de seus sogros. Durante os anos de terror, ela estudava

em casa. Segundo François, sua história mostra que o Terceiro Estado pensa da mesma forma que a aristocracia: as mulheres devem, de preferência, não estudar muito. O pai de Sophie muito tentou dissuadi-la de fazer coisas como estudar latim, grego e matemática. Mas também há Joseph Louis Lagrange, como Élise agora sabe através do de seu pai, que acompanhava de perto os desenvolvimentos da *École Normale* e das *Écoles Centrales*, incluindo a *École Centrale des travaux publics* em Paris, conhecida ao longo de vários anos como *École Polytechnique*. Lagrange pertence a um seleto grupo de matemáticos associados a ambas as escolas. Recentemente ele defendeu a generalização do acesso ao conhecimento junto com Condorcet, quando descobriu que o seu brilhante aluno *Monsieur Le Blanc* era na verdade Sophie Germain. Élise pretende seguir o mais que pode o rastro de Sophie Germain, uma nova Emilie du Châtelet, mas de uma classe diferente. De resto continua a ser uma tarefa quase impossível para as mulheres de fornecer trabalho científico. A revolução francesa trouxe pouca mudança nisso. É portanto uma boa notícia para Élise quando Gertrude lhe anuncia que Martha McTiers e Lady Skeffington sempre conseguiram iniciar o seu projeto *Unions School* em Belfast e hoje orientam vinte e uma meninas. Uma gota de água no oceano, mas ainda assim...

Do Império Britânico chegam outras notícias interessantes relacionadas com o papel da mulher nas ciências. Élise sabe que Caroline Herschel acaba de enviar um manuscrito à *Royal Society* no qual ela discute, entre outras coisas, os oito cometas que descobriu desde 1786, faz agora onze anos.

Desde que Lady Montagu[1] fez campanha pela introdução da variolação na luta contra a varíola, a ciência envolvendo mulheres também aqui evoluiu. Edward Jenner[2] aprimorou ainda mais suas vacinas e publica agora a sua pesquisa em forma de livro com o título *An Inquiry into the Causes and Effects of the Variolae Vaccinae; a Disease Discovered in some of the Western Counties of England, Particularly Gloucestershire, and Known by the Name of The Cow Pox*.

Entretanto Jean-Jacques ouve falar do método de leitura de seu homónimo Jean-Jacques Schneither, proprietário do internato de Leiden. Na Província da Zelândia, há quem quer verificar a sua afirmação de que é possível ensinar crianças a ler em sessenta horas, sem recorrer à soletração. Schneither desenvolveu uma variante dos métodos de som agora também usados em muitas escolas republicanas na França. Os amigos da Zelândia escrevem Jean-Jacques que existe interesse para essa abordagem, mas também a preocupação se as crianças que não aprenderam a ler por soletração irão escrever bem mais tarde. Aqui escrever bem significa que se segue a ortografia usual e não que de repente todos comecem a escrever poemas ou ensaios, comenta Élise espirituosamente.

Em Middelburg, por outro lado, fala-se do novo método de ensino desenvolvido pelo pastor Hendrik van den Hespel. No seu livro *Novo método de aprendizagem para ensinar crianças a ler e escrever simultaneamente de maneira fácil e curta*, Van den Hespel denuncia o método que leva até dois anos apenas para

[1] Ver Livro 02 - Uma ideia perigosa.

[2] Ver Livro 03 - O privilégio do saber.

aprender a soletrar. Segundo ele, aprender o alfabeto baseando-se em olhar para imagens é perder tempo. Ele diz recorrer as conversas entre crianças, propondo um método em que se fala, soletra, lê e escreve ao mesmo tempo. Jean-Jacques acha a ideia ainda mais fascinante do que os emergentes métodos, como o de Schneither. Ele vê uma certa conexão com o conceito de que historicamente a escrita precede a leitura. Ele relembra as conversas com o pai sobre os chamados prodígios do mundo da música e o registro de histórias. Mas poucos veem algo nas propostas de Hendrik Van den Hespel. Diz-se que não melhora a eficiência do sistema escolar em desenvolvimento. Jean-Jacques não pode deixar de pensar que nem todo mundo está entusiasmado com o facto de que grandes grupos da população trabalhadora fariam mais do que ler e começassem a desenvolver capacidade de pensamento e escrita. Ele não pode imaginar quão rápido retomará o mesmo pensamento. Acontece que, na mesma altura, na Inglaterra, Joseph Lancaster começou a experimentar com a sua escola para crianças pobres, ensinando o mais rápido que possível grandes grupos de alunos a leitura, escrita, aritmética e a religião. A sua preocupação principal é de fornecer rapidamente a todos os pobres um conhecimento básico limitado.

A França está novamente irrequieta. O *Directoire* não tem vida fácil, nem mesmo nos territórios ocupados. E abriram-se novas hostilidades entre os governantes franceses e a família real inglesa. No início de 1798, o *Directoire* envia General Bonaparte em um reconhecimento à costa do Mar do Norte. O general visita Boulogne, Calais, Dunkerque, Nieuwpoort e Oostende,

onde é recebido pelo burgomestre Wieland. O general visita as fortificações da margem este do porto e define onde poderá ser instalado um exército permanente. Ele passa a noite no número 69 da *Langestraat*.
Pouco depois, o rei inglês George III ordena a frota britânica de frustrar os planos de Napoleão para concentrar tropas na Flandres com o objectivo de defender os portos no rio Escalda e no Mar do Norte. Uma manobra surpresa em *Klemskerke* e a tentativa de destruir as comportas em *Slijkens* falham. Mais de cem soldados ingleses são feitos prisioneiros. Entretanto os pescadores falam de decisões mal implementadas: o general francês mandou dragar o assoreamento do canal do porto. Mas se fez como deveria ter sido feito. No final do ano, o canal está novamente tão assoreado que apenas barcos de pesca e alguns suprimentos regulares de madeira e sal conseguem entrar no porto.

Torna-se difícil para Jan e Madeleine de contactar os seus correspondentes ingleses nesta ambiente de guerra. Nunca se sabe se as mensagens da Inglaterra não serão retidas ou, pior ainda, consideradas como documentos secretos codificados. De repente, alguém pode ser preso como espião... A situação piora quando a cidade é formalmente colocada sob lei marcial. O general francês decide fazê-lo porque sente que a população gosta mais dos governantes austríacos do que dos franceses. Afinal, aqui todos se lembram da prosperidade passada da cidade. Porque hoje as pessoas passam cada vez mais dificuldade. Devido ao estado de sítio, o pouco comércio que restava fica quase totalmente paralisado. A família Lemaître

também passa por um momento difícil agora sem receitas de investimentos na companhia de navegação. Felizmente, o processamento local do pescado ainda gera algum proveito e a família dispõe de algumas reservas. Assim, espera-se sobreviver a este novo período difícil. Claro que para os amigos Boudewijn e Gertrude, é triste de ver cada vez menos crianças a pagar mensalidade na Casa-Escola. Francamente, a ocupação francesa não é coisa boa, e é normal que as pessoas aqui suspirem e pensem nos dias de glória finais austríacos. Para quem mora em Oostende ou Bruges, a situação piora agora que chegou a notícia de que Napoleão Bonaparte e Emanuel Sièges tomaram o poder na França. O *Directoire* é abolido e no *Consulat* que Napoleão instala, ele usurpa o cargo de Primeiro Cônsul, derrubando Sièges. São Cambacéres e Lebrun que se tornam segundo e terceiro cônsul, respectivamente. Napoleão consolida ainda mais o controle do poder quando ele escapa de uma tentativa de assassinato a caminho de uma apresentação teatral pouco antes da viragem do século. Ele o usa para executar ou deportar vários monarquistas, mas também jacobinos. A demonstração de poder em si deixa os habitantes de Oostende indiferentes. Mas o último ano do século XVIII foi de pobreza geral.

Em Bruges, Jean-Jacques fica a saber da existência do que em breve chamará de *fabrique de l'instruction*, a fábrica de instrução de Lancaster. Na Holanda, o método já causa alvoroço. Centenas de crianças pobres são reunidas numa grande sala. Elas ficam sob os cuidados de um único professor que recorre a alunos monitores. Eles são treinados pouco a pouco para, por sua vez,

treinar pouco a pouco crianças mais novas colocadas sob seu cuidado. O conjunto lembra fortemente as fábricas e as tecelagens onde um supervisor-chefe dá ordens aos sub-supervisores que, por sua vez, supervisionam o trabalho dos trabalhadores. Joseph Lancaster recomenda o seu método com as palavras *Qui docet, discit*, quem ensina aprende. Jean-Jacques e Élise falam acerca disso. É claro que sabem pela experiência da *Casa-Escola* e do *Círculo de Estudos de Bruges* existir uma estreita interação entre ler, aprender, adquirir ciência e discursar acerca dela. Mesmo entre as *salonnières*, essa interação é frequentemente visível, se não houver figuras vaidosas que só querem se ouvir falar a si próprio, usando os outros como caixa de ressonância. Jean-Jacques e Élise perguntam-se até que ponto "*quem ensina aprende*" não se limita a ser uma descrição enganosa desse novo método, que aparentemente serve principalmente para fornecer educação primária a grandes grupos de crianças em um curtos períodos de tempo. Eles imaginam uma espécie de pirâmide na qual alguns monitores aprender efectivamente quando passam para os outros o que aprenderam. Mas isso dificilmente pode ser considerado um processo geral de aprendizagem em que as crianças são introduzidas na ciência, arte, literatura e tudo o mais que faz parte do mundo cultural daqueles que não nasceram pobres. Eles consideram suspeito que justamente no momento em que ricos comerciantes e proprietários levam cada vez mais a classe trabalhadora pobre para locais centrais de produção, um modelo semelhante está a ser desenvolvido para a educação dos pobres. Os ricos não aprendem graças ao princípio *Qui docet,*

discit, ou será que o princípio é entendido de maneira diferente para os ricos? A descrição pode soar simpático aos partidários do Iluminismo, mas a intenção é mesmo que todas as crianças pobres se tornem monitores para aprender melhor? Ou é só mais uma mistificação como as que observamos em outros lugares? Pense nos argumentos apresentados para aprender a ler soletrando ou para aprender a ler com métodos sonoros. Mas, diz Jean-Jacques, pense também no modo como muitos adeptos das ideias iluministas encontram bons argumentos para demonstrar que negros e escravos não são realmente da mesma origem que europeus brancos e, interpretando assim de modo muito livre os direitos humanos de que tanto falam. Pieter Paulus foi muito claro sobre isso no *Discurso sobre a questão "Em que sentido os homens podem ser considerados iguais? E quais direitos e obrigações daí decorrentes"*[1]. Ele publicou o tratado em 1793. Quem se lembra daquele apóstolo da liberdade, como era chamado e que morreu três anos depois? Quando Jean-Jacques fala sobre ele numa das reuniões do *Círculo de Estudos de Bruges*, Élise propõe-lhe a ler algo do tratado. Jean-Jacques recorda duas passagens: "*Mas dos previamente colocados motivos segue-se a igualdade de direitos e deveres dos homens, que torne nenhumas práticas mais insuportáveis, mais violentos, mais desonestos e mais degradantes para a humanidade do que outras quaisquer, especialmente desde a descoberta do Novo Mundo não só se tornou muito comum no uso, mas também se tornou um ramo do comércio e de ganhar dinheiro entre as nações mais civilizadas da*

[1] *Verhandeling over de vraag "in welken zin kunnen de mensen gezegd worden gelijk te zijn? En welke rechten en plichten die daaruit voortvloeien"*

Europa, quero dizer O COMÉRCIO DE ESCRAVOS! Esta palavra, ou este nome da coisa, deve significar, penso eu, para cada homem que bem quis ler este tratado até aqui com alguma atenção, mais do que suficiente para o seu coração, onde a humanidade ainda habita, fica quieto e com carinho por um, e com indignação por outra porção da humanidade ainda para cumprir: quando portanto pensa e contempla o amargo e a dor lamentável de uma parte, e a violência e injustiça desonrosa que para isso por essa outra parte é infligida; e quando pensa nisso, surgem todas as outras abominações que são inseparáveis deste comércio vil e destrutivo." Pieter Paulus então usa as descrições de Benjamin Sigismond Frossard sobre a maneira como os europeus ou os comerciantes negros agem em nome dos europeus, e as consequências disso para os povos escravizados, para dizer: "*Mas, por mais impressionante que seja esta pintura da miséria desses homens cativos e vendidos; a maneira como eles geralmente são presos, ou os meios empregados para esse fim são tais que, de facto, duvido que seja possível cometer uma cadeia maior de horrores e desumanidades do que as praticadas por nós Cristãos com os miseráveis habitantes da Guiné, que caso contrário, seriam entre os mais felizes habitantes da terra. Roubamo-los, privamo-los do seu país, seus amigos, parentes e famílias, fazemo-los cair nas ciladas à sua boa fé, ou à sua força, nessas ocasiões, implacáveis, como se não houvesse Deus, quem observa as ações do homem.*"

Os que detêm o poder continuam a pensar de forma diferente, mesmo em França. Silenciosamente, a velha classe proprietária ajusta-se e retoma as suas posses e atividades. Até a Igreja ganha mais espaço depois de Napoleão e o Papa Pio VII assinarem a

Concordata de 1801. Na encíclica *Ecclesia Christi*, que a acompanha, o Papa reconhece a República Francesa, que por sua vez declara o catolicismo a religião da maioria. E da abolição da escravatura já não se fala. Os direitos humanos estão claramente a se deteriorar novamente: a lei de 1794 que baniu a escravidão é substituída por outra, em 1802, permitindo novamente a detenção de escravos. O abade Jean-Baptiste Grégoire, que estudou com a Gramática de Port Royal e com os Jesuítas, é hoje um crítico dessa lei, o que o torna impopular entre os colonos e traficantes de escravos. Ele acusa o legislador de reintroduzir a desigualdade. Ele junta-se a um grupo de pensadores liberais que questionam as teorias científicas que argumentam que existem diferentes raças humanas e as classificam hierarquicamente enquanto, ao mesmo tempo, proclamam que seres superiores foram comissionados para civilizar outros.

Em suma, tudo o que Jean-Jacques sabe sobre o uso de falácias pelas classes altas, torna-o muito duvidoso quanto às intenções declaradas de Lancaster. Trata-se do mesmo, não importa se o discurso é proferido pelo Primeiro, o Segundo, ou mesmo o Terceiro Estado. Tal como com escravos e povos não europeus, quando se trata de crianças pobres, elas não são consideradas como verdadeiros seres humanos com os mesmos direitos daqueles que dizem cuidar delas, mas são lhes impostos muitos deveres.

A discussão não é apenas acerca do direito das crianças de aprender a ler e escrever, mas também acerca do seu lugar na sociedade. Amigos e conhecidos que pertencem ao *Círculo de*

Estudos de Bruges costumam falar em como o trabalho infantil nas oficinas centrais, as '*fabriques*' é mais difícil ainda do que o que o seu trabalho em contexto familiar. O filho do pescador que sai para o mar, ou os filhos dos trabalhadores rurais que trabalham em casa, estão mesmo assim relativamente bem se os compararmos com os filhos dos que trabalham por muito pouco dinheiro para um patrão que não os conhece pessoalmente. Costumam trabalhar tanto quanto os adultos e muitas vezes seu trabalho é perigoso: realizam tarefas para as quais os adultos não são ágeis ou não o são suficiente. Além disso, é-lhes imposta uma disciplina de ferro.

No entanto, continua a se falar sobre melhorias na educação. Podemos perguntar, e com razão, a quem se destina essa educação, pensa Élise. O seu filho Lodewijk de quatorze anos, tem certamente uma vida melhor do que muitos meninos de sua idade, mesmo se repete constantemente preferir passar o tempo com os avós. Élise pensa mais acerca do seu filho em Oostende. Será que Madeleine irá conseguir ensinar-lhe francês? O inglês já vai muito bem, assim como o alemão. E a língua flamenga, claro.

Pode-se dizer que os inspiradores da *Casa-Escola* estão também nesse aspecto à frente de seu tempo. Mesmo antes do decreto de 15 Messidor ano VI (1798) entrar em vigor, aqui aprender francês era possível. Oficialmente, deveria haver escolinhas ou primeiras escolas em todas as cidades com mais de 300 habitantes. Em Oostende deveriam ser instaladas 2 escolas, em Bruges 6.

Agora que escrevemos ano X, refere-se que além de Madeleine

há mais cinco professores em Oostende que dão aulas particulares de leitura e escrita em francês. Aqui, o inglês ainda pode ser aprendido, o que é útil para quem quer ir para o mar. Boudewijn e Gertrude têm contactos esporádicos com esses professores particulares com quem às vezes trocam livros.

Entretanto Thomas Jefferson sucede a John Adams como presidente dos Estados Unidos, não mudando para melhor as relações entre esses Estados e a França. Pelo contrário. Adams ainda era presidente quando o cancelamento unilateral das dívidas com a França foi confirmado com o Tratado de Mortefontaine, co-assinado pelo irmão do general Napoleão Bonaparte. Além disso, quando perde a frota francesa no mar das Caraíbas, Napoleão vende toda a Louisiana aos Estados Unidos. O jovem Lodewijk Lemaitre pergunta ao pai como é possível os Franceses venderem essa terra sem mais. Afinal, ali vivem poucos franceses e ainda menos descendentes de europeus, mas, segundo relatos de viagens existentes, a zona é povoado por descendentes que habitaram aquelas terras muito antes da ocupação francesa. Aparentemente, eles não são sequer consultados nesse negócio. Jean-Jacques dá a ler a Luís alguns documentos que defendem a teoria das diferentes raças humanas. Essa teoria associada à hierarquização contestada pelo abade Grégoire, explica por que é que estes arrogantes possuidores consideram natural vender sua pseudo-propriedade àqueles que arrogantemente optam por permanecer ignorantes acerca do uso do terrenos colocados num mapa pelos Europeus por quem há muito vivia na região.

Oostende, 5 de dezembro de 1803

Caros amigos Pierre e Marguerite,

Já faz algum tempo que não vos escrevo. Perdoem-me o longo silêncio. Não tem sido muito tranquilo por aqui, como também não tem sido na vossa região. Desde que o Directoire decidiu fechar a universidade onde trabalhavas, Pierre, nada menos que cinco burgomestres cá vieram e cá foram, na nossa cidade atualmente bastante deserta. Talvez Jean-Jacques tenha-vos falado sobre isso. A escola deixada nas boas mãos de Boudewijn e Gertrude passa por momentos difíceis. Há pouco dinheiro. Em geral, as primeiras escolas recebem hoje menos crianças do que o esperado, em parte porque muitas crianças não têm tempo para ir à escola devendo trabalhar para receber um salário miserável. Quem podia prever que a situação económica se ia deteriorar a tal ponto? Na boa verdade todos nós, não é, queridos amigos? Há quase quarenta anos não foi assim? Não fomos integrados nos Países Baixos Austríacos também por necessidade económica? E agora vivemos num país ocupado pelos Franceses, uma espécie de república ainda por cima. A decisão do então Directoire de fechar as universidades tem uma consequência desagradável para vocês. O nosso neto comum não irá para Leuven, mas talvez para Bruxelas. Ou nem isso, pode ser que ele simplesmente continue o trabalho dos seus pais. Ele parece estar interessado trabalho deles e nas nossas pesquisas acerca da educação para ricos e pobres. Sentimo-nos genuinamente privilegiados agora que o nosso neto de 15 anos com alguma regularidade se mete na barcaça para nos visitar. Devemos acrescentar que durante cada visita, ele passa mais tempo na biblioteca do Keizerskaai do que na Kapellestraat. Sim,

decidimos deixar grande parte da biblioteca do tempo dos meus avós na Casa-Escola. Aí, ela é certamente mais útil do que se a tivéssemos transferido para nossa nova casa.

Em geral a nossa família perdeu uma boa parte dos seus rendimentos nos últimos anos, e mesmo assim estamos bem melhor do que muitos dos nossos conterrâneos. O porto é tranquilo e deserto apesar dos grandes investimentos que se fizeram. Voltou a ser principalmente um porto de pesca, por um lado devido ao colapso da companhia de Trieste pouco antes dos Franceses se instalarem aqui, por outro como resultado de terem terminado as exportações de equipamentos e armas para os rebeldes Americanos. No entanto, os administradores da cidade continuam a trabalhar com o Consulat para que mantenha o interesse no porto de Oostende. Faz agora dezoito meses, a nomeação de Napoleão Bonaparte como primeiro cônsul foi festivamente anunciada por cá. Era principalmente uma forma de lembrar aos administradores franceses as promessas relativas ao porto de Oostende. A actividade portuária só continua graças aos poucos armadores e comerciantes mais hábeis, que aqui optaram por continuar a sua actividade apesar dos bloqueios internacionais, incluindo o nosso actual burgomestre,. Eles estão convencidos de que a ajuda está a tardar, em parte por causa dos relatórios oficiais do prefeito do departamento de Leie. No ano passado, esse relatório exagerou o número de navios disponíveis no local. Ouvimos dizer que menciona 250 navios mercantes, 35 barcos de pesca e 23 barcos de pilotagem, o que não corresponde em nada à realidade!

Seja. Há seis meses, o Primeiro Cônsul autorizou por decreto a criação de uma Câmara Comercial de nove membros. São André

Van Iseghem, Laurent Solvyns, Alexis Perlau, Georges Vieth, Henri Belleroche, Jacques Serruys, Charles Carpentier, Theodore Van Moorsel e Auguste Willard. Eles estão muito empenhados, mas a atividade continua baixa… Claro, há o tráfego de navios costeiros com calado raso para os portos da Flandres Francesa e de Nantes. Garante o abastecimento de sal Francês de boa qualidade indispensável para a pesca. Os nossos armadores locais enviam também navios para o Mar Mediterrâneo e ocasionalmente para as Índias Ocidentais.

Neste verão, Napoleão Bonaparte visitou Oostende para avaliar pessoalmente o estado da costa, assim nos disseram. Ele esteve primeiro em Nieuwpoort, onde foi recebido pelo burgomestre Blankaert e alguns vereadores dando-lhe os parabéns pela sua posição adquirida de primeiro cônsul. Ele teria afirmado que tudo o que ouve aqui é honesto, já que os Belgas nunca mentem. Ahaha. Só consigo dizer que mesmo um grande guerreiro pode ser muito ingénuo. Aqui entre nós, bem parece que apesar dos novos departamentos de Leie, Scheldt, Jemappes, Twee Neten, Dijle, Samber-en-Maas, Nedermaas, Ourthe e Wouden, aparentemente o Primeiro Cônsul não vê a nossa região como parte autêntica do território Francês republicano, continuando a falar da Bélgica. Depois de pertencer à Belgium Fœderatum, Belgium Regia e Belgium Austriacum, quem mora aqui torna-se agora novamente residente da Belgium Gallica? Voltamos à estaca zero? Podemos esperar em breve que um novo César ou Augusto nos venha ocupar? De qualquer forma, depois de Nieuwpoort foi a vez de Oostende, e o nosso burgomestre, descendente de ingleses, imagina, recebeu o Primeiro Cônsul com essas palavras: "Citoyen premier

consul, daignez accepter les clefs de la ville d' Ostende. Si son état ne lui a pas permis de vous fournir une grand armée, vous ne dédaignerez pas sans doute celle de la de-putation du Conseil Municipal et des principaux negociants que j'ai l'honneur de vous présenter et de mettre à votre disposição. Placés près de vous, ils vous entretiendront des sentiments de mes compatriotes, et vous vous convaincrez, Citoyen Premier Consul, que les nouveaux Français ne le cedent pas aux anciens dans l'amour et la reconnaissance qui vous sont dus à tant de titres." E todo esse discurso veio da boca daquele inglês importado, enquanto seus ex-compatriotas causam enormes estragos aos navios franceses e holandeses.

Sim, amigos, vocês bem podem rir, mas mais uma vez prendemos a respiração. Na altura quando a casa real austríaca expandiu o porto e Oostende se tornou uma espécie de porto mundial durante várias décadas, os Franceses eram o terrível inimigo. Claro, dez anos é muito tempo... na vida de uma criança... Hoje parece que o exército de ocupação francês nunca fora ruim, quando literalmente tudo era requisitado. Mas não, o gesto de permitir uma câmara comercial local a estimular a navegação costeira faz de repente do Primeiro Cônsul o grande herói. Ele gostou tanto da recepção que permitiu converter o convento das freiras negras em local de tecelagem. E hoje também se interessa pelo porto enquanto base contra os ingleses, por isso quer que as marés sejam controladas por uma eclusa. Ele deixou a cidade em julho com a promessa de que os engenheiros também farão as obras necessárias para a construção de uma plataforma para 8 canhões no lado leste do porto.

Antes de deixar a cidade, o Primeiro Cônsul visitou as tropas estacionadas no que hoje chamamos de Camp de Bruges. Ao todo, ele passou quase quatro dias com os soldados, fez uma revisão da tropa e assistiu a uma manobra na praia de Oostende. Aparentemente foi um momento memorável para os recrutas da 51ª Linha. Os jovens puderam fazer saber lá em casa que estiveram pessoalmente frente ao famoso Napoleão Bonaparte. O Camp de Bruges tem sido desde finais de agosto um local de estacionamento permanente para três divisões do exército republicano. Poder-se-ia dar-lhe o nome de Camp d'Ostende, porque tudo é claramente controlado a partir de Oostende. A Langestraat passou a ser a sede local do poder francês. Hoje, o comandante-em-chefe general Davout reside lá. Embora 'reside' é talvez exagerado. Ele visita regularmente as obras em andamento entre Dunkerque e Vlissingen. De acordo com seu chefe de gabinete, ele aparece inesperadamente e surpreende a todos o que não o faz muito popular. Ele próprio diz raramente saber com vinte e quatro horas de antecedência onde estará, mas que está sempre onde é preciso. Os seus oficiais superiores dizem-nos que os soldados do exército republicano são treinados com uma eficiência inexistente em seja qual for exército real. E é esse exército bem treinado que protege a nossa costa e o nosso porto contra o que está para vir, sem que ninguém sabe dizer o que está para vir. A eficiência do exército estaria relacionada ao modo como as manobras são explicadas aos soldados. O treino do raciocínio é preferível ao treino mecânico. Ouvi a seguinte explicação de um coronel envolvido no treino: " Os comandantes de batalhão muitas vezes precisam argumentar com os recrutas ao instruí-los. Para ser

ouvido melhor, é-lhes ordenado continuamente a virar um quarto, para que percebem claramente a explicação das vantagens da formação, cujos princípios foram demonstrados. Com essa forma de ensinar, os soldados já não são máquinas. Eles identificam-se com as nossas ideias. Eles sentem a bondade das nossas ordens tornando-se muito mais autoconfiantes, mais determinados e mais inteligentes para quando uma situação de guerra lhes fornecerá a oportunidade de fazer o que aprenderam em tempo de paz. Vamos conversar muito com o soldado francês."

É uma pena que figuras de destaque reconheçam que o raciocínio dá frutos para treinar uma máquina de matar à sua disposição, mas não que esse mesmo tipo de raciocínio aplicada à escola beneficiaria o conhecimento e a ciência de todos. Mas com mais conhecimento, mais ciência, situações de guerra possam ser evitadas com mais eficácia. Talvez é aqui que o sapato aperta. Será que esses aristocratas republicanos temem perder os seus empregos se o raciocínio eliminasse a necessidade da guerra? É que as diferenças de status persistem. Na verdade diz-se aqui que o Primeiro Cônsul queria até os oficiais mais graduados aquartelados com os seus soldados no no próprio espaço do Camp de Bruges. Todos iguais era a diretiva. Mas os oficiais superiores continuam a ter direito a aposentos melhores e mais espaçosos, tornando-os mais caros... então alegaram-se razões financeiras para eles continuar a ser alojados em casas civis na cidade. Fraternidade e igualdade são boas palavras de ordem, mas aparentemente difíceis de alcançar, mesmo num exército republicano. E quanto à percepção de liberdade… assim que mais de duas pessoas com mais de duas perspectivas se juntem, claro que

podemos filosofar por muito tempo.
Madeleine e eu esperamos que passem bem em Leuven, apesar do fecho da universidade. Infelizmente, este não é o momento mais adequado para vos propor uma viagem até a costa do Mar do Norte. Mas tempos mais tranquilos podem vir.
Com o carinho de Jan Lemaître.

Bruges, 4 de janeiro de 1804

Queridos pais,

Foi bom receber a vossa carta. Não sabia que ainda se correspondiam com os pais de Jean-Jacques. O malandro não me disse nada sobre isso. Mas afirma que também não sabia.
Sim, o que Jan escreve acerca de Lodewijk está certo. Ele coopera regularmente connosco na escola. Recentemente Jean-Jacques observou com alguma ironia que aqueles que não nos conhecem podem pensar que adotamos um método Lancaster em pequena escala. Nós ocupamo-nos principalmente do Círculo de Estudos e Lodewijk frequentemente encarregue-se dos exercícios de leitura e escrita e pelo trabalho de estudo das crianças que nos são confiadas. Ele faz tudo para orientar o melhor que possível a aprendizagem das crianças. E cuida de seus próprios estudos. Realmente, nos últimos dois anos passou bastante tempo em Oostende, com Boudewijn, Gertrude e os seus filhos, mas também na biblioteca do Keizerskaai. De aqui pouco irá novamente por dois meses para a costa. Suspeitamos hoje que se limitará ao auto-estudo. Sabemos muito pouco sobre a École Centrale de Bruxelles e perguntamo-nos se vale a pena deixá-lo ir para lá. Aguardamos.

Aparentemente, Jan deu muitos detalhes sobre a presença

francesa na região costeira, ou melhor, no departamento do Lys, como dizem nossos administradores hoje. Se bem me lembro, Leuven e Bruxelas fazem parte do departamento Dyle, não é? Os republicanos parecem gostar dos cursos de água para identificar os espaços geográficos. Talvez os nomes dos departamentos completem a ode à natureza que encontramos no calendário deles. Digo deles porque, no geral, vejo entre nós poucas pessoas a usar o calendário decimal. Por regra também não é necessário, pois a maioria de nós ainda organiza as tarefas diárias de acordo com a luz e a escuridão e deixamos o registro das datas e horas corretas para quem faz a escritura de actas. Estou a divagar. Claro que não sei o que Jan vos disse, mas sei que Napoleão também impressionou em Bruges quando visitou o país no ano passado. As histórias que se contam pareceram-se cheias de bajulação. Até foi dito que o público o deu vivas em francês na passagem da carruagem e que foi recebido com eloquentes discursos franceses, quando a verdade é que muitos dos nossos magistrados mal falam francês. Seja.

O que nos preocupa mais seriamente é que devido a toda essa ocupação francesa e que o Consulat seria o governo libertador de nossos territórios, pouco se fala da vida do povo trabalhador. E a correspondência é novamente difícil. Temos que nos contentar com notícias vindo de encontros casuais com mercadores e marinheiros.

Ouvi dizer existir hoje uma caderneta de trabalho emitido pelo governo para quem trabalha contra salário. Sem caderneta não se consegue trabalha. Pode, claro, ser uma forma de exercer algum controle sobre quem segundo a lei pode exercer trabalho e quem não, pensem nas crianças mais novas. Mas, aqui entre nós, não vemos grande mudança. As crianças continuam a passar muitas

horas nas oficinas ou nas 'fabrique'. Parece-nos que empregadores e pais simplesmente não levam a sério a lei da caderneta de trabalho. A arrogância do dinheiro e a dificuldade de sobrevivência andam mais uma vez de mãos dadas. Tanto quanto sabemos, o número de crianças que trabalham devido às condições de vida está a aumentar, mesmo entre os nossos vizinhos do norte. As escolas para pobres e órfãos depressa enviam as crianças para o mundo do trabalho. Os pais também. Há alguns anos estudamos as propostas de Pestalozzi para escolas para pobres. Ele falava da necessidade de ensinar os pobres a conviver com a sua pobreza para serem pobres felizes. Então antes da República acenar com bonitas palavras de ordem como agora, igualdade nunca significa igualdade na posse de meios para viver. Como alcançar a igualdade se alguns têm tempo e dinheiro para ler, estudar, comer e vestir-se adequadamente e outros não? Não, queridos pais, a proclamada igualdade pela qual se diz lutar continua a ser para um grupo limitado de pessoas que explora o trabalho de um gigante grupo de gente. Volta e meia discutimos isso mas também não sabemos como realmente mudar esta situação. Na nossa escala muito limitada, continuamos a proporcionar momentos de leitura e reflexão a quem por norma não tem meios para o pagar, tal como no Keizerskaai. Mas não nos é possível libertar horas de trabalho a quem trabalha até 18 das antigas horas ou 7,5 das novas num dia de 24 ou de 10. Seja como for, apenas sobra um quarto do dia para descansar, comer e dormir. Não podemos deixar de admirar as crianças e os adultos da população pobre de Bruges que aos domingos nos vêm visitar na Casa-Escola e no Círculo de Estudos, sempre com vontade de ler e aprender. Ainda por cima,

muitas vezes não ficam mais felizes a medida que ganham capacidade de reflexão. Nós realmente não fazemos nenhum favor aos seguidores de Pestalozzi. De facto, os nossos visitantes refletem bem mais acerca da desigual igualdade.

Caros pais, pensamos que esta aventura republicana que hoje vivemos não trará tanta inovação como nos fazem crer os entusiastas apoiantes do Consulat e sobretudo os do Primeiro Cônsul. Quem está a deitar areia nos olhos de quem?

Certamente já ouviram falar da compra da Louisiana pelo governo dos Estados Unidos da América. Lodewijk fez perguntas ao pai a esse respeito. Ouvimos de quem esteve lá o seguinte: o novo presidente Thomas Jefferson originalmente só queria comprar a cidade de Nouvelle-Orléans aos franceses. Talvez as futuras guerras são assim: uma cidade já não é sitiada mas simplesmente comprada. As ideias de Jefferson em relação a expansão do território são tão peculiares quanto aquelas em relação ao seu projeto educacional em tempos para a Virgínia. Talvez a compra de uma cidade cause menos sofrimento aos habitantes do que seu cerco, mas não é o cúmulo da arrogância dos possuidores? Temos mais recursos, logo compramos simplesmente o terreno da cidade, habitantes incluídos. Aos moradores ninguém pergunta se querem ser vendidos. Esse género de ideias provavelmente só vem à cabeça de quem considera igualmente normal que escravos negros possam ser comprados e vendidos, não acham? Mas neste caso o vendedor participou no festival das ideias malucas. Primeiro o Consulat nem sequer quis saber da venda, depois e de repente ja não se tratava da Nouvelle-Orléans, mas de toda a Louisiana, uma área maior que os Estados Unidos inteiros. E o comprador aceitou: ainda

houve algum parolar e no final pagou-se 60 milhões de francos franceses à França. O preço inicial era de 80 milhões, mas deduziu-se uma soma para compensar as perdas causadas por piratas franceses… Isso parece uma espécie de pequeno caso de bulbo de tulipa: o governo francês vende ao governo americano terras que tem supostamente em concessão em resultado de um acordo secreto com a casa real espanhola. Falando de arrogância... Que os arrogantes franceses não se pronunciam acerca dos habitantes originais das áreas deve ser o resultado da filosofia de mentes iluminadas que continuam a defender a existência de diferentes espécies humanas e, aparentemente, os seus próprios emigrantes também evoluíram - ou regrediram?- para esta espécie diferente... Entretanto, arrogantes americanos no poder veem imediatamente a possibilidade de expandir a colonização e, portanto, a produção de algodão. Logo os conservadores barões do algodão e da escravidão saem reforçados na sua luta contra os ligeiramente mais liberais barões industriais em ascensão no nordeste dos Estados. Esses obviamente consideram a compra ilegal e até inconstitucional. Todo o absurdo projeto custe caro e temo que, como tem acontecido ao longo da história, aqueles sem nada a dizer sofrerão certamente muito mais.

Queridos pais, nesta carta deixei-me guiar pelas minhas emoções e espero que ela vos chega. Sinto-me um tanto desanimado com os acontecimentos dos últimos anos nessas duas repúblicas. Substituir as casas reais por líderes eleitos parece não muda a relação entre possuidores e quem nada possui. A própria arrogância apenas fique em outras mãos, assim me parece. E mesmo disso não tenho certeza: já repararam quantas figuras de

alto gabarito prestando serviço ao Consulat da atual República Francesa são as mesmas que anteriormente prestavam serviço à Corte? Aqueles que literalmente perderam a cabeça nos últimos dez anos foram os que mais gritaram de ambos os lados enquanto aqueles que se consideravam no topo, seja por herança ou por violência armada continuam no topo.

Vossa carinhosa Élise

O general Davout expressa a Napoleão a sua preocupação acerca da lealdade dos habitantes do departamento do Lys para com a política francesa. É inegável. Em toda a região do Mar do Norte existem grandes interesses comerciais com os países vizinhos Inglaterra e os Países Baixos do Norte. No início de Nivôse Ano XII, ele diz: "*Je viens de découvrir un homme très riche de ces pays-ci qui commissionnait deux individus d'Ostende pour aller entre autres donner de l'argent à tous les prisonniers anglais que nos convois amène d'Ostende. J'espère sous huit ou dix jours en savoir davantage et avoir appris les preuves de conviction nécessaires pour démasquer, suivant toutes les apparences, le chef de l'agence anglaise dans ces contrées*". Poder-se-ia tratar unicamente de apoio a prisioneiros, mas essa não é a opinião de Davout e de quem detém o poder. Há alguns meses, foi preso um homem que caminhava pelo acampamento militar perto de Oostende fazendo perguntas aos soldados comuns. O oficial da semana prendeu-o e encontrou nele pistolas de fabricação inglesa. Foi o suficiente para o acusar de espionagem. Davout foi autorizado a fuzilá-lo não apenas na presença das tropas, mas também de parte da população de Oostende. Contudo a ideia dos Franceses de dar um exemplo pode ter provocado ainda

mais relutância na população não cativada pelo mero espetáculo de executar um condenado à morte.

A primavera deste ano traz uma notícia que ainda surpreende alguns, enquanto outros a veem como confirmação de uma suspeita de longa data: Napoleão Bonaparte recebe do Senado o título de imperador. A ambição do militar de imitar figuras da história antiga é agora bastante mais evidente. Locais presenciando as suas visitas em Oostende e Bruges e tendo algum conhecimento dos escritos da antiguidade vêem, como os antigos viram antes aparecer os guerreiros de Roma, agora entrar os guerreiros de Paris. Jan e Madeleine reconhecem ainda outros sinais. O Consulat é fruto de intrigas de altas figuras do Estado. Instalou primeiro, como se fez na antiga Roma, um senado e o equivalente um triunvirato. Agora que o Senado conferiu o título de Imperador ao Primeiro Cônsul, não demorará muito para Paris dispor dum ditador de modelo romano…

O recém-nomeado imperador consegue finalmente dar enquadramento legal a um projeto iniciado em 1793. A jurisdição escrita geral passa a chamar-se Código Civil. Mais outra versão parisiense retomada dos predecessores romanos.

Os conturbados anos entre 1793 e a instalação do *Consulat* e do Senado tinham atrasado este projeto. Nos últimos anos, partes foram publicadas, tornando-as juridicamente efectivas, mas agora existe um quadro legal geral completo. O *Círculo de Estudos de Bruges* tem novo tema de debate frequente. O que já está claro é que a partir de agora a justiça será administrada com base em disposições escritas e não com base em costumes

locais. Segundo Jean-Jacques, a lei torna-se menos inconstante e menos dependente de opiniões pessoais. Para outros membros do *Círculo*, incluindo a família Greysel, é um documento imposto por quem tomou o poder recorrendo a um golpe militar. E as mulheres do *Círculo de Estudos* demonstram imediatamente que agora as mulheres foram postas de lado não apenas pelo costume, mas também pela lei. Quando casa, uma mulher torna-se subserviente ao homem que passa a ser o chefe da família. Élise ironiza o resultado de tais atitudes baseadas na lei escrita dos Romanos não impedindo a continuação dos costumes dos Gregos. As mulheres são mais propensas a adquirir conhecimento, erudição e cultura literária se permanecerem solteiras, ou quando, como foi, e provavelmente ainda é o caso da aristocracia, contraírem casamentos de conveniência dando-lhes os meios para levar uma vida independente, tanto no campo do conhecimento quanto no campo amoroso.

As atividades militares e a fortificação do acantonamento a este do canal do porto são agora bem mais visíveis. Na maré baixa, as tropas exercitam regularmente na praia e alguns Oostendeses gostam claramente de ver o espectáculo. Os oficiais franceses estão bem cientes poder haver espiões ingleses entre os mirones. Devido aos laços históricos e à localização geográfica, eles facilmente encontram abrigo em Oostende. A relação entre tropa e população conhece momentos de tensão embora muitas vezes os espectadores são apenas jovens a querer ver os exercícios e brincar com os soldados imitando-os. Contudo, provocar recrutas inexperientes tem perigos. Não é

raro haver disparo de tiros em direção aos jovens provocadores. Assim, o destino atinge a família Lemaître num quente dia de junho. Lodewijk está de visita em casa dos avós. Como é hábito seu, ele passa os dias na biblioteca do Keizerskaai com os filhos de Boudewijn e Gertrude, com quem se dá bem. Uma tarde, eles saem e dirigem-se juntos ao canal do porto onde encontram mais amigos. Estes sugerem atravessar a remo o canal do porto para observar os soldados. Os jovens ainda hesitam, mas concordam em ficar nas dunas a distância segura dos exercícios das tropas. Caminham algum tempo para depois se deitar numa bacia. Revezam-se para observar a atividade na praia. Aparentemente, o bom tempo atraiu muita gente, e os provocadores na praia visam uma dúzia de recrutas desajeitados. Fartos, esses disparam tiros em direção dos espectadores depois de algum tempo. Dois jovens mirones fingem ser atingidos e caem na areia rugindo. À distância, parece bastante real e mais espectadores acorrem agora com ar ameaçador em direção ao último soldado a disparar o mosquete. Em pânico, os recrutas refugiam-se nas dunas, acompanhados por outros soldados do batalhão. O grupo passa pela bacia de duna onde o grupo de amigos se abrigara, ficando surpreendido com o inesperado desenvolvimento. Quando os soldados que acompanham as recrutas os avistam, eles assumem estar na presença de espiões ingleses e disparam por sua vez. Lodewijk sente uma forte dor no peito e cai nos braços de um de seus amigos. Os outros levantam os braços e gritam bem alto “Parem! Parem!” Todo o grupo é levado para o acantonamento onde o oficial de plantão os interroga. Quando

olha para o jovem inconsciente e ouve o nome Lemaître, ele pergunta se o ferido é parente dos mestres da escola do Keizerskaai. Os irmãos Van Heurck explicam em bom francês que se trata do neto de Jan Lemaître e que a escola é agora administrada pelos seus pais. O oficial exclama incrédulo: "Então vocês são filhos de Boudewijn e Gertrude!" e apresenta-se como François Picard. Logo a seguir ele expressa o seu profundo pesar pelo estúpido acidente. Um médico do exército traz Lodewijk de volta à consciência e examina-o. Ele nota um significativo ferimento nos músculos do lado direito. A bala entrou no peito entre duas costelas. Pelo que o médico pode ver, o pulmão não foi afetado, pois não há vestígios de sangue na boca, garganta ou nariz do jovem. Ele limpa a ferida e coloca um curativo. Avisa que deverá aparecer uma febre alta e que é melhor levar já o rapaz para os avós. François edita um salvo-conduto para os jovens e fá-los acompanhar de uma escolta de quatro soldados. Transportam Lodewijk num beliche até o canal do porto e põem-no no barco. No lado oeste, deitam-no novamente no de beliche até a Kapellestraat. François escrevera uma apressada nota para Jan e Madeleine, anunciando que cuidará pessoalmente da visita do médico do menino e que os visitará assim que der sua licença de coronel do regimento.

Quando a pequena procissão chega à casa de Jan e Madeleine, os avós ficam muito consternados. A carta de François só os tranquiliza um pouco. Eles metem o neto na cama e oferecem um jantar leve aos quatro soldados antes de estes retornar ao acantonamento. Os amigos desaparecem para casa. Poucas horas depois, Boudewijn e Gertrude vêm de visita, chocados

com os acontecimentos da tarde. Os quatro passam uma noite nada tranquila, sobretudo quando, nas primeiras horas da manhã, a febre de Lodewijk sobe. Os amigos acabaram de sair quando chega um médico, em nome de François Picard. Ele explica que cada dois dias se desloca do acantonamento para a cidade para visitar o hospital do exército na Ooststraat e que virá observar Lodewijk no caminho de ida ou de volta, o tempo que for necessário. Ele mostra como trocar os curativos e como lavar a ferida com água fervida e cobri-la com mel depois de cada lavagem. O médico deixa um pote de vidro do melhor mel liquido da França, segundo ele, oferecido pelo próprio François.

Algumas semanas depois, François e Jan saem juntos do *Hotel du Commerce*, onde assistiram a uma palestra na *Societé Littéraire*, e caminham vagarosamente até a Kapellestraat. Jan pergunta François se tem tempo para entrar. Ele acena com a cabeça e explica que irá passar a noite na Langestraat. Juntos, entram na sala de estar onde encontram Madeleine e Lodewijk a beber um chá. Cumprimentam-se calorosamente. François expressa novamente o seu alívio por Louis estar quase recuperado. No entanto, ele não deixa de lembrar o jovem como é imprudente observar as manobras do exército. O nervosismo dos generais de Napoleão em relação a de espiões ingleses está ao rubro. François lembra as execuções públicas obtidas pelo general Davout em Oostende.

Madeleine encaminha a conversa para falar do Primeiro Cônsul recentemente intitulado imperador. François confirma estar previsto outra cerimónia de coroação antes do final do ano. Ele conta aos amigos que quando Lodewijk foi atingido por aquela

maldita bala, os graduados já sabiam do plano do imperador para visitar novamente o Camp de Bruges e tomar ele próprio o pulso do seu andamento. E de facto ele estivera entre os soldados há poucos dias, daí o relaxamento geral nas últimas duas semanas, agora que se foi embora. Correra tudo bem. O imperador revistara os 25.000 homens. Ele mostrara-se encantado com a maneira como muitos soldados passam o seu tempo livre plantando jardins de flores. Madeleine observa com tristeza como seria melhor o exército ser um de jardineiros permanentes, em vez de um treinado para futuras guerras. Toda a pessoa de Napoleão exala arrogância e desejo de poder e ele já tem um impressionante passado de guerras e batalhas. Por que é que mudaria agora?

Também não é segredo de Estado, acrescenta Jan, que os reis ainda em exercício e a antiga nobreza francesa, nunca reconhecerão o título concedido a Napoleão pelo Senado. Segundo François a planejada cerimónia de coroação tem a ver com isso mesmo: no círculo íntimo do novo imperador, diz-se que Napoleão Bonaparte quer causar a necessária impressão. Até o Papa foi convidado para assistir à cerimónia de coroação, mas está para ver se Bonaparte será capaz de convencer mais do que si próprio e os seus próximos quanto à introdução de uma nova dinastia governante.

A conversa regressa ao conteúdo da palestra à qual assistiram Jan e François naquela noite. Ambos falado dos exemplos dados relativo ao desenvolvimento da obra de Lavoisier. Os Franceses já podem voltar a mencioná-lo, ironiza Jan. Na Inglaterra, Humphry Davy desenvolve algumas pesquisas interessantes,

tendo se dedicado inteiramente à química depois de ler Lavoisier. Na palestra de hoje foram relatadas as suas experiências com o gás hilariante. Este gás atenua a dor chegando a eliminar a sensibilidade. Os médicos do exército estão interessados no seu uso. Mas o gás pode ser perigoso e deve-se portanto controlar a sua distribuição. A conclusão moral da palestra foi que o gás não serve para ser usado em feiras e nas tardes de chá especiais nos círculos aristocráticos. De resto, como soldado, François também se interessou pelo nitrato de prata e a sua sensibilidade à luz e pelas experiências de Davy com o microscópio solar com o qual terá conseguido ampliar imagens usando a luz.

E enquanto François e Jan relatam a palestra a que assistiram em Oostende, Michael Faraday, aprendiz de George Riebau na Blandford Street em Londres termina o seu dia de trabalho. Hoje tratou de preparar couro. Ele acaba de iniciar a sua formação como encadernador.

Finalmente chega o dia. Lodewijk regressa a casa. Embora seja declarado curado, Élise prefere não deixá-lo fazer sozinho a viagem para Bruges. Ela pede Hanne Greysel que costuma ajudar na *Casa-Escola* de Bruges de viajar de barcaça para Oostende e na volta acompanhar Lodewijk para casa. Jean-Jacques suspeita que Élise se assumiu como casamenteira, mas com olhos transbordando inocência ela nega qualquer tentativa neste sentido.

No entanto, após o retorno de Lodewijk, as visitas dominicais de Hanne tornam-se mais frequentes. Durante algum tempo ela aparece antes da missa de domingo, mas rapidamente muda a

visita para depois da missa. Lodewijk explica à mãe que Hanne tentou persuadi-lo de a acompanhar à igreja. Ele recusou educadamente, mas com firmeza. Por isso Hanne vem agora depois da missa, ou mesmo depois do almoço. Nos dias de tempo ameno, os jovens pedem permissão aos respectivos pais para caminhar ao longo dos *Reien* de Bruges, do Katelijnevest ou nos relvados perto dos locais de amarra das barcaças para Gent e Oostende. Aí costumam passar as tardes com os irmãos de Hanne ou acompanhados por uma tia.

Em todo lado aumente a pressão para tornar a pequena escola, muitas vezes designada de *escola primária* ou *escola primeira*, acessível a todas as crianças. Fala-se mesmo cada vez mais em introduzir a obrigatoriedade de frequentar a escola. Já é o caso em algumas partes dos Países Baixos, do Sacro Império Romano e na Áustria, geralmente por iniciativa dos administradores locais.

Jean-Jacques reúne informações para as juntar às do pai e do avô acerca da escola para todos, inclusive para as crianças que não pertencem à aristocracia ou à burguesia abastada. Preocupa-se com o alastramento do que ele intitula de *fábrica de instrução de Lancaster*, principalmente para reduzir custos. Colocar crianças sujeitas à mesma instrução em grupos bem definidos nas salas de aprendizagem é doravante claramente uma escolha consciente de muitos administradores. Isso cria coortes, que alguns chamam de unidades ou classes, cada uma ficando sob os cuidados de um determinado monitor. Segundo Jean-Jacques, o sistema Lancaster é somente um modelo de organização para submeter à instrução obrigatória os filhos da

população que trabalham em '*les fabriques*'. Os alunos são apenas um objeto, tal como os seus pais o são no local de trabalho. A *escola primária* na qual os administradores seculares determinam o currículo equivale assim a *Petite École* na qual o currículo é da autoridade da igreja equivale. Para os filhos do povo é a única escola e com conteúdo de ensino bem definido. Agora que Lancaster ganhou o apoio de Lord Somerville e do Duque de Bedford, ele escreve com entusiasmo a quem quer ler acerca do crescimento de sua própria escola: "*A expansão de minha escola de trezentos e cinquenta para quase oitocentas crianças em seis semanas, e a criação de uma instituição semelhante para duzentas meninas provou claramente que, de acordo com minha escola e o meu sistema de ensino, mil ou mais crianças poderiam ser ensinadas sem precisar da ajuda de um tutor adulto*." Jean-Jacques está convencido que a arrogância do lucro só aumentará a ignorância geral, inclusivamente na instrução das crianças.

Alguns meses depois François Picard visita Jan e Madeleine na Kapellestraat em Oostende. O estado de saúde de Jan degradara desde o inverno passado e os acesos ataques de tosse são cada vez mais frequentes. Prefere ficar em casa e limitar as visitas ao seu pequeno círculo de amigos. François sente passar por um momento difícil. Ele vem se despedir do seu amigo e suspeita poder ser a última vez que encontra esse notável professor.
"A vossa Casa-Escola foi um dos lugares mais curiosos que alguma vez encontrei desde que saí de Lille", começa François. "Nunca vi em sítio algum onde fiquei estacionado ao longo da minha vida um envolvimento como o vosso com as crianças e

com suas famílias. Falei do vosso projeto com meus pais há dois anos quando os visitei durante uma curta licença. Eles lembraram os encontros de salão na casa dos teus pais, Jan. E entretanto sei do *Círculo* no qual participa o vosso filho em Bruges. Toda a vossa família está muito envolvida com essa ideia de tornar acessível a todos o conhecimento e ciência."

"Da difusão do conhecimento e da ciência, como condição para todos que assim querem para eles possam contribuir… Bom, parece que agora a nossa preocupação passa de geração em geração. Acho que o *Círculo de Estudos* de Jean-Jacques e Élise não tem exatamente o mesmo fundamento que tinham os encontros dos meus pais. Na verdade, os meus pais trouxeram o hábito de abrir salão de Paris para Lille. Jean-Jacques e Élise experimentam como tornar viável uma postura cosmopolita em Bruges com um círculo de pessoas de origens muito diferentes. Uma espécie de *Res Publica Literaria* em miniatura, antes *Oratoria* que *Literaria*, se me permitires o trocadilho. Círculos como esse parecem ser necessários nesses tempos nos quais as ideias das Luzes voltam lentamente a serem constrangidas por aqueles que reivindicam o poder."

François pensa por momentos nas palavras do seu amigo. Ele nunca conheceu ninguém a pensar tanto em como atitudes arrogantes atrapalham o desenvolvimento das pessoas em geral e como essas atitudes sempre fazem vir a ignorância ao de cima. Alguém nada arrogante e humilde, num minúsculo ponto do globo, com a ajuda de poucas pessoas, ensina grupos de crianças a pensar, sem estar preocupado em escalar o impacto dessa aventura local. Lembra-se agora como Jan dissera que se a

ação deles ajudasse algumas das crianças com quem trabalharam a desenvolver uma mente mais questionadora e tolerante quando forem adultos, mesmo se dificilmente poderá ter a certeza relativamente a isso, então o seu trabalho terá tido sentido.

Depois ele diz: "Bem, dificilmente poderemos esperar de alguém que trilha o seu caminho no exército alegando primeiro ideias jacobinas para as negar depois, alguém recorrendo ao aparato militar para impor mais uma constituição, alguém afastando a seguir aqueles que o convidaram a fazê-lo para se projetar tendo os imperadores romanos e francos como exemplo, não procura ser proclamado imperador também. Claro que foi ele próprio a conduzir aquela proposta do Senado em março do ano passado e a insistir na coroação. Poderíamos falar de uma partida de menino mau comportado, se toda essa tomada do poder não causasse tanto sofrimento a tantas pessoas. A capacidade bélica da França serve ao imperador, isso é claro. Mas Jan, sabemos há muito tempo que sob o jugo do Primeiro e do Segundo Estado, nenhum sonho de igualdade universal poderia ser realizado. Só quem tem tempo para pensar nas pessoas e nas relações entre as pessoas é capaz de trabalhar em prol dessa igualdade. E mesmo no seio desse grupo muitos pensam apenas para si e talvez muito superficialmente um curto momento para os outros de quem dizem não terem tempo ou capacidade para pensar. Fica aquilo que chamaste de louco conceito desenvolvido por grandes pensadores que os pobres aqui e os escravos no resto do mundo não fazem parte da humanidade. Talvez muitos imperadores terão que chegar e sair talvez outras formas de

governo terão que ser inventadas ou descobertas de novo, antes de existir uma convivência cosmopolita se depender de apenas uma filosofia de vida."

François explica a sua visita de despedida. O *Camp de Bruges* será evacuado em breve. Foram feitos os preparativos para uma rápida deslocação de todo o acampamento pelo Marechal Imperial General Davout.

"Davout é tudo isso?" pergunta Jan com um sorriso melancólico. "Outro que se serviu da porta republicana para sair da velha pequena aristocracia e entrar na nova aristocracia. Ou devo dizer se tratar simplesmente de quem está a trilhar o seu caminho?"

"Só o futuro dirá qual será o caminho, meu caro amigo. E quanto a isso, receio que os nossos caminhos se separam agora. De aqui alguns dias partirei com meus homens para uma região do Reno, ainda não sei exatamente qual. Não sei se algum dia voltarei a Oostende em serviço ou não."

"Portanto, para já não verás concluídas as obras de melhoria no porto com a instalação da bacia e eclusa de água de açude, para as quais o novo imperador acaba de dar permissão", constata Jan.

Depois de se despedir dos demais presentes, François abraça Jan longamente. Os dois homens têm lágrimas nos olhos quando se soltam. Instintivamente sentem que para ambos o fim está próximo.

O *Camp de Bruges* está completamente levantado quando Jan, Karel, Madeleine e Tiene descobrem com alguma surpresa que este acampamento fora um pequeno elo de uma cadeia de

campos de treino juntando veteranos e recrutas, de Boulogne até ao Zwin. Esses campos foram a concretização física do plano do general Davout para em dois anos formar um exército profissionalmente instruído. Durante todo o tempo os homens viveram juntos e tornaram-se soldados bem disciplinados e treinados, em boas condições físicas devido aos muitos exercícios. Todos os soldados conhecem os seus superiores e são conhecidos por estes. Assim torna-se mais fácil manter todos calmos em situações ameaçadoras. Fala-se do método Davout quando é referido esse tecido invisível, o *esprit-de-corps*, e a maneira como foi como o tecer. Por toda a parte distingue-se a unidade do Marechal de todos as outras. Os quatro amigos descobrem com alguma incredulidade que o general se orgulha ter conseguido transformar os seus compatriotas a quem apelida de "raça guerreira" em "raça militar".

"Lancaster ainda se pode inspirar no general Davout," observa Karel. "Imaginem 800 crianças aprendendo sob comando para todas dizer ou fazer a mesma coisa exatamente ao mesmo tempo. Um local com três salas sucessivas, ou classes como agora aparentemente são chamadas, cada uma delas cheia de crianças no mesmo nível de instrução, três mestres e o grupo de monitores necessários podem instruir simultaneamente todas as crianças de uma cidade de tamanho médio. Dependeria apenas das instruções precisas se disso resulta a "raça militar", a "raça francesa", uma raça dócil ou qualquer outro tipo de raça unitária ambicionada.

"Não falas em voz alta desse pesadelo," alerta Madeleine.

Jan argumenta que uma abordagem assim é certamente

possível: para a conseguir, basta ligar as propostas de Lasalle às propostas de Lancaster.

Tiene pergunta então: "Mas será o esquema Lancaster um modelo de sucesso duradouro?"

Jan responde: "Não sei o que vocês pensar a este respeito, mas suspeito que seja onde houver raciocínio tendo como base uma simples análise de custo-benefício para transformar crianças carentes e pobres das classes mais baixas em mão de obra aceitável, Lancaster certamente terá sucesso. Será o caso por muito tempo e em quase todos os lugares. Olha, a escola dele está a descolar em vários sítios e dá para ouvir o entusiasmo, até em Nova York. Acabei de saber que a recentemente criada *Free School Society* deseja educar crianças carentes que não encontram vaga nas pequenas escolas da cidade organizadas pela Igreja. A Sociedade anuncia claramente na sua carta constitucional as auto-declaradas ambições benevolentes: "*Atenção pessoal deve ser dada a essas crianças para a melhoria da sua moral, e a dos seus pais, auxiliar para a obtenção de situações adequadas na indústria e de bons hábitos. Para dotá-las da capacidade de aprendizagem necessária ao bom cumprimento dos deveres da vida, a Associação está convicta de que o Modelo Lancaster proporcionará os efeitos mais benéficos e duradouros*". Além disso, sei de quem falou com o presidente daquela associação como este elogiou publicamente Lancaster "*o benfeitor da raça humana*" e referiu ao seu sistema como "*uma bênção enviada do céu aos pobres e necessitados deste mundo para as libertar das garras da dominação e da ignorância*". Mostra mais uma vez como as pessoas superficiais pensam acerca do

conceito de ignorância, e pode-se perguntar como o conhecimento e a ciência são definidos nesse contexto."

Madeleine intervém agora: "Acredito convictamente que todos os esforços devem ser feitos para tornar conhecidas a Casa-Escola e escolas infantis semelhantes entre todos os que desejam educar crianças. E isso só acontecerá se todos os que lideram essas iniciativas se encontrarem e divulgarem o seu trabalho. Lassalle tinha toda a sua congregação a apoiá-lo, Lancaster pode contar com quem tem dinheiro e poder. Pestalozzi pode não ser tão bom vendedor quanto Lancaster, mas conta com a simpatia daqueles com quem partilha as ideias das Luzes. Pelo que sabemos de nossos amigos da República Helvética, ele teria sido membro da *Ordem dos Illuminati* até a ordem ter sido proibida pelo Eleitor da Baviera. Agora é cidadão honorário da França, tornando-o aparentemente suspeito na sua própria região, mas…"

"Não te esqueças do que vais dizer", interrompe Karel Madeleine, "mas entretanto oficialmente a República Helvética fundiu-se na Confederação dos XIX Cantões. Dá à antiga Confederação dos XIII Cantões um pouco mais de independência relativamente à ocupação francesa, pelo menos no papel, porque continua a ser um estado vassalo. Deve ser por isso que a cidadania honorária de Pestalozzi parece suspeita."

"Certo, Karel, o mapa da Europa é rapidamente redesenhado hoje em dia. Mas a minha ideia é que assim que houver escolas centrais onde seja possível aprender a profissão de mestre-escola - e não vai demorar muito, acho - essas escolas ensinarão aqueles métodos preferidos por quem está no poder. Lancaster e

Pestalozzi farão parte do cardápio, tenho as minhas suspeitas. E talvez Lasalle também, apesar do conteúdo religioso-católico. A nossa abordagem não fará parte da ementa, estou firmemente convencido disso. Devemos, portanto, apoiar todos os Boudewijns e as Gertrudes, todos as Élises e os Jean-Jacques tanto quanto possível. Pessoalmente, ficarei muito feliz se for escrita a continuação daquilo que a dinastia Magister-Lemaître já publicou e se os espíritos livres envolvidos na educação infantil continuem a partilhar ideias entre si."

Tiene aproveita para dizer: "Tivemos recentemente uma longa conversa com Boudewijn e Gertrude acerca de arrogância e ignorância. Voltamos a ler cuidadosamente ao teu ensaio, Jan, no qual continuas a trabalhar a partir dos escritos dos teus avós, quando estabeleceram a conexão entre arrogância e ignorância. Esse ensaio circula em círculo muito limitado, é verdade, mas achamos ser uma grande ajuda para reflectir acerca da diferença entre instrução e educação."

A conversa é interrompida com um violento ataque de tosse de Jan quando ele quer intervir. Finalmente consegue responder, e diz com uma voz rouca: "Acho que os meus avós e aqueles que trabalharam com eles, mas também os meus pais, com as suas experiências de salão em Lille, deram um muito pequeno contributo para perceber uma estrutura educacional na qual as relações entre os envolvidos se baseiam no diálogo e não na instrução. Esse edifício educacional sempre existiu e sempre foi visto, se não com desdém, pelo menos com desconfiança por quem detém o poder ou o procura obter com base na posse de bens e de pessoas ou porque possuem cartas de crédito que lhes

abrem caminho para a posse de bens e de pessoas. Quanto mais poder alguém tem, mais desconfiado essa pessoa olha para esse edifício educacional em concreto; e desconfiado olha para quem põe o edifício à disposição de todos, sem levar em conta a origem e a posição. Para eles, quem age assim, desafia o estatuto de governante humano proclamado por Deus.
Vejam como do reino surgiu o império. Desta vez, não se coroou Imperador um Eleitor, mas foi um estratego militar que abriu caminho e fez uso da antiga e nova ordem. Entretanto o estratego faz referências claras a antigos ditadores e comandantes-chefe militares. Mas não desanimemos queridos amigos, e esperemos que outros também não desanimam."

Naquele inverno, chega a Oostende a notícia da vitória retumbante de Napoleão contra uma aliança de reis e eleitores europeus graças ao exército bem treinado e ao chamado método Davout. Não é apenas a derrota dos monarcas austríacos, mas significa também o enfraquecer da posição dos governantes da Prússia, Rússia e Inglaterra. Alguns dias depois, os amigos recebem a notícia da morte de François Picard em Austerlitz devido aos ferimentos sofridos durante uma das batalhas. Mais tarde, Madeleine dirá a Jean-Jacques que ela não vira Jan chorar lágrimas tão amargas desde a morte de seu pai.

Jan não sobrevivera ao amigo por muito tempo. Ele morre em junho do ano seguinte, totalmente exausto pela persistente doença nos seus pulmões, causando-lhe ataques de tosse cada vez mais violentos levando-o a cuspir sangue no fim. Ele está enterrado no novo cemitério, fora do portão da cidade, perto da

estrada principal para Wijnendale e Torhout. Depois da sua morte, Madeleine passa cada vez mais tempo em Bruges com Jean-Jacques e Élise. No entanto, ela não vende a casa na Kapellestraat. Ela faz um acordo com os filhos de Gertrude e Boudewijn. Eles podem usufruir gratuitamente da casa, como bem entenderem sempre que Madeleine não estiver, desde que a mantenham adequadamente. Madeleine paga-lhes uma pequena compensação por isso. Também fica acordado que, quando Madeleine falecer, Jean-Jacques e Élise podem reaver a casa a qualquer momento.

O Círculo de Estudos de Bruges

Anos vêm e vão. Estamos em dezembro de 1814.
Jean-Jacques e Élise dedicam todo o seu tempo ao *Círculo de Estudos* e Lodewijk cuida da Casa-Escola de Bruges. Ele tem o apoio de Hanne e troca regularmente cartas com os filhos e a filha de Boudewijn e Gertrude. Estes trabalham com os pais no na Casa-Escola no Keizerskaai de Oostende.

Em 12 de fevereiro de 1809, nascera Charles Darwin, de quem se ouvira falar muito de aqui algumas décadas. No mesmo ano, Thomas Jefferson terminara o seu mandato presidencial. Fora sucedido por James Madison, tal como ele, um proprietário de escravos. Embora muito se fale do flagelo da escravidão, nem as casas reais e a alta burguesia da Europa, nem os republicanos de zonas independentes do mundo colonizado querem por-lhe fim apesar de vagas promessas.
E de repente, em abril de 1814, o mundo Europeu parece estar

a mudar mais uma vez. Napoleão Bonaparte fora forçado ao exílio. Bem tentara ele garantir o trono para sua posteridade, mas as casas reais européias aliadas e a aristocracia francesa colocam Luís XVIII como monarca constitucional naquele trono francês.

Os alunos da *École Polytechnique*, incluindo o jovem Augusto Comte, compreenderam no mesmo momento que a mudança de poder ameaçara fechar a escola, com o reaparecimento do rei. Este não fora oficialmente sagrado, mas isso não impedira Augusto Comte de anunciar não querer mais ouvir falar de religião e ter perdido completamente a fé católica, chocando assim a sua família católica.

O departamento do Lys sob administração francesa fora incorporado no Governo Geral da Bélgica no início do ano. Fazem-se os preparativos para colocar toda a área sob a autoridade de Guilherme I de Orange-Nassau após a conferência de paz que agendada para maio em Paris. Mas o sofrimento ainda não acabou. Este departamento bem como os do Schelde, Twee Neten, Dijle, Jemappes e Samber-en-Maas, continuam a ser áreas de conflito. Tanto a Casa de Orange-Nassau como as Casas Reais Inglesa e Austríaca não querem ofender muito a Casa Real Francesa, contudo... a França deve recuar nas fronteiras antes de 1792 ou 1789. E isso significa incerteza para as terras dos Países Baixos do Sul. Como se toda área fosse uma desabitada terra de ninguém, os altos círculos falam sem vergonha da criação de uma zona tampão para servir de campo de batalha caso surjam novas tensões entre os monarcas governantes. E essa área tampão quase certamente ficará sob a

administração da Casa de Orange-Nassau…
Mas, por enquanto, aplica-se a lei francesa por cá. Essa lei foi alterada em vários aspectos, também em relação à imprensa e ao mundo editorial. Na introdução do decreto de 23 de setembro, lê-se: "*Considérant qu'en vertu des Lois et règlements actuellement en vigueur sur l'imprimerie et la librairie¸ la liberté de la presse a été soumise à une surveillance souvent arbitraire*". Admite-se, portanto, que a liberdade de expressão nem sempre foi corretamente tratada nos últimos anos. No entanto, recomenda-se cautela. O *artigo 2.º* torna cada um pessoalmente responsável pelo que escreve ou publica e o *artigo 4.º* proíbe expressamente publicações que tendam a degradar a religião ou a corromper a moral. Chega aos ouvidos de Jean-Jacques que Joseph Bogaert e Pieter de Vlieger pediram permissão para continuar a imprimir e editar. Jean-Jacques observa subtilmente que estes dois, seja como for, não poderão ser acusados de degradar a religião ou de pôr em perigo a moral pública. Hanne Greysels tem um ataque de riso ao ouvir o comentário de Jean-Jacques.

Jean-Jacques e Élise deram muito força ao *Círculo de Estudos de Bruges*. Tornou-se uma associação que, desde há vários anos, se reúne semanalmente. Muitos dos seus membros publicam regularmente em jornais e revistas com base nas conversas no Círculo. Mas a anunciada abertura em relação à liberdade de expressão não torna necessariamente mais fácil encontrar uma editora para imprimir um trabalho abordando os assuntos numa linha de pensamento diferente da editora. Nos últimos anos, o *Círculo de Estudos de Bruges*, no qual mulheres como Élise e

Hanne desempenham um papel de liderança, mantivera contato com universidades que não chegaram a fechar sob pressão da ocupação francesa. Lá, fala-se das mulheres envolvidas em pesquisas científicas. Jean-Jacques, Élise, Hanne, Lodewijk e alguns outros membros do *Círculo* conseguem publicar uma série de curtas biografias de algumas dessas mulheres, na forma de brochuras, financiadas por um patrono de Amsterdã. A série inclui a história de vida de Angélique du Coudray, Caroline Herschel, Émilie de Châtelet, Eva Ekeblad, Laura Bassi, Maria Gaetana Agnesi, Maria Sibylla Merian, Maria Winkelmann, Marie-Anne Pierette Paulze e Mary Wortley Montagu.

O *Círculo de Estudos de Bruges* também publica com alguma frequência como um coletivo. É o caso de "*Os soldados pensantes de Napoleão*" de 1813. No ensaio faz-se uma análise crítica de campos de instrução como o *Camp de Bruges*, com base nas informações reunidas pelo Círculo. O texto interroga por exemplo até que ponto as vitórias de Austerlitz e Auerstedt podem ser vistas como a vitória do soldado francês frente ao soldado prussiano mecânico. O raciocínio parece aos autores excessivamente simplista. Até que ponto as vitórias não dependem mais de decisões táticas dos comandantes militares, de ambos os lados do campo de batalha. Tal decisão tática pode, é claro, também envolver instrução e treino precedente à batalha. Mas, de acordo com os autores do *Círculo de Estudos*, as campanhas Napoleónicas em Espanha e Portugal e a fracassada campanha na Russia mostraram que mesmo soldados treinados pouco podem fazer contra os planos bem pensados da liderança opositora. Outros fatores desempenham um papel. Os autores

escrevem saber que as maiores perdas dos exércitos Ingleses em Flandres tiveram como principal causa doenças a enfraquecer os soldados, às vezes até um quarto do número total de uma divisão. A análise retoma em parte a conversa de há tempos entre Jan e Karel quando falaram do "método Davout". Por fim, faz-se a comparação entre os orçamentos para a instrução dos soldados e os dinheiros públicos disponíveis para a instrução das crianças, segundo o sistema Lancaster para a escola dos pobres.

Numa outra publicação intitulada *'Escolaridade ou Instrução. Ideias iluminadas e sua influência na educação de jovens e idosos'*, o *Círculo de Estudos de Bruges* discursa sobre o cavalo de batalha dos seus membros fundadores. O ensaio abre com uma afirmação, segundo os colaboradores mais próximos de Napoleão, a ele atribuída: *'Les vraies conquêtes sont celles que l'on fait sur l'ignorance!'* Peculiar, escrevem os autores, quando se sabe que, durante as batalhas, os exércitos de Napoleão costumavam destruir e pilhar cidades e conventos enquanto apenas uma parte dos achados foram encaminhados para os museus públicos emergentes. Se os ignorantes puderem participar das conquistas, não é certo que a ignorância seja vencida. Será o único motivo para o auto-coroado Imperador fechar e saquear universidades, a recorrente desconfiança em relação à Igreja Católica e às religiões em geral? O que quer ele dizer com ignorância? A ausência de conhecimento em geral ou de conhecimento que não se encaixa no seu próprio quadro de referência? O artigo cita Goethe: embaixador cultural do Ducado de Weimar, o filósofo também é conhecido como patrono da Universidade de Jena. Quando em tempos falara do

seu encontro com aqueles que lhe puseram a par a iniciativa à qual chamou de *'a instituição pedagógica do exército francês'*, ele disse: "*Os oficiais e suboficiais mantêm uma espécie de escola aos domingos para ensinar o soldado as suas funções e para instruí-lo daquilo que precisa na sua condição. O objetivo seria formar homens capazes e sábios, que tenham confiança em si mesmos.*" Após a batalha de Jena todas as casas foram saqueadas. A companheira de Goethe, Christiane, conseguiu mesmo assim poupar um pouco a deles. E apesar, ou talvez por causa do encontro que tivera com Napoleão em 1808, durante o qual fora ordenado cavaleiro da *Légion d'honneur*, ele lembrou aquelas horas assustadoras em outubro de 1806. Diz-se que, com o seu peculiar sentido de humor observou: "*Deve-se concluir que a grande mente à frente deles não cessa de os dominar a todos e nada teme dos oradores*".

De qualquer forma, a moda da escola dominical para soldados nos campos de treino nas quais os oficiais se encarregam da instrução, penetra nos demais exércitos. O *Círculo de Estudos de Bruges* afirma ter exemplos não apenas em outros campos franceses, mas também em campos dos exércitos prussiano ou britânico.

Os membros do *Círculo de Estudos de Bruges* focam o tipo de educação, tanto dos soldados rasos e analfabetos como das crianças. Dificilmente se pode esperar dos oficiais do exército entender a instrução da Escola Dominical de maneira diferente da instrução militar, mesmo que venham de famílias aristocráticas Iluminadas. Instrutores explicam, não dialogam. A este respeito, as informações que chegam ao *Círculo* são claras.

A instrução era suposta ajudar a concretizar outra ideia caracterizando a República Francesa, agora com aspecto de um Império. A *Directoire* assumira o credo da *Constituinte* acerca da introdução de uma língua unificada como pré-condição para cultura e governança comum. Os autores do *Círculo de Estudos* lembram como os franceses usam a palavra '*émancipation*' não no seu primeiro sentido de se livrar de ser escravo ou servo mas também para definir uma espécie de liberdade mais consciente. Para a política francesa, '*émancipation*' significa hoje banir toda língua ou dialeto local por estes dialectos serem consequência da forma como o Reino era governado. O conhecimento existia só localmente enquanto a ciência era difundida em Latim, língua conhecida por poucos. O abade Grégoire fora ainda mais longe quando dissera o francês ser '*la langue de la liberté*'. Mas hoje, essa língua da liberdade é imposta: todos lembram-se de como qualquer língua outra que francês fora banida dos tribunais e da administração em 1806, sem levar em conta que nos Países Baixos do Sul, por exemplo, o francês era tão inacessível quanto o latim. Para aprender a língua da ciência, diria Comenius, tudo deve ser ensinado a todos. Isso significa uma escola que estimula a diversidade de idiomas, concluem os autores do *Círculo de Estudos de Bruges*, e essa escola ainda não existe.

Para as crianças enclausuradas em orfanatos, certamente não existe escolarização, somente instrução obrigatória, observa o *Círculo de Estudos de Bruges*. Todas as informações sobre o destino dos que ficaram nas escolas para pobres parecem apontar para uma espécie de militarização forçada nos exércitos

de Napoleão. Uma estranha forma de liberdade pessoal, afirma Jean-Jacques num parágrafo pessoal.

O texto trata igualmente do surgimento da *Lancaster School* na Inglaterra e em outros locais onde há quem pretende aumentar a instrução dos pobres a baixo custo. Menciona *The Cottagers of Glenburnie*, publicado por Elisabeth Hamilton há cinco ou seis anos. Nesse texto, a professora da aldeia, Sra. Mason, é instada a reformar a escola e trabalhar com monitores. A escola de David Manson serve de exemplo: '*Ele refere à sua escola como a escola de brincadeiras, cujas regras são tão excelentes que um qualquer aluno nunca sente que deve aprender, mas sempre pensa em si mesmo como auxiliando o mestre no ensino ... dos outros*'. Elisabeth Hamilton diz não querer depreciar as reformas de Lancaster, mas considerar o seu sistema apenas como um aumento de escala para a realização do seu predecessor Manson com extraordinário talento conseguida numa esfera limitada. O *Círculo de Estudos de Bruges*, por seu lado, prefere continuar a manter o sistema cooperativo de educação '*sensorial, lógica e centrada na criança*' baseado na recompensa longe e bem separado da disciplina draconiana de Lancaster. O *Círculo* refere-se a Manson como alguém que introduzira as ideias de Rousseau e Locke na escola, não sendo o caso de Lancaster. Elisabeth Hamilton, dizem os autores bem pode não querer diminuir a reforma de Lancaster, mas falando assim, diminui consciente ou inconscientemente algumas das ideias de David Manson, incluindo a co-educação. Em *The Cottagers,* meninos e meninas são de novo separados e, segundo as personagens principais do livro, isso se deve principalmente ao diferente

trabalho doméstico exigido a ambos os sexos.

O texto discursa sobre William Drennan. Inspirado por Hamilton e por Manson, este colocou a primeira pedra para o que ficará conhecido como o *Instituição Académica de Drennan*. Refere *Frederick Street* em Belfast, onde naquele mesmo ano abre uma escola Lancaster '*para as crianças das classes mais baixas*' como o afirma o próprio Joseph Lancaster, de visita em Belfast. Ele reitera que seu método com o qual alunos supervisionam outros alunos economiza dinheiro, sendo ele '*um sistema de ensino mecânico em que mais de mil crianças podem ser orientadas por um único mestre, a um custo reduzido a cinco xelins por ano*'. Lancaster terá rejeitado o castigo corporal, mas não o princípio disciplinar. O *Círculo de Estudos de Bruges* lembra que Lancaster recusa uma *escola de brincar* e propõe uma atitude disciplinar rígida, na qual as crianças não podem ser espancadas, mas podem ser humilhadas.

Quem lê o livrinho do *Círculo de Estudos de Bruges* entenderá que ainda não se escreveu a última palavra sobre esse sistema para os pobres. O último capítulo toca noutro tabu, para usar uma palavra trazida por James Cook das suas viagens e usada pelo povo de Tonga, quando este se refere a algo a não ser falado. Parece a palavra apropriada relativamente à escravatura. A este respeito brinca-se com as palavras em toda a Europa, e, desde 1802, especialmente na República Francesa. Afinal, Napoleão legalizara novamente a escravatura. Resumidamente os fatos são simples: quem possui ou investe em ativos no exterior quer aumentar a sua riqueza mantendo outras pessoas pobres. Se tal significa que os outros devem permanecer

escravos, assim seja. De acordo com o *Círculo de Estudos de Bruges* o debate relativamente a benefícios económicos existe há muito: vale mais manter, fazer criação de escravos ou é mais rentável continuar a importar negros cativos da África? Logo, argumenta o Círculo, os republicanos continuam a falar de escravos e negros, como se fosse gado. Os autores analisam cuidadosamente o texto do abade Grégoire *De la littérature des nègres, manifeste contre le rétablissement de l'esclavage et de la traite négrière* mesmo se todo esse movimento da *Societé des Amis des Noirs* não deixa de soar muito paternalista. Parece especialmente claro para o *Círculo de Estudos de Bruges* que mesmo aqueles a defender os direitos humanos, a liberdade e a igualdade como os valores mais altos não pensam em aplicar esses direitos à quem não é abastado, trabalhador branco pobre assalariado, ou escravo não branco. Obviamente os autores do *Círculo* partem do mesmo ponto de vista de Grégoire, de que a raça humana é uma só. Mas Grégoire limita-se a vincular os direitos humanos à mensagem evangélica, refutando ideias deístas como as de Voltaire. O *Círculo de Estudos de Bruges* contudo assume para todos os seres vivos, incluindo os humanos, a diversidade como um facto tanto biológico como cultural. De forma alguma esta diversidade afeta a condição de ser humano. O *Círculo de Estudos* reage duramente à alegação de que Grégoire é um *nigrófilo*, palavra feia usada pelos colonialistas quando se referem a quem defende os negros. O livro de Grégoire é amplamente aclamado na Inglaterra, na Holanda, nos ducados e reinos germânicos. E isso é importante, segundo o *Círculo de Estudos*, porque também aí os governantes

e possuidores continuam muitas vezes a manter relações com suas próprias colónias ou com as colónias de outros sem condenam a escravatura. Entretanto, o *Círculo de Estudos* apraz-se encontrar no capítulo 8 de *De la littérature des nègres*, uma contribuição acerca da vida e obra de Amo[1] e a observação do abade Grégoire de que "*a Universidade de Wittenberg não tinha os preconceitos absurdos de tantos homens que afirmam ser iluminados*" em termos de diferenças na cor de pele. Parece, concluem os autores do *Círculo de Estudos*, que há quase cem anos aquela universidade não só levava vantagem sobre os '*homens das Luzes*' dos Salões de Paris da época, como ainda leva vantagem sobre quem hoje com tanta convicção continua só a pregar os direitos humanos e a igualdade, seja ele um coletivo, um triunvirato, um imperador ou um monarca constitucional.

No seio do *Círculo de Estudos de Bruges* existem discussões acaloradas sempre que um de seus membros, médico, fale sobre o trabalho de Johann Christian Reil, colega de profissão. Durante os últimos cinco anos, Reil tem escrito regularmente acerca do tratamento médico da alma, introduzindo a palavra *psiquiatria*. Obviamente o debate aborta a questão em como abordar a alma, de um ponto de vista médico, de ponto de vista religioso ou de ambas as perspectivas. E, claro, a alma pode encarada de um ponto de vista moral e educacional, porque não.

Com os pais da Élise, Jean-Jacques e Élise acompanharam o desenvolvimento das Escolas Centrais. Em 1811, eles descobriram que Karel Van Hulthem, cidadão de Gent e antigo

[1] Ver Volume 03 - Publicações fora de controlo

frequentador das aulas de Jan Pieter Minckeleers em Leuven, sucedera Santander enquanto bibliotecário da Escola Central de Bruxelas. O pai de Élise soube ele também ser bibliotecário da Escola Central de Gent. Jean-Jacques lembrara-se de Karel como alguém que se interessava por quase tudo querendo reunir uma enorme coleção pessoal de livros. Portanto, diz Jean-Jacques a Élise, Karel parece continuar a combinar o útil com o agradável. Afinal, fez de viajar e coleccionar o seu passa-tempo durante toda a sua vida. Nunca deixara de se movimentar nas mais altas esferas do poder, antes e durante a ocupação francesa, e continua a fazê-lo hoje com o governo dos departamentos dos Países Baixos do Sul a passar para a jurisdição da Coroa Neerlandesa. Jean-Jacques lembra o entusiasmado Karel que conhecera quinze anos atrás. Conseguira salvar a *abadia de Baudeloo* do triste destino de ser convertido em atelier de tecelagem ou fiação. A Escola Central de Gent recebeu o edifício para aí se instalar, assim que a abadia deixou de servir como templo da razão. Mas Karel entusiasmara-se particularmente com a biblioteca e acompanha hoje a implantação do jardim botânico nos quintais do antigo mosteiro.

Jean-Jacques aborda a instalação da Escola Central de Gent no *Círculo de Estudos de Bruges*, iniciando uma série de conversas sobre as mudanças na região e nas cidades desde 1791 até hoje. A ocupação francesa causou muita destruição e muitas obras de arte desapareceram, principalmente de igrejas e abadias é claro. Em todos os lugares, abadias foram fechadas ou convertidas em templos da razão, é verdade. Em simultâneo quintais e terrenos baldios foram em grande número ocupados por industriais para

ali instalar as suas oficinas centrais ou '*fabriques*'. Tecelagens, fiações, produtores de algodão e linho, fábricas de tabaco surgiram em todo lado.

Alguém fala do desenvolvimento de Oostende, especialmente depois do desmantelamento do *Camp de Bruges*. A construção da eclusa francesa e da bacia de agua de açude nela associada terminara em 1811. Desde 1810, pode-se falar de uma melhoria na atividade portuária, com o surgimento das cordoarias. O imperador visitara a cidade várias vezes acompanhando o reforço das muralhas e a melhor proteção do porto. Em 1810 o imperador dera ordem para construir uma grande fortaleza para proteger todo o porto e a cidade. Um forte menor fora concluído em 1812 no lado oeste de Oostende. É tristemente irónico que a construção do próprio forte oriental tenha sido feito com trabalho de escravo. Quem visitou Oostende naquele período se lembra do grande grupo de prisioneiros de guerra espanhóis obrigados a trabalhar na construção do Forte Imperial. A fortaleza está concluída e guarnecida desde o verão passado mas o Imperador vive em exílio na ilha de Elba. De qualquer forma, as várias visitas de Napoleão a Oostende colocaram a cidade novamente no mapa. O atual burgomestre Charles Delmotte está empenhado para apresentar a cidade de modo favorável ao Príncipe de Orange.

Bruges não fora tão feliz nos mesmos últimos vinte anos. Há muito o Zwin assoreou irremediavelmente e os comerciantes sempre desejaram uma nova via navegável para o mar. Poderia ter sido cavado um canal para Sluis. Mas Bruges beneficiara menos das visitas do primeiro cônsul, posteriormente imperador.

Verdade é que o general tinha manifestado em 1803 interesse em conectar Bruges com o mar, não através do Zwin, mas do estuário do Escalda. Ainda por cima, os amigos de Sluis revelam que após a Batalha de Austerlitz, Napoleão autorizou o seu general Van Damme de reclamar direitos sobre terras ao sul e ao norte do Zwin, motivo de muita insatisfação em toda a região. O estuário que ainda existe em direção de Sluis vai assorear ainda mais e tornar-se propriedade privada. Nem canal para o Zwin, mas também não para o Escalda. Só dá para esperar e desesperar. Finalmente, há quatro anos, começaram as cavações dum canal em direção a Breskens. Mas Bruges não terá uma conexão com o mar tão depressa, a não ser através do canal até o porto de Oostende.

As ciências físicas são outro assunto de discussão recorrente no *Círculo de Estudos de Bruges*. Há muito interesse em saber mais acerca de uma nova máquina que não ganha energia através do vapor mas através da ignição e combustão interna de químicos. Os inventores Joseph e Claude Niépce deram-lhe o nome de *Pyreolophore* e tentaram com ela vencer um concurso organizado pelo governo de Napoleão para melhorar a bomba de água servindo o Palácio de Versalhes. Eles também tinham planos para um barco impulsionado com energia suficiente para subir o rio Saône contra a corrente. A invenção foi derrotada por um motor a vapor aprimorado, mas os irmãos continuam a experimentar a '*explosão controlada de pós de vários combustíveis experimentais contendo misturas de pó de Lycopodium (esporos de Licopódio), pó de carvão finamente moído e resina*', de acordo com uma das descrições da qual o *Círculo de Estudos de Bruges*

tem conhecimento.
Os irmãos Niépce têm outras invenções em seu nome. Atualmente investigam como capturar imagens ópticas usando processos químicos, enquanto também experimentam com modos de locomoção em terra firme.
Entretanto, alguns membros do *Círculo de Estudos de Bruges* sabem da patente detida por François Rivaz sobre um motor de combustão interna funcionando com hidrogénio. A introdução do combustível e a sua ignição são controladas manualmente. Um conjunto de alavancas manipula as válvulas de admissão de escape para as abrir e fechar no tempo correto. Ao pressionar um botão separado, uma célula voltaica cria a faísca elétrica para detonar a mistura de hidrogénio e ar. Faz com que um pistão seja movido para cima. Um sistema de polias e tambores transmite o movimento do pistão em queda para as rodas dianteiras da *charrete* na qual o motor está montado. Sabe-se que o ano passado Rivaz construiu um grande tanque mecânico. Tem 6 metros de comprimento e rodas com um diâmetro de 2 metros. O todo pesa mil quilos. A mistura de combustão consiste em cerca de 2 litros de '*gaz des marais*' para 10 a 12 litros de ar. Numa das experiências a máquina foi carregada com 350 kg de toras e pedras e uma tripulação de quatro pessoas. A máquina conseguiu subir uma inclinação bastante íngreme de 26 m à velocidade de um homem de passo lento.
Durante uma visita ao Keizerskaai, Hanne e Lodewijk conhecem a história de Michael Faraday, o jovem assistente do químico Humphry Davy. Contam-na depois num dos serões do *Círculo*. Michael fora aceito na *Royal Institution* faz pouco mais de um

ano por recomendação de Humphry Davy. Michael passou tempo na escola e fora contratado como aprendiz encadernador ainda criança. Fruto do acaso, tivera tivera a possibilidade de assistir às conferências de eminentes académicos da *Royal Institution* e da *Royal Society* em Londres durante o seu tempo de aprendiz. Michael adorava ler as obras de química e eletricidade que passavam pelas mãos enquanto encadernador. Ele às vezes conversava com os clientes sobre o que lia. Um dos clientes achara o entusiasmo de Michael com um livro da *salonnière* francesa Jane Marcet tão contagiante que o presenteou com ingressos para essas conferências contribuindo assim para saciar a sua curiosidade.

Michael impressionara por sua vez Humphry Davy. O homem de ciências percorre hoje a Itália com a esposa. Michael acompanha-os como assistente. Antes de ir para sul estiveram em Paris e Boudewijn teve a oportunidade de assistir a uma palestra de Davy quando fez escala a caminho da capital francesa. Gertrude trocou algumas palavras com o jovem ajudante cheio de admiração para o seu patrão e tutor. Para Jean-Jacques Michael Faraday teve a sorte em não ter ido parar a uma escola Lancaster, e de continuar a desenvolver o seu interesse por vontade própria, uma vez aprendiz-encadernador. Talvez tenha sido justamente isso que lhe deu a oportunidade de trabalhar na *Royal Institution*. A conversa leva a apreciação das *Casas-Escola* ligadas à família Lemaître e do esforço que nelas se faz para incentivar as crianças de ler e explorar o que mais lhes interessa. Será uma escola desse género possível para todos? Muitos membros do *Círculo de Estudos de Bruges* duvidam. A

República Francesa e as suas mentes Iluminadas nunca almejaram tal modelo de escola. Logo surge a pergunta de quem deve organizar a escola para todos. Certamente não as instituições religiosas, a história ensinou-nos isso: a maioria dos líderes religiosos entende a escola para todos como uma organização hierárquica, sendo permitido a alguns aprender mais do que a outros. Mas até hoje a escola organizada pelos poderes seculares não é mais interessante: quer-se ter e formar operários e soldados, quer-se quem trabalhe para os possuidores de bens. A arrogância da propriedade torna de vez impossível a própria ideia de escola para todos? Ou apenas inviabiliza a escola em que todos possam aprender o máximo possível de acordo com seus próprios interesses?

As revistas trazem entretanto novas reportagens sobre as pesquisas de Humphry Davy e os seus anfitriões Volta e Ampère, e sobre as suas experiências, inclusive o isolamento do chumbo. Com Louis Gay-Lussac, Davy prova que o diamante é uma espécie de carbono, usando uma lente para queimar a pedra num ambiente rico em oxigénio, obtendo dióxido de carbono. Todos estão convencidos que muito mais será publicado por e acerca de Davy e Faraday nos próximos anos.

Mais perto de casa, também há químicos a trabalhar. Em Liège, Jean-Jacques Dony conseguiu melhorar o processo de extração do zinco da calamina com novos condensadores que captam os fumos de zinco. Ele ambiciona capitalizar a concessão que recebeu de Napoleão em 1806 para a exploração da pedreira de calamina de Moresnet. Contudo, Dony tem a patente da sua invenção, mas não o capital para iniciar o processo industrial.

François, um dos irmãos Mosselman, anteriormente apoiantes de Jan Frans Vonck, ouve falar de Dony e a sua concessão de mineração. Os irmãos François e Corneille enriqueceram com o lucrativo comércio de cereais com os exércitos de ocupação, tanto dos governantes Austríacos como dos Franceses. Mas os primeiros lucros, obtiveram-nos com a concessão da coleta de terra, esterco e lama em Bruxelas.

Corneille é já desde alguns anos proprietário de uma grande casa burguesa de modelo parisiense em Bruxelas, na recente *Place du Nouveau Marché aux Grains*. Pode o ex-Vonckista e comerciante de cereais sonhar melhor lugar para a sua casa palaciana?

François acomodara-se um pouco mais tarde na vida burguesa. Na época do apoio a Vonck, ele comprara o hotel administrado pela sua amante. Em 1790 chamava-se *Hotel Belgique*, porque os Vonckistas se reuniam ali regularmente. Casara-se entretanto com a rica Marie-Louise Tacqué. Juntos, dispõem de propriedades em Antuérpia, Liège e Bruxelas, onde até recentemente viviam na casa dos pais de Marie-Louise. Hoje em dia François é banqueiro em Paris, onde comprou a casa do falido Recamier na *Rue de la Chaussée d'Antin*. Associara-se a Dony no ano passado com a intenção de vincular a produção de zinco à mineração, agora que subira em flecha a procura do zinco como revestimento isolador dos telhados de Paris.

O crescente interesse dos banqueiros e industriais pela ciência não é da mesma natureza de quem vê a ciência como alavanca para aumentar o saber e o conhecimento. O *Círculo de Estudos de Bruges* teme que aqueles pedagogos querendo manter as

crianças pobres felizes na sua pobreza acabam por servir tão eficazmente os interesses da emergente classe de industriais como os outros pedagogos que só querem dar às crianças pobres uma instrução base em massa. E a situação agrava-se, assim temem os professores e tutores que fazem parte do *Círculo*. Eles correspondem sempre e para onde conseguem com colegas da profissão com preocupações idênticas. A imagem que se desenha não é nada esperançosa. Élise fala das crianças escravizadas consideradas trabalhadores plenos e para quem são construídas máquinas a medida. Comenta a prática de Lieven Bouwens nas fiações instaladas em mosteiros confiscados no reinado de Napoleão e que ele comprou. Depois de falhar na estratégia de transformar os mosteiros em templos da razão, os edifícios são hoje oficinas, '*fabriques*', onde jovens e velhos trabalham longas horas frequentemente em condições perigosas sem ganharem quase nada. Élise soube que Frans, irmão de Lieven, conseguiu aumentar os lucros proveniente do labor das crianças nas suas fiações de linho, introduzindo ferramentas concebidas de propósito para a sua estatura.

No final de 1814 o *Círculo de Estudos de Bruges* edita novo ensaio. Sob o título *O pêndulo vai e vem*, os autores voltam a chamar a atenção para a escravatura. O pequeno livro surge pela ocasião da carta pública do Papa Pio VII ao novo monarca francês, na qual condena a escravatura e escreve "*Pour bien se situer dans le sens des obligations morales, la conscience religieuse nous y pousse; c'est elle en effet qui condamne et réprouve ce commerce ignoble par lequel les Noirs, non comme des hommes, mais simplement comme des choses vivantes, sont pris, achetés,*

vendus et pressurés jusqu'à la mort par des travaux très durs pour une vie déjà misérable."

O *Círculo de Estudos de Bruges* interroga o alcance do poder papal. A igreja limita-se a condenação moral e ameaças de excomunhão. O Papa proíbe o clero e os leigos de apoiar o comércio negro, mas não o comércio em si: embora condenável, ele existe. Os autores do Círculo consideram a posição pouco incisiva. Infelizmente, continuam, cartas deste tipo não impedirão os proprietários arrogantes a continuar a praticar o comercio e o uso de escravos. Levianamente varem a resistência moral por baixo do tapete. Essa resistência, dizem os proprietários arrogantes, deve ser atribuída a forças místicas ou a quem resiste ao progresso. E o progresso exige simplesmente mais produção, portanto mais mão de obra. Recorrem facilmente ao falso argumento que os próprios reis africanos vendem o seu povo aos branco comerciantes de escravos. Mas muitos missionários contam uma versão diferente da história: os brancos, superiormente armados, exercem pressão sobre os governantes e reis negros obrigando-os a colaborar para eles próprios e a sua família não serem mortos ou escravizados. Seja como for a história é mais sombria do que a versão contada pelos comerciantes brancos. Muito fica mais claro olhando para as ilhas de Cabo Verde, por exemplo. Essas ilhas servem de entreposto intermediária. Prendera-se nelas uma população mista constituída por trabalhadores forçados, marinheiros e comerciantes. Com cada atracar de barcos, novos escravos e jovens mulheres ficaram retidos, para servir a população branca instalada, resultando hoje num povo mestiço. Os autores falam

também da Guiné. O território continua a ser muito explorada, não só pelos portugueses, mas também e principalmente pelas ainda ativas Companhias das Índias. Contudo, argumentam os membros católicos do *Círculo* em *O pêndulo vai e vem,* o Papa Pio VII não é apenas um digno Padre da Igreja, mas também alguém que, inspirado pelo Iluminismo, quer modernizar a Igreja, guiado pela sua própria convicção profunda. Eles apontam como não é apreciada a condenação radical da escravatura. A Carta papal não recebe apoio incondicional nos Estados ou Impérios não católicos com os quais a Igreja quer iniciar relações diplomáticas. Nos estados católicos, o clero mais conservador não agradece outra ação do Papa empenhado em reorganizar as escolas sob autoridade eclesiástica, retirando-lhes o caráter feudal.

Mas todos os autores dizem se apreensivos com a bula de julho passado *Sollicitudo omnium ecclesiarum* que restaura por completo a Companhia de Jesus. Segundo alguns, os jesuítas continuam a ser um grande movimento intelectual dentro da igreja e, portanto, desesperadamente necessários. Para os outros membros do *Círculo*, exagera-se a sua pressuposta caridade para com os pobres e os escravos. A educação de qualidade que a companhia fornece é inevitavelmente destinada aos abastados e às classes superiores, enquanto os pobres e os escravos quase não têm oportunidade de desfrutar dessa educação de qualidade.

De imperador a rei

Trata-se da questão-chave para as próximas reuniões do *Círculo de Estudos de Bruges*: depois do imperador que sucedeu ao rei, haverá agora novamente um rei, apesar de todos os discursos republicanos e nacionalistas? E se assim for, qual será o rei, aqui nos Países Baixos do Sul? O mais óbvio parece ser Guilherme de Orange-Nassau. No preciso momento em que o imperador está algures numa ilha, as Casas Reais governantes redesenham o mapa, Guilherme deseja colocar o Sul dos Países Baixos sob a sua autoridade, e a lei francesa permanece em vigor.

As duas visitas a Bruges no passado do então imperador continuam a deixar vestígios positivos. O *Círculo de Estudos*, valoriza a contribuição de artesãos, escultores e pintores, Bruges tornou-se mais bonita, e a liberdade de expressão… bem. O patriarca da família Greysel conta que a viúva De Moor está proibida de publicar *Le Spectateur Belge*. Segundo o intendente, não se fez qualquer pedido de autorização e não existem subscrições suficientes para a publicação ser considerada como jornal.

"Mas *Le Spectateur* não é um jornal", observa Jean-Jacques.

"Correto", responde o antigo bastonário, "e por isso mesmo o *Commissariat général de l'Interieur* e o *Commissariat général des Finances* foram contatados, para corrigir esse equívoco."

Alguns meses depois, o problema parece estar resolvido. Mas a véspera do verão de 1815 traz novas surpresas.

***

Ele acorda quando o sol se põe. Ao seu redor, ele ouve os gemidos e os gritos que transformam qualquer campo de batalha num lugar lúgubre, quando o resto de um exército vencido foge frente ao resto de um exército vencedor. Ele não sabe bem onde está. Os últimos nomes que lhe surgem na mente são *La Haye Sainte* e *Mount Saint John*. Ele lembra-se vagamente de como a cavalaria inimiga tentou invadir a encosta e como o seu 'quadrado' foi por isso mesmo colocado a alguma distância da fazenda de *La Haye Sainte* para manter os cavalos afastados e assim impedir o assalto àquela colina. Depois, ele não se lembra de nada. Ao seu lado dele jaz um cavaleiro gemendo por baixo dum cavalo morto. Ele não entende uma palavra do que homem gagueja. Mas ele sabe que para ele mesmo o perigo ainda não passou. No escuro da noite, nem sempre distinga-se amigo de inimigo, e já se sabe como os soldados em retirada massacram facilmente todos os feridos. Pior ainda são os abutres e vampiros humanos que vagueiam pelo campo de batalha com o único propósito de roubar o máximo possível.

Ele tenta filtrar os sons provenientes dos feridos para apenas ouvir possíveis passos. Ele atreve-se a levantar ligeiramente a cabeça e procura de pontos de luz em movimento dentro do seu campo de visão. Como não vislumbra nada de suspeito, ele tenta se levantar. Surpreende-se ao perceber que nada de errado há com os seus braços e as suas pernas. Sente os cabelos emaranhados, sem saber se é por causa da lama que está a secar ou se por causa de sangue coagulado. Ele suspeita do último,

devido à sua forte dor de cabeça. Talvez o cavaleiro ao seu lado assertou-lhe na cabeça com a coronha da carabina, deixando-o inconsciente pouco antes do cavalo em aproximação tropeçar no cadáver daquele jovem um pouco mais adiante que, pouco antes de morrer, arremessou em desespero a baioneta para o cavaleiro, fazendo com que o homem e o cavalo caíssem ao seu lado. Ou será o seu ferimento o resultado de um golpe de casco de cavalo?

Portanto, ele está em condições para se retirar rastejando. Afasta-se lentamente do local onde estava seu *carré*. O inimigo não deverá estar na direção do sol poente, assim raciocina. Resoluto, ele cambaleia para fora do campo de batalha, mantendo o céu ainda iluminado à sua esquerda. Isso deve levá-lo à vila de Overijse que conhece do passado, quando integrava um regimento holandês.

Ele pensa nos últimos dias terrivelmente húmidos. Na semana passada, marchou com uma companhia de soldados até Nivelles depois de desembarcar em Oostende, para finalmente ficar em *Quatre-Bras,* para onde Napoleão, ressurgido do exílio parecia dirigir o seu exército. O plano para o seu regimento, liderado pelo recém nomeado Marechal Arthur Wellesley, 1º duque de Wellington, era de ficar à espera do Marechal Ney. Quando se soube que os Prussianos não conseguiram parar o grosso do exército de Napoleão, o seu regimento dirigiu-se para Norte em direção a Bruxelas. Posicionaram-se perto do *Mount Saint John*, onde chocaram no exército francês sob uma chuva torrencial.

A seguir, na tarde do 18 de junho, foi o inferno. Mesmo assim os deuses do clima, como diriam os antigos, estavam com eles. O

terreno pantanoso tinha a aparência de uma encosta castanha e lamacenta. As unidades de artilharia poderiam normalmente atingir *carrés* inteiros mas as balas de canhão disparadas não saltavam, ficavam presos no solo macio. Também as granadas inimigas foram menos eficazes, pois a lama amortecera a força das explosões. Todos sabem que Napoleão gosta de usar o bombardeio de artilharia. Hoje, devido às fortes chuvas, não tiveram a força de costume. No entanto, não pararam as sucessivas ondas de ataques, de ambos os lados. No final da tarde que escurecera rapidamente devido às fortes nuvens de chuva, cavalos e homens estavam completamente exaustos. Os animais tropeçaram e não se levantaram mais. Muitos soldados estavam fracos demais para erguer as baionetas ou carregar novamente as carabinas. Eles fizeram-se simplesmente de mortos. O poder de luta havia diminuído consideravelmente. Os derradeiros ataques fizeram mais pessoas feridas do que mortas. O risco de ser pisado ou de sufocar no terreno pantanoso era maior do que levar com um sabre ou ser atingido por uma bala.

Deve ter sido o momento em que a velha guarda francesa bateu em retirada, perseguida por soldados holandeses e ingleses, o momento em que apanhou aquele golpe na cabeça do cavaleiro caído quando o jovem ao seu lado inesperadamente lançou a baioneta cortando a garganta do cavalo que se aproximava.

Afasta-se do local onde foi ferido e deixa a sua mente vagar. David Teacher continua a ser o nome dele e ainda e parece continuar a ser o estudante que entrou neste inferno por causa da sua própria estúpida ânsia pela aventura. Hoje ele entende melhor a razão pela qual Beethoven apagou em 1804 o nome

de Napoleão da dedicatória de sua *Eroica*, pensa cinicamente. No entanto, a principal razão do compositor para assim fazer foi de estar zangado com aquele herói da revolução que escolheu assumir o reinado. Os seus pensamentos divagam para aquele poema de Schiller no qual o poeta prussiano canta a alegria. Ele constata que as asas da filha de Elysium não se espalharam por este campo de batalha pantanoso e que aqui os mortais não se tornaram irmãos, mas causaram uns ao outros tanta dor quanto possível. Quantos do ajuntamento desaparecem chorando, porque não conseguiram obter, muito menos provar, a amizade geral? Não com alegria as criaturas se alimentam do seio da natureza, mas elas destroem-na e, com ela, também o plano celeste. O querido pai na vastidão do céu pode apenas desviar o olhar desses misantropos arrogantes e desses idiotas ignorantes que se deixam enganar por falsos imperadores e reis, marechais e generais auto-indulgentes. Só algum tempo depois entenderá como os líderes do mal, como ele os chama, fazem da matança uma atividade racional. Será quando irá ler aquelas palavras de Thomas Bugeaud, duque de Isly e coronel da infantaria, que Jan Lemaître uma década antes comentara: "*Os comandantes de batalhão muitas vezes precisam argumentar com os recrutas ao instruí-los. Para ser ouvido melhor, é-lhes ordenado continuamente a virar um quarto, para que percebem claramente a explicação das vantagens da formação, cujos princípios foram demonstrados. Com essa forma de ensinar, os soldados já não são máquinas. Eles identificam-se com as nossas ideias. Eles sentem a bondade das nossas ordens tornando-se muito mais autoconfiantes, mais determinados e mais inteligentes para quando uma situação de*

guerra lhes fornecerá a oportunidade de fazer o que aprenderam em tempo de paz. Vamos conversar muito com o soldado francês."
A história do mundo é o julgamento do mundo, como disse o poeta em *Resignation*. A história do mundo é apenas a história de guerra, crime, destruição, devastação, morte, dor? Se assim for, então o julgamento mundial não fica a favor da humanidade. Onde é que começou a ir mal? O que correu mal com o surgimento de instrumentos culturais?
David Teacher chega a Overijse. Uma família local acolhe-o e uma das filhas da casa dedica-se a ele. Quando o jovem vai para a Inglaterra alguns meses depois, prometendo voltar rapidamente, mal sabe que em breve terá um filho ao qual a jovem esposa deixada para trás dará o nome de Henri. Contudo, ele nunca mais verá os Países Baixos.

Com os exércitos de Napoleão derrotados e a França sem recursos para formar um novo exército, é apenas uma questão de meses até os Países Baixos do Sul ficarem fora do império e serem incorporados no que em Viena recebe o nome de *Reino Unido dos Países Baixos*. A nova união é celebrada em Bruxelas em setembro. No entanto, é principalmente um assunto aristocrático, pensa Jean-Jacques. Essa é também a opinião de Lodewijk e Hanne quando nos anos seguintes viajam regularmente para Bruxelas vivendo mais de perto a nova política. Concordam com algumas das decisões de Guilherme de Orange-Nassau, mas constatam que os cidadãos não têm um papel muito ativo na gestão do estado. Os jovens tornam-se mais críticos à medida que integram círculos intelectuais burgueses de língua francesa e holandesa da capital.

A crítica diriga-se à classe proprietária e especialmente à aristocracia. A venda de escravos a súditos holandeses já era proibida em 1815, mas essa proibição administrativa não significa realmente a abolição da escravatura. Quem a condena num tom mais radical explica que os Neerlandeses são autorizados a continuar a criação de escravos nas colónias, e quanto à sua venda… bom, o vendedor não tem de ser necessariamente nacional do Reino Unido dos Países Baixos.

Tal como no resto da Europa, os monarcas e a aristocracia tentam limitar ao máximo a pressão burguesa sobre o Segundo Estado, resultado da Revolução Francesa. Tal como acontece em outros modelos de monarquia constitucional, Guilherme I elabora um governo do estado em que o Senado é reservado à nobreza e quem recebe o título de Cavaleiro. De resto o sistema eleitoral fiscal fornece uma garantia de vantagens da propriedade fundiária sobre a propriedade industrial na Segunda Câmara. Por fim, o próprio rei continua a exibir traços absolutistas. Jean-Jacques, tal como muitos outros cidadãos de língua neerlandesa ou multilíngue, elogia as decisões reais entre 1819 e 1823 de generalizar a obrigação de uso do neerlandês como língua oficial na Flandres, mas estas decisões não são de todo apreciadas pela elite flamenga de expressão francesa, que nunca aceitou o neerlandês como uma língua de pleno direito. Famílias nobres como De Ribeaucourt, D'Assche, De Beaufort, De Chimay, De Grave, De Liedekerke, De Looz, De Marnix, De Snoy et D'Oppuers, De Trazegnies, De Villegas e D'Ursel estão em perfeitas condições para deixar ouvir a sua voz e fazem-no. Não estão satisfeitos com as atitudes dominadoras exibidas por

este Monarca como por muitos outros. Assim, algumas dessas famílias procuram cautelosamente como apoiar e se deixar apoiar pelos cidadãos liberais querendo conter o absolutismo real. Mas também existem aquelas famílias aristocráticas mais antigas, incorrigivelmente arrogantes, sabe Jean-Jacques através do pai de Hanne. Estes querem simplesmente os seus próprios privilégios de volta, desejando o governador o mais longe que possível.

Efeitos posteriores da secularização

No Keizerskaai, os filhos de Boudewijn e Gertrude têm dificuldades para manter aberta a Casa-Escola. Depois da guerra, o dinheiro escasseia acentuadamente. Ainda para mais, é implementada gradualmente a decisão de Guilherme I: também em Oostende abrirá uma escola secular, como na maioria das cidades dos Países Baixos. Torna-se difícil convencer os pais de que o método de trabalho e o público mais alargado na Casa-Escola constituem uma abordagem aberta que beneficia qualquer criança na primeira escola. A Casa-Escola conta hoje com dois grupos convivenciais. As crianças vêm principalmente de famílias amigas dos iniciadores.

Madeleine fica a saber de Boudewijn que o prédio na Lange-straat, onde em tempos Jan tratou de negócios com Theodoor van Moorsel, foi comprado por Eduard-Jan Serruys. Este prepara-se para se tornar vereadora da cidade de aqui alguns anos. A família acabará por mudar para Roterdã mais tarde, mas, entretanto, os contactos com a Casa-Escola são cordiais.

Algumas das crianças de Serruys fazem uso frequente e ávido da grande biblioteca no Keizerskaai.

Em 1817 nascera Johanna Lemaître, filha de Lodewijk e Hanne Greysel. Brincando, os pais contaram como as viagens entre Oostende e Bruges e Bruges e Bruxelas se tornaram tão tranquilas, até um tanto monótonas, pelo que nos últimos dois anos falaram cada vez mais acerca do seu próprio futuro, de filhos e de escolas, e não sempre dos projetos para crianças dos outros. Com projetos dos outros, não se referiram apenas a Lancaster, cada vez mais popular entre quem está no poder, mas também às estranhas ideias de Pestalozzi relativamente à educação dos pobres. Os seus próprios sonhos continuaram muito parecidos com o dos pais e dos avós de Lodewijk: uma escola onde se juntam ricos e pobres, meninos e meninas, velhos e jovens, um ponto de encontro com a ciência. Mas mesmo os seus novos amigos liberais em Bruxelas, abertos à escola mista não católica e com um número limitado de crianças por adulto, não viram como tão óbvio a ideia de reunir ricos e pobres no mesmo local de estudo e muito menos defendiam-na.
Johanna passara grande parte da sua infância com Jean-Jacques e Elise, pois os pais muitas vezes não estavam. Pouco depois de completar três anos, ela acompanhara os avós e a velha Madeleine de barca para Oostende, onde passaram alguns dias na Kapellestraat. Os filhos de Boudewijn e Gertrude mudaram-se para o Keizerskaai e Jean-Jacques e Elise quiseram renovar a casa para usá-la com mais frequência. Eles também pensaram nas caminhadas a fazer com a neta pelos diques na praia. Mas de repente a Madeleine ficara debilitada. Antes mesmo de

retornar a Bruges, ela falecera sem nunca ter visto o bisneto com apenas alguns dias de idade.

Outros problemas de saúde surgiram. Há algum tempo, Lodewijk cansara-se rapidamente quando viajava para Bruxelas. O seu estado agravara-se. Quando Hanne terminara a amamentação do filho e propusera uma nova jornada em Bruxelas, junto do círculo intelectual de amigos para discutir os planos para uma maior secularização das escolas primárias ou primárias no *Reino Unido dos Países Baixos,* Lodewijk não se sentira minimamente capaz. Ele apresenta permanentemente um aspecto pálido e cansado e às vezes sente-se muito sonolento.

Hoje Lodewijk tenta fazer um registo daquilo que lhe acontece. Ele escreve em maio de 1821: "*Não estou bem. Agora sinto quase sempre uma dor lancinante na cabeça. Arrasto-me pela casa e às vezes não sei porque me levantei. Foi para buscar comida na cozinha? Mas como mal. Frequentemente tenho fortes dores abdominais. Algumas noites atrás, Hanne ficou assustada quando de repente acordei com um grito devido a uma forte dor na parte inferior do abdome. O médico diz que são cólicas e que devo tentar comer mais para evitar o acúmulo de ar e gases nos intestinos. Mas eu não consigo comer, não consigo. Recentemente, fiquei com tanta raiva quando as pessoas tentaram me fazer comer que nem me reconheci a mim próprio!* ".

Em dezembro do mesmo ano, Lodewijk escreve: "*Agora também sinto dores constantes no sítio onde fui atingido por aquela bala há tantos anos. Amaldiçoado o dia em que o médico do exército me disse que a bala jamais seria retirada do meu corpo. Sinto uma dor*

no peito a cada respiração. Tenho cada vez menos apetite. Hanne diz que perdi muito peso o que eu próprio facilmente vejo. Pobres filhos. O pai muitas vezes nem tem paciência para eles. E agora coisas estranhas acontecem na minha cabeça. Parece que enlouqueci. Afirmo ver pessoas em casa que não estão lá. Johanna perguntou recentemente a Hanne: 'O pai também tem um pequeno amigo no ombro?' Isso porque um dia desses, Hanne perguntou-lhe com quem ela tanto falava. Ela apontou para o ombro e disse: 'Com meu amigo duende'. Quando Hanne comentou que não via nenhum amiguinho ali sentado, a rapariga respondeu: 'Claro que não podes vê-lo, ele é meu amigo e só meu'. Mas Hanne e eu ficamos perturbados. Tenho eu chegado ao ponto que o meu pensamento delirante já é óbvio para as crianças? O que vem depois? Será que Hanne passará a obrigar-me ao isolamento, naqueles momentos em que tenho tantas dores de cabeça que já não sei o que digo e faço?"

No início de junho de 1822, a caligrafia de Lodewijk torna-se quase ilegível. As suas mãos e os seus braços tremem frequentemente. Às vezes tem convulsões por todo o corpo. Ele pede a ajuda de Hanne para anotar o que se passa com ele: "*Tenho quase o tempo todo um sabor desagradável na boca. Às vezes pareço exalar o fedor de um ovo podre. Não é nada tranquilo morar comigo na mesma casa no momento. Cheiro mal, tenho problemas constantes de mobilidade, quase não como e durmo mal. Tudo deixa-me zangado porque os outros ficam zangados comigo. Nós realmente não sabemos o que aconteceu com o meu corpo, mas o médico suspeita do antigo ferimento de bala de mosquete. Se assim for, só posso aconselhar a todos: 'se for atingido*

por uma bala, é melhor arriscar e deixar removê-la do corpo do que ser morto por ela anos depois'. Penso que o meu fim se aproxima. Há dias que não como nada, só vomito o tempo todo. Nenhum corpo pode aguentar isso. Já combinei com Hanne e o meu médico. Amanhã viajaremos para Gent de barcaça. Será a minha última viagem. Seremos internados por um colega do meu médico. Possibilitarei assim a transferência do meu corpo para o departamento médico da Universidade de Gent depois de morrer. Portanto, esperamos que meus e outros médicos possam aprender com o que encontrarão nas minhas entranhas".

Lodewijk faz anotar ainda como gostaria saber os seus textos sobre Johann Pestalozzi, Johan Sebastian Bach, Daniel Bernoulli e o seu homónimo Ludwig von Beethoven publicados ou pelo menos disponibilizados para os seus filhos. Caracteriza Johann Pestalozzi como aquele pedagogo peculiar que parece cuidar dos órfãos e dos pobres, mas no final, de acordo com os nossos parentes que o estudaram, assumiu uma atitude para com os pobres muito semelhante à divisão de castas descrita pelos ingleses quando falam da sociedade indiana.

Os escritos de Lodewijk sobre Bach e Beethoven têm como pergunta inicial saber se existem crianças-milagre. Ele explica que o próprio Beethoven não gostava do termo criança-milagre ou criança-prodígio. Lodewijk questiona se pessoas como Bach ou Beethoven, mas também Mozart, não tiveram simplesmente a oportunidade de muito cedo desenvolver o seu talento, pelas circunstâncias de sua infância, graças aos cuidados educacionais, mas também devido à obsessão paternal. Não poderão todas as crianças desenvolver talentos inatos até altos

níveis se fossem devidamente guiadas? Não é essa tarefa nobre para quem assume acompanhar crianças pequenas? Lodewijk vê essa abordagem educacional mais no espírito do Iluminismo do que a preservação de classes e castas, como fazem Lancaster e Pestalozzi mesmo se de maneiras completamente diferentes.

No texto acerca de Daniel Bernoulli, Lodewijk projeta uma luz diferente sobre a orientação paterna. Apoia-se em conversas de salão evidenciando os ciúmes de Johan Bernoulli relativamente ao filho de tal forma que até tentou publicar o trabalho dele sobre hidrodinâmica em seu próprio nome. Lodewijk pensa naquela outra figura paterna, generosa com os filhos. Será mais o caso pergunta-se, quando a família é de origem mais humilde ou tem menos recursos financeiros? No mesmo texto, Lodewijk dedica alguns parágrafos ao Sir Humphrey Davy e o seu assistente Michael Faraday. Não era Davy uma espécie de pai espiritual para Faraday? Não recebeu o jovem uma espécie de assistência paternal de um cliente do seu empregador, que lhe garantiu acesso às palestras de Davy e de outros cientistas quando notou o grande interesse e conhecimento de Michael nesses assuntos? Lodewijk aventura-se a questionar se uma maior empatia com a geração mais jovem está relacionada com menos posses, mas também com uma atitude menos arrogante dos pais para com os filhos em geral.

Jean-Jacques pensa entender bastante bem o alcance das preocupações de seu filho. De acordo com Élise, Hanne tem mais dificuldade em entender a atitude geralmente bem-humorada de Lodewijk, especialmente agora que o destino - ou o velho ferimento de bala? - lhes bate à porta. E Hanne tem

dificuldades em perceber se consegue gerar sentimentos maternos empáticos pela filha de cinco anos, com quem não se dá bem. Pouco depois da morte de Lodewijk, Hanne muda-se para Bruxelas, onde se instala nos círculos burgueses franceses, mas Johanna continua claramente triste com a morte de seu pai. Ela só se anima quando visita o avô Jean-Jacques. E é recíproco. Élise descobre que avô e neta não conseguem aceitar a morte de Lodewijk mas que a presença de Johanna tem um efeito benéfico sobre Jean-Jacques e vice versa. Aos 62 anos, o avô torna-se de certa forma o mentor da pequena Johanna. Rapidamente Johanna passa a viver permanentemente com os avós. Estes recebem regularmente os Greysels. Os pais de Hanne tem sobretudo dificuldades com a decisão de Hanne de se mudar para Bruxelas e de isolar quase por completo o filho dos avós em Bruges.

Hanne ouve mais dos projetos de François Mosselman durante uma das suas muitas visitas à casa do irmão Corneille. François continua a ter a participação majoritária na *Société Vieille-Montagne* que ele dirige com Jean-Jacques Dony. Ele mostra querer comprar a *Societé* por completo, mas antes de o fazer, é preciso saber claramente quem tem jurisdição na área onde se situa a mina. Quando Hanne pergunta se os terrenos não se situam no Reino Unido dos Países Baixos, é-lhe revelado uma situação complexo…

Tudo começou em 1816, quando os embaixadores se aperceberam da informação contraditória no tratado de Viena relativamente à fronteira entre o Reino e a Prússia. Uma linha traçada dois quilómetros mais para oeste ou para leste

significava diferente controlo governamental sobre a mina de zinco detida por Dony e Mosselman. Decidiu-se criar uma comissão para investigar o assunto, mas o posterior tratado de fronteiras revelou-se tão contraditório como o próprio tratado de Viena. E por razões militares, nem a Casa de Orange-Nassau nem a Confederação Alemã de Principados quer abdicar desta parcela de terreno onde se situa a mina.

O resultado atual consiste no condomínio de uma parcela de terra indivisa de 840 acres ou 3,44 quilómetros quadrados expresso em valores do sistema métrico francês, onde vivem apenas 256 pessoas. Aplicam-se as leis francesas no território.

Foram nomeados comissários para supervisionar a área. O Reino Unido dos Países Baixos nomeou Werner Jacob de Limburg em 1817, enquanto a Prússia escolheu o engenheiro de minas Wilhelm Hardt, que mora em Aachen. Segundo os amigos de Mosselman, não todos os problemas estão resolvidos, ainda para mais porque os dois comissários quase nunca aparecem em La Calamine-Moresnet. Logo, nomeou-se o burgomestre da vila prussiana Moresnet para tratar dos assuntos do dia-a-dia no mini-estado. Outras questões, como o idioma de instrução, o serviço militar e a tributação ficaram por tratar. A área é neutra, mas não independente e isso naturalmente causa dificuldades. O *Code Napoléon* foi recentemente adotado como código de direito para a área resultado de um compromisso entre os comissários.

François Mosselman vislumbra a possibilidade de fortalecer a influência da *Société Vieille Montagne,* logo a sua influência pessoal. A partir de 1824 ele assume o controle completo da

mina. Nos últimos dois anos a população da área tem constantemente aumentado, não apenas porque os jovens do Reino Unido dos Países Baixos e da Prússia encontram com a mudança para a zona neutra o meio para escapar ao recrutamento para a tropa, mas também porque há modos de obter bom dinheiro com esquemas. Histórias por vezes exageradas circulam acerca do valor global do contrabando e a impossibilidade legal para a alfândega verificar o que entra e sai. La Calamine parece um armazém livre com portas abertas dos dois lados.

Na residência Mosselman há um fluxo contínuo de novidades vindo de Paris. Hanne ouve falar do Café Procope. Ela lembra-se vagamente alguns comentários do pai de Lodewijk quando falava dos avós que moravam em Paris. Pelo menos uma vez cruzaram-se com Voltaire naquele famoso café. Ela fica a saber que o Senhor Zoppi, antigo empregado do último Procope, optara de dar o seu nome à casa de café, quando a retomara. Naquele período foram principalmente o *clube des Cordeliers* e o *clube des Jacobins* que fizeram do café um dos seus locais de encontro e a discussão política substituíra então as conversas filosóficas. Há alguns anos, Jean-Baptiste Heu retomou a cafeteria do senhor Zoppi. Resolvera repor o nome de *Procope*. O brilho da revolução desvanecido, a literatura assume gradualmente o lugar da política e, de certa forma, a casa de café vive dias mais tranquilos.
Mas no círculo intelectual de Hanne a filosofia continua claramente a ser o centro de conversas. Hanne ouve falar dos *Grundlinien der Philosophie des Rechts* de um amigo que assistiu

a uma palestra de Friedrich Hegel quando o pensador prussiano esteve por alguns dias em Antuérpia. Este terá retomado o poema de Schiller, apreciado por Beethoven, no qual o poeta apresenta a história mundial como sendo um tribunal. Segundo o amigo de Hanne, Hegel veria a história do mundo como uma espécie de tragédia. Diz-se por exemplo que o pensador afirmou que naquela tragédia '*o espírito transcende a piedade, a vida ética e tudo o mais que tem valor sagrado, e no qual o espírito se preenche. Com tristeza pode-se pensar no declínio das grandes nações, nas ruínas de Palmira e Persépolis, onde, como no Egito, tudo se reduz à morte.*' Hanne reconhece um certo fatalismo na frase de encerramento *'Mas o que afundou afundou e teve que afundar*' e pensa que este fatalismo não é muito diferente do determinismo apregoado por alguns ramos do cristianismo. Segundo o amigo de Hanne, Friedrich Hegel prefere argumentar que o ilimitado, o *não temporário* espírito exerce o seu direito sobre os espíritos finitos na história do mundo, que assim se torna o tribunal do mundo. Para ele, isso não tem nada a ver com fatalismo, mas com dinamismo. Nada pode ser preservado para sempre, nem mesmo os costumes e as formas de governo, e é aí que se enganam os aristocratas, que querem manter tudo como era antes das mudanças revolucionárias na França. Os amigos de Hanne tentam-lhe demonstrar que Hegel defende o direito universal à propriedade e que o direito a cidadania é um aspecto do direito de propriedade. Assim está definido o direito abstrato, e passos para a sua concretização já foram dados, acreditam eles. Apontam as restrições impostas a monarcas querendo vincular o absolutismo ao direito de

propriedade, inclusive de pessoas. No entanto, sobre o papel do monarca uma questão premente permanece. Para os americanos com as suas administrações e os presidentes eleitos a questão desapareceu, mas na Europa o papel de um rei num Estado Constitucional obriga a mais investigação. De acordo com Hanne, esse rei não é necessário. Afinal, a realeza é uma consequência dos principados do século passado. É o que Hegel também afirma, dizem os amigos de Hanne. Ele argumenta que não é tarefa da filosofia impor normas, mas que a sua tarefa é de pensar sobre o que é. Hanne observa com espanto que então, aparentemente para Hegel tudo é possível. Não há moral? O amigo que ouviu falar Hegel e afirma tê-lo lido observa que a moralidade é uma avaliação subjectiva da consequência da própria ação. De acordo com quem realizou a ação, ela pode ter consequências positivas ou negativas. E todos têm o direito de apenas serem responsabilizados pelo que foi efetivamente pretendido pela ação, independentemente das suas consequências. Portanto, a moral absoluta nunca é possível, apenas existe a moral contextual, baseada em escolhas pessoais. Hanne continua a ter dúvidas a este respeito. Se a filosofia é apenas descritiva, então a teologia é a filosofia normativa determinando a moralidade local? Todo o poder será novamente dado àqueles que estabelecem regras religiosas em nome de um espírito eterno ou de uma figura divina? Não, dizem os amigos, é por isso que Hegel elaborou um terceiro aspecto quando fala da filosofia do direito, o da realidade moral, da moralidade ou da vida ética, se preferirem. Aqui entram em campo as instituições com as quais qualquer indivíduo dialoga.

Existe a família, na qual as relações e os diálogos têm um caráter sentimental. Essa instituição tem tantas formas diferentes fazendo dela necessariamente uma instituição de natureza transitória. Por isso existe a sociedade dos cidadãos, que reúne a diversidade. Mas aqui o indivíduo pode chocar contra o facto de outros indivíduos terem mais propriedade ou mais poder. Faz a qualidade moral depender do que cada um significa para os outros. Na própria sociedade, pode ser difícil para os indivíduos estabelecerem as relações morais necessárias, a menos que façam uso de grupos subjacentes, corporações, uma espécie de segunda família. Isso por si só não é o suficiente para garantir uma vida ética geral. Assim chegamos ao significado do Estado, a terceira família digamos, para todos os indivíduos. O Estado organiza-se com leis comuns que também fortalecem o sentido de estado dos indivíduos e esses encontram uma certa paz moral ao aceitar o Pai do Estado. Agora Hanne mostra-se completamente surpreendida: significa isso a legitimação da evolução do principado para o império, como foi o de Napoleão? Essa linha de pensamento não leva simplesmente de volta à figura do Sábio Todo-Poderoso, não Deus, não o Príncipe, mas um monarca que fala por todos e obriga a todos?

Com esta pergunta Hanne desencadeia uma discussão acalorada sobre a separação de poderes proposta por Montesquieu.

Para a maioria dos presentes, a separação deve ser levada ao ponto em que o poder executivo só pode ser entregue a alguém por um período bem definido e apenas para garantir que as leis aprovadas sejam respeitadas por todos. O próprio legislador

deveria, idealmente, garantir que essas leis aprovadas sejam o resultado do diálogo contínuo entre todos os indivíduos nas suas respectivas "famílias". O poder judiciário garante a continuação do diálogo e também que o executivo não seja ridicularizado por quem tem saudades do antigamente.

Para os demais presentes, Montesquieu é um idealista e não se pode simplesmente separar os poderes. Afinal, o executor final, que representa todos os indivíduos que compõem o Estado, deve ter autoridade suficiente para com a sua assinatura obrigar o Estado.

Hanne vê este segundo grupo mais restrito de presentes como o grupo de apoiantes de Guilherme I. Ela interroga-os se não tem sentido iniciar a discussão sobre a diferença entre autoritarismo e a autoridade. Não se confunde facilmente a vontade de um monarca inclinado para o absolutismo com o conceito de autoridade? Na verdade, inclina-se Guilherme I para o governo absolutista dos súbditos ou apega-se à sua interpretação do estatuto de autoridade executiva que vincula todos os cidadãos à lei? Talvez o problema reside simplesmente no reduzido número de cidadãos para controlar e administrar uma legislatura? Alguns dos amigos de Hanne têm as suas reservas quanto à fraca representação dos cidadãos na Câmara dos Deputados. Por outro lado, de acordo com a Constituição, o Senado não toma a iniciativa legislativa. Este órgão apenas aprova ou rejeita propostas vindas da Câmara dos Deputados.

Os círculos autoritários do antigo Primeiro e Segundo Estado nos territórios integrados nos Países Baixos do Sul, não querem sequer ouvir as propostas de Montesquieu nem toleram

Guilherme I. Manipularam certamente as *Assembleias de Notáveis* para que votassem contra a Constituição e continuam a mexer-se. Basta consultar o *Journal des Flandres* ou o seu duplo de língua neerlandesa, *Den Vaderlander,* para duvidar da natureza da oposição ao rei. Não propõe mais autoridade à Câmara dos Deputados. Revela uma uma oposição vindo principalmente de meios católicos, mais religiosa do que política, manipulando subtilmente em favor da conservação do poder desses mesmos círculos autoritários.

Hanne regressa em pensamento ao ano após a queda final de Napoleão. Jean-Jacques mostrara-lhes na altura, a ela e ao Lodewijk, uma cópia da publicação *Nederlaag der Algieren* encomendada pelo *Oostendse Maatschappij van Rhetorica* com o texto escrito por Amatus Liebaert que ganhou a Medalha de Ouro de Honra do concurso para o poema *Afschaffing der Christene Slavernij door de Zegepraal op Algiers*[1].

Segundo este poema, o perigo para a *'Europa'* espreitava na *'África'*. Liebaert iniciara com:

Argel, agora foi aniquilada ... a cova de ladrões destruída;
Nossos desejos profundos realizados, a Tirania sem vida;
A fonte de lágrimas secou; as correntes afastadas

Aparentemente Argel representava toda a África, os escravos cristãos toda a Europa:

Quem nos viu, pela nossa desgraça, através de sacrifícios sem culpa.
Nossos Irmãos hoje libertos; a Honra da Europa restaurada;
E a monstruosidade africana derrubada pelo nosso Leão,

[1] Abolição da escravatura cristã devido à vitória sobre Argel

Para Jean-Jacques, estes versos e os que seguem testemunharam a arrogância ignorante e a ignorância arrogante. A escravidão era aparentemente apenas uma maldição para os cristãos presos pelos governantes do Norte da África. Ele então contou o que os seus pais ouviram muitos anos antes em Sluis em relação ao comércio de escravos de não-cristãos organizado a partir dos Países Baixos. E ele também soubera pelo seu pai como o seu avô enquanto jovem ficara perturbado com os testemunhos de marinheiros de Oostende que tinham sido escravizados e depois resgatados. Estes acharam normal terem escapado da escravidão por serem cristãos e não os seus companheiros no sofrimento por serem negros e não-cristãos. Talvez fora esse equívoco de décadas que levou Liebaert a escrever os seguintes versos:

E o ninho da escravatura exterminado para sempre;
Para a eternidade … que a esperança não me acaricie e engane!

Mas consolem-se, consolem-se, irmãos! Eu vejo bandeiras de cruzada; Para atiçar a flâmula da vitória na costa africana

Lá vejo Direitos Humanos pisado com pés malignos;
Aqui vejo Bravura lutando contra raiva;

A arrogância com a qual se assume o Deus cristão - pelos vistos não apenas na sua versão católica - o único verdadeiro nega mais uma vez qualquer pensamento filosófico superando a estreita constrição teológica cristã e é expressa em versos como:

Quando o Escravo deixou aquelas muralhas rejeitadas por Deus
Quando ele se agarrou a bordo e viu os seus Salvadores
Ele clamou através de Ti, revive o meio enterrado;

Através de Ti, a Pátria vê regressar os seus perdidos;

Como gostaria Hanne agora ter alguns documentos daquela reconfortante biblioteca no Keizerskaai que visitou algumas vezes com Lodewijk. Ela poderia lá encontrar os textos de Zena Jacob, mas também de pensadores deístas e de outras regiões, sobre os quais a família de Lodewijk adorava discursar. Nesses momentos, os seus pensamentos voltam para Johanna a viver em Bruges com os avós, tendo a esperança que a filha não será educada no sentido de defender um Guilherme absolutista. Mas são momentos breves, porque quando ela pensa em Johanna, vêm à mente todos os momentos apaixonadamente vividos com Lodewijk. E ela continua a não conseguir lidar com o luto. Ela prefere ficar no seu novo círculo de amigos que antes falam francês e acreditam a nova revolta contra os poderes estabelecidos estar para breve. E isso apesar de suas dúvidas sobre as verdadeiras intenções de alguns frequentadores do círculo de Mosselman, gostando de ostentar o poder que obtiveram por administrar as instituições de dinheiro e por ganhar títulos. À Hanne pesa-lhe muito pensar nos últimos dias em Bruges e Oostende. Consola-se frequentemente, cuidando do filho. Este era demasiado pequeno quando Louis morreu para lhe causar a enxurrada de emoções, como é o caso de Johanna.

Nos anos após a morte de Lodewijk Hanne passa o seu tempo principalmente em Bruxelas discutindo as vantagens e desvantagens do Reino Unido dos Países Baixos e o papel a desempenhar pelos cidadãos de língua francesa e holandesa de

Flandres. Não muito longe, o jovem Henri Teacher cresce perto de Waterloo, onde acompanha a construção da colina artificial solicitada por Guilherme I, sobre a qual será colocado um leão de ferro quando aquele monte, o pedestal e as escadas estiverem prontos. Ele vende aos trabalhadores pão, manteiga e queijo, produzido pela sua mãe na pequena fazenda arrendatária onde ocupam um quarto. Do pai só tem o nome e a memória que a mãe mantém viva. Mãe e filho não sabem das tentativas fracassadas de David Teacher para voltar para Waterloo, depois de falhar retomar a sua vida de estudante e passar o tempo nas tavernas de Londres até ficar sem nada. Finalmente solicitou um posto de grumete na linha de Dover para Oostende, mas logo na primeira travessia caiu ao mar durante uma forte tempestade e afogou-se no Mar do Norte, algures no ano de 1825.

Henri tem pouco tempo para filosofar como o pai e a mãe faziam antes de ele nascer. A mãe há muito perdeu a esperança de sair da pobreza na qual a guerra a colocou. Henri parece um rapaz inteligente, mas não tira disso grande vantagem de momento. Contudo, a sua presença diária junto aos construtores da colina, irá providenciar-lhe mais um rendimento. A terra escavada contém muitos ossos humanos e de animais. Muitos dos escavadores que aí trabalham são supersticiosos e temem os espíritos perturbados dos falecidos. Henri e outros rapazes que andam por ali recebem dinheiro em troca da transladação dos ossos encontrados. Henri sistematiza e coloca os ossos em vales, guardando o mapeamento dos locais de enterro que organizou. Mal imagina como aquelas macabras identificações lhe trarão

bom dinheiro alguns anos depois.

O Círculo de Estudos de Bruges no Reino Unido

Como outros grupos, o *Círculo de Estudos de Bruges* acompanha os desenvolvimentos no Reino Unido dos Países Baixos. A nova realidade política trazida pela Convenção de Viena não acarreta consequências imediatas para os membros do grupo. Eles continuam a debater em primeiro lugar a relação entre as pessoas. Falam da escravatura e da nova escravatura, mas também da crescente educação institucionalizada das crianças em muitos países.

Muito falam do abade Gregoire e das suas opiniões acerca do comércio de escravos. Recordem um apelo lançado pelo abade ao Congresso de Viena em 1815 com o texto *De la traite et de l'esclavage des Noirs*. Ele referira, entre outros, como Las Casas bispo de Chiapas de antão teria promovido involuntariamente a importação de escravos negros ao defender os direitos dos índios. Como em outros lugares, também no *Círculo de Estudos de Bruges* as opiniões se dividem. As conversas levam à discussão de outro panfleto do abade, publicado em 1822 com o título *Des peines infamantes à infliger aux négriers* e no qual o abade escreve por exemplo: *'Chamo de traficante de escravos não só o capitão do navio que rouba, compra, acorrenta, encarcera e vende negros, ou mestiços, que chega a deita-los ao mar para fazer desaparecer o corpo do delito, mas também todo indivíduo que, através de cooperação direta ou indireta, é cúmplice desses crimes. Assim, a denominação de traficantes de escravos inclui armadores,*

fretadores, acionistas, patrocinadores, seguradoras, colonos-plantadores, gerentes, capitães, capatazes e até o último dos marinheiros, que participam nesse vergonhoso tráfico.'[1]

Durante a discussão dessa precisa passagem, Jean-Jacques observa que, na verdade, ninguém, nem a sua própria família, que em tempos possuía ações em empresas de transporte de mercadorias por mar, está livre dessa acusação. É muito fácil manter o argumento "*não sabia*" com tanta escrita antes e hoje, em círculos humanistas eclesiásticos e não eclesiásticos, acerca da existência de diferentes espécies humanas e da natureza de quem não nasceu na velha Europa. Rapidamente percebe-se porque as cartas do Papa Pio VII aos reis da Espanha, Portugal e Brasil sobre o tráfico de negros no sul da Europa não surtem efeito. Élise fica a saber por uma das suas correspondentes que o Papa terá escrito ao rei de Portugal as seguintes palavras: *'O papa lamenta que esse comércio de negros que ele acreditava ter cessado, ainda seja praticado em certas regiões e até de forma ainda mais cruel. Ele implora e suplica ao Rei de Portugal que use toda a sua autoridade e sabedoria para erradicar esta vergonha ímpia e abominável.'*[2]

Mas, aparentemente, essas ligações não são atendidas.

Nos últimos anos antes de sua morte, Lodewijk participara

---

[1] J'appelle négrier, non seulement le capitaine du navire qui vole, achète, enchaîne, encaque et vend des Noirs, ou sang-mêlés, qui même les jette à la mer pour faire disparaître le corps du délit, mais encore tout individu qui, par une coopération directe ou indirecte, est complice de ces crimes. Ainsi, la dénomination de négriers comprend les armateurs, affréteurs, actionnaires, commanditaires, assureurs, colons-planteurs, gérants, capitaines, contre-maîtres, et jusqu'au dernier des matelots, participant à ce trafic honteux.

[2] Le pape regrette que ce commerce des Noirs, qu'il croyait avoir cessé, soit encore exercé dans certaines régions et même de façon plus cruelle. Il implore et supplie le roi du Portugal qu'il mette en œuvre toute son autorité et sa sagesse pour extirper cette honte impie et abominable.

regularmente nas discussões no *Círculo de Estudos de Bruges*, sobretudo quando deixara de viajar para Bruxelas devido ao seu progressivo enfraquecimento. Muitas vezes, tratara-se do destino dos filhos do povo, às vezes pouco melhores do dos escravos vendidos no exterior. Não muito tempo depois da criação do Reino Unido dos Países Baixos, as oficinas e fábricas em constante expansão empregaram um crescente número de crianças. Na indústria do tabaco, na fiação e nas fábricas de papel de Gent, um em cada cinco trabalhadores era criança, de acordo com um censo local. Era uma simples verdade. Apesar dos muitos esforços dos últimos governadores austríacos e do governo de Napoleão, a pequena ou primeira escola estava em péssimo estado no sul dos Países Baixos. As duas escolas normais criadas para proporcionar ao país melhores professores foram em 1789 instituições natimortas, em parte devido à influência dos conservadores líderes da igreja que continuaram a dominar a vida secular. A conjunção de professores gravemente incompetentes e da pobreza extrema significara a rápida substituição da escola pelo local de trabalho. Vira o novo governo de Guilherme I querendo dar prioridade ao treino de mestres-escola. Reis e governos, incluindo os governos republicanos tinham estado muito interessados nas propostas de Joseph Lancaster, ou Lankaster, na grafia neerlandesa. Esse interesse fora principalmente económico: imitara o moderno conceito de produção em massa. Um local onde se reune muitas crianças para uma instrução claramente definida num período de tempo relativamente curto e com baixo custo pode mesmo receber o nome de oficina de instrução. Foi o que pensaram

Jean-Jacques e Lodewijk quando finalmente meteram mão numa cópia de *'Een enig schoolmeester onder duizend kinderen in een school'*[1] em 1818. Tratara-se da tradução do livro de Joseph Lancaster explicando o seu método. Segundo pai e filho, Lancaster não propusera uma educação para o conhecimento, mas a transformação industrial de crianças pobres selvagens em adultos pobres servis. Com impetuoso sarcasmo, Lodewijk escrevera no seu diário: "*Acabei de ler o décimo capítulo da proposta de Lancaster. Na verdade, ele pensa como Pestalozzi, mas de uma forma ainda mais desumana. Enquanto o último supunha que deveria dar aos órfãos algo que lhes permitisse viver mais felizes como pobres, Lancaster pensa nas crianças da classe trabalhadora como um fazendeiro pensa em cavalos de tração: convém treinar a força de trabalho para garantir a produção.*"

Produção segura.

Era disso que a instrução se encarregava, imprimindo e não raciocinando. Uma noite de reunião do *Círculo de Estudos*, Jean-Jacques citara algumas passagens de *'Um único mestre-escola'*. Ele contara: "Não se deve deixar falar as crianças, diz Joseph Lancaster. Oiçam, eu leio: *'Não é nada apropriado que as crianças desperdicem e falem durante o tempo de escola; eles não conseguem falar e aprender ao mesmo tempo. Na minha escola, falar é considerado crime. Devo dizer que considerando o número tão grande de crianças, raramente acontece; mas se isso acontecer, é imediatamente punido'.*"

"É quase o oposto do que queremos alcançar em nossas casas escolares. Até os humanistas são menos severos quando falam

[1] Um único mestre-escola entre mil crianças numa só escola

acerca da educação infantil", dissera Élise.
"E fica ainda mais claro", respondera Lodewijk, "quando lemos como a Lancaster introduz um sistema de cartões de reclamação. Como resultado, as crianças sentem-se constantemente observadas podendo ser denunciadas o tempo todo."
Jean-Jacques acrescentara: "Esta é a verdadeira natureza de Lancaster para mim. Ele escreve: '*Se um aluno errar com frequência, ou se repetir mais de uma vez o mesmo erro apesar de todas as advertências, o menino, a quem deve ser mostrado o cartão de reclamação, terá de colocar um bloco de madeira no pescoço, como uma coleira, e assim mandado de volta ao seu lugar. As madeiras de pescoço pesam entre quatro a seis libras. Elas não beliscam ou prendem o pescoço. Pela sua natureza e o modo como são fixados apenas impedem a pessoa punida de virar a cabeça para a direita ou para a esquerda. Enquanto a madeira repousa sobre os ombros, ela está equilibrada, mas assim que o castigado vira a cabeça o mínimo para a direita ou para a esquerda, o equilíbrio é quebrado e a madeira pende sobre ele como um fardo pesado. Ele é, portanto, obrigado a permanecer imóvel olhando para frente*'."
"Mas o pior para mim", acrescentara Lodewijk, "é o que se segue. Podemo-nos realmente perguntar se estamos a falar duma escola ou duma instituição penal. Lancaster continua dizendo: '*Se este castigo não ajudar, os seus pés serão amarrados com um ou mais braçadeiras de perna, de acordo com o seu crime. Tal braçadeira é um bloco de madeira de cerca de um pé, às vezes até de seis ou oito polegadas de comprimento, amarrado à perna.*

Assim maniatado, ele só anda de passo muito lento e curto; ele deve dar seis passos em vez dos dois que dá normalmente. Ele deve assim andar pela escola, até que, cansado, pede de ser libertado e promete de se comportar bem no futuro'."

"O role dos horrores continua ao longo de dez páginas", continuara Jean-Jacques. Quando os grilhões de cabeça ou de perna não oferecem uma solução, o castigado vai para o ar. Ouçam: '*Esses meninos são também às vezes pendurados num saco ou numa cesta no tecto da escola na frente de todos os outros que fazem troça do pássaro na cesta. Esta punição é a mais grave, rápida e sensível para os meninos, pela qual os professores são mais temidos. Referir o nome da punição já é muito eficaz e, portanto, raramente é necessário recorrer a ela*'."

Vários membros do *Círculo de Estudos* comentaram indignados que isso de facto já tem pouco a ver com educação. Toon Greysels balançara a cabeça melancolicamente: "Como é possível. O nome da punição é suficientemente assustador, mas isso só significa que todos já a viram aplicada. Podemo-nos perguntar quem se deve confessar mais, as crianças ou os professores".

O *Círculo de Estudos* teve acesso às listas de livros adoptada pelo governo do rei Guilherme I para a *primeira escola* ou *escola primária*. Aparentemente a *Colectânea de Perponcher*, pouco solicitada vinte anos antes, passou a constar das recomendações da lista de *Livros para o serviço de escola primária*. A colectânea inclui títulos como *Aristus*, *Hino Matinal de Adão e Eva no Paraíso*, *De Oceaen Lierzang*, *A face de Mirza*, *Para a Sabedoria*, *O Enjeitado - um verdadeiro evento*, *O virtuoso epicurista*, *Daphne e*

Cloe - Canto Campestre, Liberdade. As opiniões dividiram-se quanto ao conteúdo. O hino da manhã constitui para uns uma bela representação infantil da vida de Adão e Eva no Paraíso, para outros uma fantasia bastante ousada a partir de uma história da Bíblia. Para outros ainda, significara o retorno à teoria da terra estacionária e centro do universo. Para Élise a pedra de tropeço fora aquela passagem: '*Tu Sol! Em simultâneo Olho e Alma deste grande mundo, reconhece Ele, o teu Senhor Supremo; e faz reverberar o Seu louvor através da tua eterna órbita. Fá-lo quando sobe, quando estiver no trono do meio-dia, como quando estiver novamente a descer.*'

"Imagine essa passagem numa aula de leitura sem permissão para falar sobre o que se lê", diz Élise. "Isso leva as crianças de volta a uma visão aristotélica de mundo."

Quem exprimira o seu ceticismo em relação ao novo reino unificando Norte e Sul focara o *Ode à Liberdade,* um hino para glorificar o Norte, enaltecendo-o mais do que o Sul. Censuraram sobretudo a passagem '*LIBERDADE! Primeira Deusa Protetora da Comunidade Bataviana! Salve Regina! Inspire os seus filhos novamente com seu fogo heróico*'.

Numa longa carta a um dos primos de Élise, que tinha começado a trabalhar na jovem Universidade Estadual de Gent, Jean-Jacques escrevera: "Tam*bém gostaria de falar do método Lancaster. Acho que já estamos a ver uma diferença fundamental entre o Norte e o Sul. É claro que o método é economicamente vantajoso, mas ainda assim não parece ser muito bem-vindo no Norte de nosso novo reino. Podemos argumentar obviamente termos muito menos escolas para o povo no Sul do que do outro*

lado dos grandes rios. Mas penso que não devemos subestimar o papel da conservadora liderança da igreja entre nós. Ela sempre se opôs à educação das Luzes, exceto para uma certa elite. O sistema Lancaster barato e também muito rígido, soa bem nos ouvidos da elite conservadora e arrogante: se os filhos do povo têm de ir à escola, que seja de preferência em massa e de maneira bem controlada. É claro que hoje vivemos na pobreza, após os exaustivos últimos trinta a quarenta anos de guerras, mas a pobreza não pode servir de argumento para nos enviar de volta à era do analfabetismo e uma severamente limitada instrução para os pobres ao lado de uma próspera aristocracia e burguesia de salão, que mais uma vez guarda o conhecimento para si.

Acho perigoso apresentar o sistema Lancaster como uma espécie de mal necessário, bom para os bárbaros, mas não para nós, como sei ter sido sugerido por alguns dos nossos colegas.

Entretanto é interessante de ver como De Perponcher hoje se tornou menos perigoso. Lembro-me do manual dele acerca da educação doméstica de crianças abastadas. Falávamos dele às vezes na escola de meus pais no Keizerskaai em Oostende. Ele estava obviamente a namorar as ideias de Locke e Rousseau, mas penso que tinha pouco a dizer em relação ao papel efetivo dos pobres no governo do estado.

Não sei se já ouviu falar de Betje Wolff? Como ela própria referiu há 30 anos, ela escreveu para mulheres de classe média. No trabalho dela podemos ver expressa a preocupação para que os adultos olhem para as crianças como elas são e aprendam a responder de maneira sensata ao comportamento exibido. Ela costumava mostrar a sua preocupação com o desenvolvimento

intelectual e emocional dos filhos da burguesia esclarecida, em tempos de turbulência causada pelas então novas ideias vindas da França. Mas ela também fez uma espécie de última distinção entre os cidadãos mais abastados e o povo comum. A certa altura ela fala dos pobres e descreve 'as cabanas desprezíveis e de mais suja pobreza' *e como reina ali a suprema imoralidade. Em linha com Pestalozzi, ela considera que as pessoas simples colocadas pela providência no seu papel de pobres encontrarão maior felicidade se cumprirem as leis da moralidade. Os proponentes do sistema Lancaster têm no seu apelo por escolas onde as crianças aprendam a ser boas um ótimo argumento.*

Meu querido primo distante, espero que na nova universidade do estado onde trabalha, será capaz de quebrar uma lança pelo comum povo trabalhador. Talvez isso é possível num lugar não totalmente dominado por teólogos cristãos, católicos no Sul, protestantes no Norte. Entre nós sabemos como a aristocracia da igreja prefere manter simples as almas simples. Também no Norte das Luzes, como alguns de nossos amigos dizem, encontras frequentemente a mesma atitude condescendente em relação às crianças comuns. A educação popular para crianças do povo, para torná-las mais dóceis, é também bem-vinda no Norte. Em geral quer-se evitar o desaparecimento da classe trabalhadora. Segundo meus amigos de Sluis, um certo pastor Johan Nahuys, terá dito que a classe trabalhadora está para a nação como a escória está para o vinho. Segundo ele, poucas crianças da classe trabalhadora são tão talentosas que a educação as pode elevar ao ponto que fiquem insatisfeitas com sua posição devido ao conhecimento adquirido. E enquanto alguns, subindo, podem prestar grandes

serviços, é preciso ter cuidado para evitar a chegada de demasiada escória, o que estragaria o vinho. Ou seja, mesmo não sendo Lancaster grandemente apreciado por lá, uma educação moral estrita e baseada na Bíblia para as classes populares é o desejo de quem não quer grandes mudanças na forma como se governa a atual nação.

No entanto, continuo a ter esperanças, querido primo. Não só criou-se agora a Universidade do Estado onde trabalha, outras instituições governamentais de educação viram a luz. Estou muito satisfeito com as Universidades que agora iniciaram em Liège e Leuven e com início da Escola Normal Nacional em Lier.

Fiquei a saber que essa instituição de Lier não só recebe aprendizes de todo o país para lhes proporcionar formação em língua holandesa, mas os professores já em funções nas escolas anexas beneficiam igualmente de formação complementar. Para mim, parece-me ser o caminho. Uma educação sólida de quem ensina. E observo com satisfação o esforço para entender as crianças e como elas aprendem. Poderemos antever como resultado uma escola amigável, diferente das práticas desumanas de Lancaster de domar crianças, único termo em que consigo pensar quando oiço falar em pesos de madeira e cestos suspensas?

Temos de o admitir: em termos de educação, o atual rei Guilherme parece avançar um pouco mais do que o então imperador Napoleão. Têm em comum o modelo de instituições escolares governamentais. Mas enquanto a administração de Napoleão estava cegamente focada na exclusão de influências eclesiásticas, as decisões administrativas sob ordens de Guilherme parecem incorporar a preocupação de fazer aprender as pessoas nessas

instituições, de que o Conhecimento possa ser adquirido.
Contudo… As Escolas Primários do Estado continuam a portar em si os ingredientes para uma receita um quanto elitista. Elas servem em primeiro lugar os filhos dos Neerlandeses do Norte que residem nas Províncias do Sul, não os filhos da classe trabalhadora: já o vemos em Tournai, Liège, Maastricht e Namur. O Decreto Real para Oostende, Bruges, Mons e Bruxelas também foi emitido. Também ouvi dizer que tais Escolas Primárias serão criadas em Antuérpia, Ypres, Gent e Mechelen. Pergunto-me se os filhos de pais nascidos no Sul dos Países Baixos as poderão frequentar. É claro que também penso na minha neta, filha de Lodewijk."

Os membros do *Círculo de Estudos* ficaram obviamente muito impressionados com a morte de Lodewijk. Nos últimos anos, eles frequentemente trocaram ideias com ele em relação a Pestalozzi. Aconselharam-no alguma prudência quando comparara Lasalle, Lancaster e Pestalozzi. A humanidade de Pestalozzi ressalta, claro, mas o seu paternalismo e a sua atitude para com as crianças pobres não deixa de ser relevante.
O *Círculo de Estudos* aprecia as histórias de caráter biográfico escritas por Lodewijk sobre Beethoven, Bach e Bernoulli, que ele tanto admirava. Após a sua morte, o *Círculo de Estudos* tentara publicar esses contos como *Obra Miscelânea*. O projeto não dera em nada depois de Hanne se isolar em Bruxelas e Jean-Jacques e Élise voltar para Oostende no decorrer de 1823.
Nas últimas reuniões do *Círculo* ainda presenciadas por Jean-Jacques e Élise, discutira-se a implementação gradual das reformas decorrentes da legislação escolar de 1820. Embora a ideia de reunir crianças de diferentes origens sociais não

decolasse e uma instituição como a Casa-Escola dos Lemaîtres parecesse há muito uma utopia impossível, alguma melhoria se vislumbrara nas práticas de ensino, inclusive nas escolas para as crianças do povo. No ensino da leitura, o método sonoro passou a prevalecer sobre o método de soletração e a escrita fora agora mais prática, deixando de ser uma deficiente imitação do que os copistas medievais aprendiam nas abadias. Surgiram mais momentos de cálculo e os exercícios passaram a se relacionar com a vida diária e a compra de alimentos.

Seguira-se uma discussão acirrada acerca da crescente qualidade da educação dos professores dos Países Baixos em comparação com alguns outros países. Discutira-se também como os governos não absolutistas utilizavam cada vez mais o conceito de Nação como um agente de vinculação. Ouviram-se argumentos e contra-argumentos acerca da questão se os territórios ultramarinos fizessem parte da nação ou não. Como garantir a coesão de uma nação? Com a escola para todos? Com diferentes escolas para diferentes grupos populacionais? Alguém citara uma declaração de 1820 de inspetor Visser. Ele terá dito que a coesão se impunha, mas referira também os habitantes de Tierra del Fuego, considerando-os selvagens primitivos quando comparados com os raciocinando Cristãos holandeses. Como evitar a fossa? Porque dizia-se ser perigoso deixar afastar demasiado as estruturas inferiores e superiores. Jean-Jacques e Élise recorreram para a sua argumentação à grelha do avô Yanne Lemaître relacionando arrogância e ignorância. Mas num *zeitgeist* de nações emergentes nas quais parecia ser popular de classificar e hierarquizar os cidadãos da nação de não valioso a

valioso, de tribos primitivas a grupos evoluídos, qualquer discussão sensata acerca de diferenças culturais, religiosas e comunais tornar-se-ía totalmente impossível.

Após a partida de Jean-Jacques e Élise, o *Círculo de Estudos* concentrara-se na evolução da ciência durante os anos anteriores à divisão do Reino Unido em Reino da Bélgica e Reino dos Países Baixos. Discutia-se e filosofava-se menos porque sem a mediação de Jean-Jacques, essas discussões por regra ameaçavam terminar em brigas. Preferia-se portanto limitar os comentários a leituras acerca das descobertas nas ciências naturais e acerca de algumas invenções. Soube-se por exemplo que o desenvolvimento da máquina de duas rodas de Karl Drais, a *draisienne*, terá sido a resposta à matança em massa de cavalos na Europa no anos a seguir a 1816, um ano sem verão e com uma aguda escassez de trigo e aveia. Isso, por sua vez, teria sido consequência da erupção do vulcão Tambora. Os membros cínicos do Círculo não deixaram de referir que as Guerras Napoleónicas deveram ter causado mais matança de cavalos do que a erupção vulcânica. Parece recorrente, observara Toon Greysel, atribuir o efeito das ações humanas à natureza e não às ações humanas. Talvez as pessoas irão argumentar que substituir o cavalo pela bicicleta de equilíbrio fora um ato inspirado por Deus, conclui ironicamente. Com esta observação o pai de Hanne voltara a provocar um encontro que quase terminou em briga.

Um tópico sempre menos perigoso era a abordagem do progresso na compreensão da natureza dos materiais e dos minerais. Os membros do *Círculo de Estudos* conheciam a

classificação geral da matéria, proposta por Antoine Lavoisier antes de ter sido decapitado por míopes e arrogantes ignorantes durante os anos da Revolução Francesa. Ele sugerira quatro tipos de elementos: os gases simples, as substâncias metálicas e não metálicas simples e as substâncias terrosas, das quais se consegue fabricar sais. Falava-se hoje das descobertas da relação entre certas substâncias metálicas e o magnetismo e da relação estabelecida por Hans Ørsted entre corrente elétrica e magnetismo. Muitas conversas dedicavam-se naturalmente às descobertas e subsequentes palestras de Davy. Ele falava não só das aplicações práticas das propriedades químicas de alguns elementos, como o desenvolvimento da lanterna de mineiro, mas também das descobertas relacionadas à geração da eletricidade. E quando Faraday fora eleito membro da *Royal Society* em 1824, as palestras dele tornaram-se outro tópico de conversa.

Mais tarde, discutiu-se a doutrina das tríades, quando Johann Döbereiner descobrira que muitas substâncias podiam ser agrupadas em grupos de três com base nas suas propriedades.

Em novembro de 1827, um pequeno grupo do *Círculo de Estudos* visitou Oostende quando Jean-Jacques os informara da enorme baleia que tinha dado à costa a leste do porto de Oostende tornando-se uma atração para muita gente; de nariz tapado, fazia-se fila para ver o cadáver em decomposição. Mais tarde, o esqueleto do animal passou a ser exibido em várias cidade de Europa. Foi a última vez que o *Círculo de Estudos* se reuniu com os fundadores Jean-Jacques e Élise.

A morte de Lodewijk provocara claramente uma certa letargia

em Jean-Jacques e Élise. O *Círculo de Estudos* tentara distraí-los no difícil processo de luto, mas eles preferiram isolar-se do mundo exterior. O distanciamento protagonizado pela completamente devastada Hanne deixara feridas profundas. Toon bem tentou dissuadir a sua filha da acusação maluca de que os pais de Lodewijk tivessem algo a ver com sua morte. Ela culpava-os por não terem sido suficientemente alertes depois do ferimento de bala. Assumira-se efectivamente que Lodewijk morreu na sequência de uma infecção tardia resultante do antigo ferimento. Depois de ler informação médica relativo ao saturnismo, Hanne concluíra ter sido a bala de chumbo alojada nos ossos de Lodewijk que o envenenou. O pai dela bem tentou explicar que na altura o médico do exército não quis remover a bala porque isso teria quase por certo custado a vida ao Lodewijk. E quando Hanne repelira cada vez mais a pequena Johanna que perguntava constantemente pelo pai, Jean-Jacques e Élise tornaram-se pais adotivos da neta e fecharam-se no seu pequeno mundo. Eles mudaram-se para Oostende apesar do fecho da Casa-Escola no Keizerskaai. Já estava a ser criada uma escola primária estatal em Bruges no contexto da nova legislação escolar, mas os avós optaram por matricular Johanna na escola de Oostende que se estreara há dois anos na Aartshertoginnestraat. Só podemos especular por que fugiram para Oostende. Terá sido para se distanciar de todas aquelas lembranças tristes com as quais muitas vezes eram confrontados em Bruges?

Só alguns anos depois da morte do seu filho Jean-Jacques retoma o fio da meada em relação à educação infantil, no país e

fora dele. Élise escreve em uma carta ao irmão, no início de 1828: *"Sinto que a visita de membros de nosso antigo círculo de estudos ao cadáver da baleia aqui na praia teve um significado simbólico para mim e também para Jean-Jacques. Agora sabemos que então fechámos esse capítulo. Era simplesmente impossível ficar lá em Bruges no local que sempre vimos como o futuro ambiente de trabalho de Lodewijk. Era impossível. Não posso dizer que estou muito melhor aqui. Apenas Johanna faz-me sorrir ocasionalmente. Ela é um pequeno sol cá em casa, mas ao mesmo tempo uma constante lembrança ao nosso Lodewijk e ao triste modo como a mãe dela desapareceu da nossa vida e da dela. Tenho a impressão de que Jean-Jacques se interessa novamente para o que acontece ao nosso redor. Ele fala mais. Estou feliz com isso. Duas pessoas sempre tristes e silenciosas não são por certo a boa companhia para a pequena Johanna. Fiquei surpreendida quando me apercebi que foi de certo modo uma mensagem da distante Viena acerca de Liszt e Beethoven a agir como uma espécie de mola na cabeça de Jean-Jacques. A história é simples e nem sequer sei se é verdadeira. Foi nos contada há pouco mais de um ano, tínhamos acabado de nos mudar para Oostende. O menino Liszt então com 12 anos ainda estava em Viena, onde teria convidado Beethoven para assistir a um recital seu em meados de abril. Segundo as nossas fontes, Beethoven não terá comparecido, tendo referido não suportar crianças prodígios. Fiquei consternado quando ouvi Jean-Jacques explodir em gargalhadas pela primeira vez desde a morte de Lodewijk. Eu estava realmente chocado. Quando se acalmou, implorou-me que lhe perdoasse aquela explosão. Ele vira naquela declaração, assim disse, uma espécie de confirmação de sua própria*

opinião que o prodígio está unicamente no modo como as crianças talentosas são apoiadas desde cedo. Todas as crianças assim apoiadas podem se desenvolver maravilhosamente, afirmava. Mas o momento também tinha algo mágico. De repente, voltou a estar aqui o entusiasmado Jean-Jacques que tanto fala do poder da educação. Ele relembrou as nossas conversas sobre a educação de crianças surdas e sobre o estudante surdo John Goodricke que graças a essa educação se tornou membro da Royal Academy em reconhecimento pelas suas observações astronómicas. Isso já tinha sido na década de 1780. Só recentemente Jean-Jacques soube como na mesma altura se começou a procurar soluções para crianças cegas. Mas o verdadeiro avanço, disse-me ele, ocorreu há cerca de três ou quatro anos, quando um certo Louis Braille, de quinze anos, simplificou a escrita para cegos desenvolvida por Charles Barbier. Em última análise, afirma Jean-Jacques, vê-se o mesmo fenómeno para crianças surdas e crianças cegas. Durante muito tempo foram tratados como incultos, como párias, condenados à mendicidade. E depois constata-se como dialogar de maneira adequada com elas e elas não só passam ter suporte para a sua aprendizagem, mas dão contribuições talentosas para aumentar o conhecimento. Os próprios Goodricke e Braille são exemplos impressionantes disso. Não custa muito de imaginar como para as crianças ensinados por educadores como Thomas Braidwood, Valentin Haüy, Charles Barbier e Louis Braille, a abordagem diversificada emergente foi uma bênção. Não existem crianças prodígios, existem crianças devidamente apoiadas no seu talento, afirma Jean-Jacques. Ele tem procurado ativamente todos aqueles que têm ideias semelhantes às dos seus pais quando

iniciaram a Casa-Escola: uma abordagem diversificada para crianças diversas, embora na mesma instituição. Ele está a tentar de entrar em contacto com a New York Public School Society, a antiga Free School Society. Esta associação adoptou uma nova Carta há quatro anos, na qual afirma desejar oferecer ensino a todas as crianças, não apenas às crianças pobres, pedindo por isso aos pais ricos que façam uma contribuição financeira. Ele gostaria de saber como funciona o ensino conjunto de crianças de diferentes grupos populacionais.

E isso, é claro, leva-nos até nós. Nos últimos anos, tivemos a possibilidade de acompanhar Johanna na escola primária do estado. A escola parece tentar afastar-se cuidadosamente do modelo no qual as crianças apenas reproduzem. É dada atenção para entender o que cada um precisa para aprender. Acreditamos que foram feitos esforços por quem formou os professores para aprenderem a se posicionar mais atentamente perante diferentes abordagens para diferentes crianças, mesmo numa sala de uma escola que inclui crianças da classe trabalhadora. Uma tarefa difícil. A pergunta de sempre é como universalizá-la. Sabemos claro não ser possível de nos limitar ao modelo de professor individual para cada criança individualmente. E parece-nos que a Casa-Escola estava claramente muito à frente de seu tempo!"

Jean-Jacques, Élise e Johanna

No ano que antecede ao primeiro ano escolar de Johanna, Jean-Jacques dedica todo o seu o tempo livre à educação dela. Ele não apenas volta ao antigo *Orbis Pictus*, mas procura livros que

possa ler para a menina e que a podem cativar.

Jean-Jacques consulta a resenha de livros *Exercício das Letras Patrióticas ou revista de Artes e Ciências em que os livros e cadernos que saem diariamente em nossa pátria e em outros lugares são negociados judiciosamente também com ousadia*[1] de 1821. Ele percebe imediatamente como as crianças continuam muitas vezes a serem vistas por quem produz literatura enquanto pequenos adultos. A resenha discute, certo, algumas publicações com histórias bíblicas e coleções de poemas adaptadas a crianças. Contudo, apenas seis títulos constam da secção de livros infantis. São eles *O Fazendeiro ensinador com as suas Crianças em conversas instrutivas sobre agricultura e economia rural*[2] de J. Hazeu; *Conversas noturnas sobre vários tópicos científicos e morais. Um livro de leitura para a juventude*[3], traduzido do francês; *Poemas para a juventude neerlandesa*[4], *Paulo ou as consequências da diligência em sete capítulos com oito figuras coloridas*[5] e *Museu do Extraordinário e Maravilhoso contendo eventos verdadeiros de nossa Era*[6]. *Finalmente há o livro Livro de Contos de Fadas para Crianças. Da herança da Mãe Ganso, reunidos e publicados pelos Irmãos Grimm. A partir do alto*

---

[1] Vaderlandsche letteroefeningen of tijdschrift van Kunsten en Wetenschappen waarin de de boeken en schriften die dagelijks in ons vaderland en elders uitkomen oordeelkundig tevens vrijmoedig verhandeld worden

[2] De onderwijzende Landman met zijne Kinderen in leerzame gesprekken over den Landbouw en de Landhuishoudkunde

[3] Avondgesprekken over verschillende wetenschappelijke en zedenkundige onderwerpen. Een Leesboek voor de Jeugd

[4] Gedichtjes voor de Nederlandsche Jeugd

[5] Paul of de Gevolgen van Vlijt in zeven Hoofdstukken met acht gekleurde Plaatjes

[6] Museum des buitengewonen en wondervollen behelzende ware gebeurtenissen uit onzen Leeftijd

alemão[1].

Quem fez a resenha deste último livro não o aprecia muito, pensa Jean-Jacques, quando lê: *'Tendo a permissão dos altamente eruditos editores e revisores de livros alemães, e igualmente do muito erudito, mas não muito linguista, tradutor holandês, há muito tempo que não tínhamos entre nós um livreto tão louco com ilustrações tão doentias. Uma Nieder-Zwehrnsche camponesa intrujou-os com mais e bonitos(!) contos de fada! Talvez não entendamos o significado sublime dessas maravilhosas esquisitices; mas sabemos, isso sim, que nos importamos suficientemente com o cérebro e o sono reparador de nossos queridos pequeninos, para não cedermos à impressão assustadora de tais imagens fantasmagóricas nem nos aventurar com contos de barbas azuis e cabelos vermelhos,"* é o veredicto do comentador do livro.

Contudo, Jean-Jacques comprou o livro e o lê algumas dos contos para Johanna, tendo uma certa cautela ao mostrar as ilustrações. Também ficou desapontado, mas mais porque se apercebe se tratar na maioria de adaptações de contos populares já recolhidos por Perrault cento e cinquenta anos antes. Os irmãos Grimm só se limitaram a produzir uma versão mais germânico com este *legado da Mãe Ganso,* acha Jean-Jacques. Não, continua ele a pensar, então Ernst Theodor Hoffman adotou uma abordagem mais original, embora os seus contos de fadas façam mais sentido para adultos do que para crianças. Mas quando mais tarde consegue os dois volumes de *Kinder- und Hausmärchen* também da mão dos irmãos Grimm e

[1] Sprookjesboek voor Kinderen. Uit de Nalatenschap van Moeder de Gans, bijeen verzameld en uitgegeven door de Gebroeders Grimm. Naar het Hoogduitsch

publicado pela primeira vez em 1812, ele aumenta em muito o número de contos e histórias para Johanna, alguns dos quais ele traduz para neerlandês ou francês.

De resto Jean-Jacques dispõe de um exemplar de *As Viagens de Gulliver*, de *Dom Quixote* e de *Robinson Crusoé*. Conta-se que Jean-Jacques Rousseau já recomendava este último livro como literatura infantil, mas Jean-Jacques Lemaître questiona-se em relação à história de canibalismo embutida. Ele prefere ficar pelo *Der Schweizerische Robinson* de Johann Wyss, do qual conseguiu encontrar um exemplar alguns anos atrás. O livro aborda os valores cristãos europeus e Jean-Jacques utiliza-o para falar com Johanna acerca da frugalidade, da boa organização das tarefas domésticas, da tolerância e da cooperação, como os pregadores de bons costumes promovem esses valores, mas nem sempre os praticam. O que mais interessa Jean-Jacques nesse livro é o estilo narrativo para as lições sobre história natural e ciência como se tratasse de uma história de aventuras. É também a razão pela qual aprecia *Conversas noturnas sobre vários tópicos científicos e morais. Um livro de leitura para a juventude*. Aqui, concorda com as palavras do revisor do livro em *Exercício das Letras Patrióticas*: '*Um livro que ensina à juventude muitos conhecimentos úteis e benéficos, principalmente históricos, para a mente e o coração. Mesmo se algumas coisas possam se inclinar até um pouco para o milagroso, sentimo-nos tranquilos em recomendar a sua leitura sob supervisão adequada*'.

Pelo que sabe Jean-Jacques ninguém jamais tenha-se proposto em atualizar *Orbis Pictus,* o que lamenta. Ele continua maravilhado

com Jan Amos a produzir, quase cem anos antes da Enciclopédia de d'Alembert e Diderot, uma espécie de enciclopédia infantil, e triste como entre os humanistas ninguém, Rousseau incluindo, tenha pensado reescrever *Orbis Pictus* à luz do avanço do conhecimento e da ciência. Não, é mais um indicador como só recentemente se começou a considerar as crianças como seres humanos em desenvolvimento e não adultos inacabados em formato reduzido. É curioso, mas padres e pregadores dão na sua maioria mais importância aos livros infantis. Eles compilam livros para crianças, não tão gráficos como *Orbis Pictus*, para lhes ensinar orações e parábolas. Jean-Jacques lembra-se ter lido *Spiritual Milk for Boston Babes* do puritano John Cotton enquanto pai. Na verdade, era uma espécie de catecismo para crianças, mais compreensível e conciso do que o habitual e mais complexo catecismo em cem perguntas para adultos.

Quanto a Johanna, ela diverte-se muito com *A Little Pretty Pocketbook* de John Newbery. Ainda não sabe ler, mas as ilustrações, tal como em *Orbis Pictus*, dão para muitas conversas com o avô, que gosta de fazer observar a neta os pormenores das xilogravuras para a partir daí fantasiar histórias com ela. Jean-Jacques complementara a sua biblioteca com mais livros de poemas infantis além dos clássicos livros de ABC, como o de Van Alphen, e Johanna convive natural- e agradavelmente com os livros numa enriquecedora rotina de folhar e olhar.

Jean-Jacques já duvidava da existência do Deus das igrejas antes da morte de seu filho e a dúvida e acentuou-se ainda mais agora. O retorno a Oostende foi influenciado pela decisão de enviar Johanna para uma das poucas escolas primárias do

estado. Essas escolas incorporam os valores cristãos europeus, mas não estão sob controle direto das conservadoras autoridades da igreja. A escola na *Aartshertoginnestraat* tinha quarenta alunos no ano em que Jean-Jacques lá levou a Johanna pela primeira vez. No ano 1829, quando a neta terminou seus estudos primários, havia pouco mais de oitenta crianças. Embora Jean-Jacques e Élise nunca se arrependeram da sua escolha, eles perceberam que a escola não se desenvolveu como originalmente planejado. Continua a ser uma escola para famílias mais abastadas pagando uma taxa escolar, mas não como na extinta Casa-Escola de Jan e Mathilde[1]. Afinal, a família tinha recursos próprios que lhes permitiam acolher os filhos do povo gratuitamente. Na escola estatal houve algumas discussões relativo ao número de crianças por professor e o idioma de instrução. Deveria ser o neerlandês, contudo na região de Oostende aumentou o número de professores francófonos que não dominam a língua autóctone. Mas de resto a escola tem o equipamento que a reforma escolar geral almeja: um bom prédio com uma sala com um cuidado quadro e bons livros escolares. Os professores tiveram uma sólida formação como aprendizes ou ex-professores em escola anexos e foram sujeitos a um exame de admissão.

Johanna sempre estivera feliz com a decisão dos avós e da mãe ausente de a deixar morar com os avós mesmo depois de terminar a escola primária. No entanto, desde 1798 não existe em Oostende nenhuma *Escola Latina*, escola secunda ou secundária. O governo e a Igreja fizeram vagas promessas de

[1] Ver Volume 04 - O privilégio do Saber.

reabrir as instituições fechadas no tempo da Revolução Francesa, mas nada se concretiza. Por isso Jean-Jacques e Élise decidem chamar a si a educação intelectual de Johanna depois da escola primária, aproveitando-se da sua experiência com a *Casa-Escola* e o *Círculo de Estudos*. Jean-Jacques continua a investir na literatura infantil e Johanna desenvolve grande interesse por contos de fadas e histórias fantásticas. Os muitos momentos de leitura e de contar de histórias com o avô acabam por ter uma influência duradoura. De aqui alguns anos ela irá conhecer os contos de fadas de Hans Christiaan Andersen. E ao longo de sua vida estará atenta ao contínuo desenvolvimento da literatura infantil e juvenil, o que a ajudará em trabalhos posteriores e na educação dos seus próprios filhos. Ela tornar-se-á futuramente uma ardente colecionadora das histórias fantásticas de Júlio Verne, nascido no ano antes de ela terminar a escola primária.

É notável como aos treze anos Johanna esteja tão interessada na arte de aprender. Logo, Jean-Jacques reúne um conjunto de textos tratando da matética e da didática. Johanna aprimora rapidamente os seus conhecimentos da língua alemã, que já domina graças a anos de leitura de contos de fadas dos Irmãos Grimm. A razão são as edições de *Die erziehenden Familien* que chegam regularmente de Keilhau, na Saxônia. Johanna gosta de ler os artigos de Friedrich Fröbel. Desde 1817 este ex-aluno de Pestalozzi trabalha no *Allgemeine Deutsche Erziehungsanstalt*, por ele fundado em Griesheim e depois transferido para Keilhau com o apoio de Wilhelm Middendorf e Heinrich Langethal.

Jean-Jacques adquire uma cópia de *Die Menschenerziehung*[1] logo que disponível. Mais tarde Johanna conta que quando deixou Oostende aos dezoito anos ela sabia partes inteiras do livro de cor. Com o avô traçara uma espécie de paralelo entre a estrutura da obra de Fröbel e as leis das três fases formulada por Augusto Comte formulou durante suas aulas de filosofia positiva no mesmo período. O filósofo vê passar a humanidade primeiro por uma fase teológica explicando o mundo em redor por analogia com as ações humanas. A humanidade entra então na fase metafísica durante a qual o mundo é explicado por referência a princípios ou essências abstratas. Depois o Homem entra na fase positiva, na qual aprende que apenas a ciência empírica pode fornecer conhecimento real. O conhecimento torna-se então verdadeiramente acessível a todos e relevante para tudo que são as necessidades diárias.

Jean-Jacques vê as duas primeiras fases de Comte refletidas nas duas primeiras partes do *Menschenerziehung* de Fröbel e considera o resto da obra descrevendo o ser humano como *estudante*, como *Ser que Aprende*, uma representação prática de como a segunda fase de Comte se articula com a terceira. Mas Jean-Jacques distancia-se da ideia de que a ciência empírica é consequência da evolução levando a uma espécie de destino final do desenvolvimento humano. Ele interroga-se em que medida substituir as perguntas-*porquê* pelas perguntas-*como* não reduz o conhecimento humano em vez de o aumentar. E pela sua interpretação de Comte, o filósofo consideraria as questões-*porquê* relativamente à natureza das coisas como questões

[1] A educação do ser humano.

utópicas, porque essas questões visam a explicação universal da natureza das coisas, algo que ao seu entender cai sob a metafísica e não deveria portanto ser procurado. Jean-Jacques explica à neta preferir ver os dois tipos de perguntas em articulação: as perguntas-*como* empíricas apoiam as perguntas-*porquê* metafísicas. Durante uma conversa ele afirma: "Podemos desenvolver hipóteses para abordar fisicamente o que não pode ser explicado… As tuas perguntas impossíveis podem bem ser aquelas que não começam com *porquê* ou *como*. É certamente possível e justificado de formular hipóteses para a pergunta '***porquê*** *acreditam as pessoas?'*, ou mesmo para '***porquê*** *acreditam certas pessoas numa determinada cultura num determinado lugar num determinado Deus?'*. É certamente possível dar respostas descritivas para a pergunta '***Como*** acreditam as pessoas de uma certa cultura?'. Mas a pergunta '*Deus existe?*' é capaz de ser uma pergunta sem sentido, enquanto '*A fé existe?*' me parece ser uma pergunta trivial."

Élise só mantém interesse pela forma como Jean-Jacques se dedica à aprendizagem de Johanna. Depois do falecimento do filho, e principalmente depois da reação emocional de Hanne, ela tem procurado dedicar-se à renovada leitura da história e o papel da mulher na ciência. Ela espera que Johanna, graças ao seu interesse pelo universo da aprendizagem, opte pelo rigor que a caracteriza como caracterizou o pai dela e não se deixe guiar por fáceis apreciações gerais, como a mãe dela parece ter feito desde a morte de Lodewijk.

Depois de uma conversa com a neta perguntando por que é que se nota sempre tanta oposição à disponibilização do estudo para

meninas e mulheres, Élise propõe a leitura conjunta de dois textos. São *"An Essay to Revive Antient Education of GentleWomen*" cujo autor Élise desconhece e "*De l'Education des dames pour la conduite de l'esprit dans les sciences et dans les moeurs*" de Poullain de la Barre, autor algumas vezes referido por Dieudonné.

O texto em inglês data de 1673 e o exemplar da Élise apenas menciona a editora. É dedicado a todas as senhoras engenhosas e virtuosas. A autora (ou o autor) refuta sistematicamente todos os argumentos avançados como provas da incapacidade das mulheres para o trabalho científico. Esta refutação é feita em grande parte revelando como a educação das '*GentleWomen*' foi abordada desde a antiguidade. Antigamente as mulheres eram treinadas *também na arte e na fala,* argumenta-se. Até na Bíblia encontram-se vestígios disso, diz quem escreveu o texto. Mais, é claro que *houve eminentes mulheres na arte e na fala* quando treinadas para isso. Há entre as mulheres excelentes *linguistas*, vejam o exemplo de Ana Maria Schurman. Mais a frente demonstra-se como mulheres treinadas *se tornaram boas oradoras e eram hábeis na arte da lógica*. Além de Hipparchia, outras filósofas gregas e romanas são mencionadas. Logo, também as mulheres são boas filósofas, continua o texto, antes e agora. À época da publicação da obra, eram conhecidas as competências de Ana Maria Schurman e Christina da Suécia, entre outras. Porem, também este texto faz a separação, definido por Deus, entre pobres e ricos, entre quem é de origem inferior e quem de origem superior. Descarta-se deste modo facilmente a possibilidade de estudar para todos, e isso vale para

mulheres e para homens. Mas, diz o texto, Deus criou a mulher tão razoável quanto o homem, exactamente porque só assim ela está em condições de auxiliar o marido. A obviedade do papel coadjuvante perturba Élise e Johanna. Fazendo uma interpretação literal dos autores, as mulheres solteiras beneficiam em permanecer solteiras por muito tempo, porque assim têm condições para se dedicar ao estudo em vez da maternidade e da gestão da casa. Fiel ao espírito da época, as mulheres são apresentadas como mais fracas e, portanto, sempre ao serviço dos homens. Mas, por outro lado, há tantos exemplos de homens eruditas a casar com mulheres eruditas ou ensinando ciências a suas esposas, um argumento importante para a importância de uma boa educação intelectual das mulheres. O pós-escrito menciona uma escola específica para *GentleWomen* em Tottenham-high-Cross, onde o habitual currículo conveniente para mulheres, consistindo em vários ofícios, dança, música, canto, escrita e contabilidade, apenas ocupar metade do tempo de estudo, sendo o restante dedicado ao Latim, Hebraico, e outras línguas, mas também à Astronomia, História, Aritmética, Geografia ou filosofia experimental, de acordo com o interesse, a possibilidades e os desejos das estudantes.

O livro de Poullain de la Barre data do mesmo período e usa nomes simbólicos para os argumentos escritos em diálogo. Aparece *Sophie*, a senhora tão instruída que parece representar o próprio Conhecimento, *Eulalie*, falando com elegância e facilidade, *Timander*, um homem honesto dedicado à razão e ao bom senso e *Stasimachus*, o pacífico oponente da divisão, do

engano e da traição. Como em *'De l'égalité des deux sexes'*, aqui também o autor defende a igual capacidade de aprendizagem de mulheres e homens, quando pertencem à classe que lhes possibilita de se instruir.

Gradualmente, Johanna entende que, enquanto na sociedade as vozes são frequentemente ouvidas para dar às mulheres de origens abastadas as mesmas oportunidades para se instruir como as dadas aos homens, raramente é o caso para a educação intelectual de meninos e meninas de todas as classes sem exceção. O antigo desejo de Comenius não se realizara, apesar das reformas religiosas e seculares. Permanecem fronteiras de poder claramente definidas com por um lado a aristocracia e os cidadãos abastados e pelo outro os artesãos, os pobres trabalhadores de oficinas, minas e fábricas, e ainda os escravos.
E nesse preciso período quando Johanna discute com os avós as diferenças entre ricos e pobres, brota mais uma revolta contra velhas e estabelecidas famílias arrogantes, revolta liderada por proprietários arrogantes. O resultado fará mais uma vez mudar o nome do Reino no qual se localiza Oostende.

Reino da Bélgica ou Free Moresnet?

Velhas relações de poder num novo disfarce

Sente-se a inquietação no Reino Unido dos Países Baixos no que voltou a ser o Ano de 1830 do Senhor dos Cristãos. O revolucionário calendário francês desapareceu rapidamente nesta parte do mundo desde há muito gradualmente e arrogantemente usurpando o resto do globo, sem aceitar para a contagem do tempo outros pontos de partida metafísicos ou físicos.

Enquanto Johanna percorreu a escola primária estatal, Jean-Jacques costumava ter conversas cordiais com alguns dos mestres-escola. E mesmo depois de Johanna terminar a escola primária, Jean-Jacques continua ocasionalmente a convidar alguns entre eles para passar um domingo juntos.

Nesse domingo de final de outubro, a primeira das três promessas do novo regime provisório é assunto de conversa: *as províncias da Bélgica, arrancadas à força, formarão um Estado independente*.

"Embora até hoje a força não tenha sido tão má", começa Jean-Jacques, "penso que a verdadeira violência virá. É quase como na anedota de Rousseau: quem gritou mais alto que a terra por ele cercada agora é dele voltou a ganhar muitos seguidores concordando com ele. Mas há muito que os tagarelas que agora se preparam para tomar lugar no Senado se consideram os descendentes legítimos dos proprietários das terras constituindo as províncias da Bélgica. Não devemos ter ilusões. Não se trata

hoje de uma revolução popular. Trata-se de um o golpe de estado orquestrada pela aristocracia conservadora, auxiliada por alguns grandes industriais, financiadores, recém-chegados proprietários de terras e o que podemos chamar de jovem nobreza. Os altos magistrados e funcionários que se juntam a eles também pertencem a essa elite de famílias conservadoras".
Um dos mestres-escolas neerlandeses presentes diz: "Só podemos concluir uma coisa: Guilherme I e os seus ministros subestimaram muito a influência daqueles representantes do antigo regime, mas também e especialmente das estruturas conservadoras da Igreja Católica. Basta ver o constante anátema sobre a educação estatal, apesar do claro sinal que não se recusa mestres, professores, diretores ou administradores católicos com comprovada competência, pelo contrário".

Começa a haver mais clareza em novembro. Existe aquela afirmação cheia de ódio de que uma monarquia instalada na Bélgica jamais se poderá aliar à casa de Orange-Nassau, para garantir para sempre a libertação do território em relação àquela casa.
"Patético", diz um dos visitantes de Jean-Jacques, "o tipo de clausula que se incluíra antigamente em acordos secretos entre as casas reais governantes. Hoje esses redatores da Constituição realmente demonstrar o mesmo raciocínio".
"Quem será então o Bom Rei?" pergunta outro convidado.
"Segundo as informações chegando de Bruxelas, um qualquer sem ser Orange-Nassau. Da Casa dos Bourbon o filho do rei dos franceses coroado em agosto, está entre os candidatos", diz Jean-Jacques.

“É engraçado como essas pessoas com fome de poder continuam a defender a Figura Paterna no topo e se opõem a liberais mudanças de gestão, como aparentemente acontece nos Estados americanos hoje em dia. Transformam a figura e fazem dela *Rei dos Homens* em vez de *Rei Possuidor das Terras*. Hoje fala-se de *Rei dos Franceses* e não de *Rei da França* e também será *Rei dos Belgas* …”, diz alguém.

Outro convidado interrompe com o comentário: “Mas essa política de poder liberal nos estados americanos não protege melhor quem não consegue fazer ouvir a sua voz do que as administrações reais aqui. Não sei se já ouviram falar da *Indian Removal Act*, recentemente aprovada. Com essa lei, os governantes do Estado expulsam toda a população autóctone vivendo no Este para Oeste sob o pretexto de ‘tratados com o governo’.”

“… mas voltando ao futuro *Rei dos Belgas* … significa isso que o território agora com o nome de Bélgica voltará à influência francesa?”

“As possibilidade é grande, lendo as notícias de hoje”, responde Jean-Jacques. “Os conservadores veem a rejeição da política seguida por Guilherme e a tomada do trono por Louis Philip da Casa de Bourbon como os ingredientes adequados para recuperar o controle do poder.”

“E claro está, procuram igualmente o eficiente controle da população”, continua um dos visitantes. “Sem *Removal Act*, mas provavelmente com *Silencing Act*. O perigo de motins e pequenas rebeliões existe sempre, mesmo quando dirigido contra alguma Casa Nobre. Os pobres trabalhadores diários

famintos de Bruxelas puderam desempenhar um papel e criar um clima de rebeldia, mas nunca foi a intenção de efetivamente dar-lhes mais voz. A esse respeito, os novos governantes não são mais amantes do povo do que os ministros de Guilherme."

"O controle será introduzido em breve, meu amigo", diz Jean-Jacques. "Vais ver. As escolas primárias do estado defendem o neerlandês nas áreas de língua neerlandesa e são por isso odiadas pela burguesia flamenga francófona. Por isso serão abolidas e prevejo que a igreja recuperará o seu controle sobre o ensino. Não só a administração nortenha enfureceram a aristocracia e a burguesia que fazem de Flandres seu campo de lucro, mas também os luteranos do norte arrancado poder à Igreja Católica. Em breve ficarão desempregados, temo eu. As escolas do estado quase por certo serão fechadas."

"E depois? Voltaremos para a *petite école*, com crianças em pé a ouvir a lição do professor orando da cátedra, como o pastor do púlpito? Ou vão as crianças novamente se ajoelhar no chão acompanhadas pelos ajudantes do professor?"

"Há alguns anos, o meu falecido filho e eu estudamos o trabalho de Joseph Lancaster. Vimos o entusiasmo da elite paternalista preocupada com o povo a defender o *"Sistema Lancaster"* como **O** modelo para as escolas para o povo: elementar, barato, instrucional, baseado na punição da transgressão e não na valorização do sucesso. Escolas sob forma de armazéns nos quais as crianças só podem olhar em frente, parecem ser a opção para o povo. Infelizmente. Nenhuma introdução geral à ciência para todos, nenhum vislumbre de Comenius."

"Então a apropriação do conhecimento por parte de crianças

populares continua a ser excepção? Os filhos do povo podem desenvolver-se, desde que seja fora da escola? E os mais inteligentes entre eles só podem, como Faraday, esperar pela sorte de ter o apoio dum artesão compreensivo?" alguém pergunta.

"Algo parecido."

"A propósito, fiquei sabendo que o teu exemplo Faraday acaba de ser nomeado professor de química na *Royal Military Academy*," diz outro visitante.

Melancolicamente Jean-Jacques balança a cabeça: "Quão longe estamos novamente do sonho concretizado pelos meus pais, aqui em Oostende, com o Casa-Escola no Keizerskaai? É triste. Prevejo novas gerações de pessoas ignorantes acabando, mais cedo ou mais tarde, em instituições coercitivas como a prisão ou o exército."

A reunião daquele domingo já está quase terminada, quando de repente um dos convidados exclama: "Ah, já me lembro do que queria dizer quando falaste acerca da saída de Orange-Nassau das províncias belgas. Já ouviram falar daquele estranho *condomínio neutral* Moresnet acerca do qual nunca houve acordo em Viena? Trata-se de um minúsculo pedaço de terra. Uma exploração de calamina causou desentendimento entre os governantes da época e o condomínio tornou-se de certa forma uma espécie de propriedade privada disputada pelos donos da mina. Circulam rumores acerca das conversas com Guilherme I para que ele comprasse os 840 acres aos prussianos, tornando-os uma sua propriedade pessoal dentro do Reino Unido dos Países Baixos. Mas agora, é claro, tudo está parado. Um amigo

meu associado à universidade em Liège está convencido que muito provavelmente La Calamine - Moresnet se torne independente dos reinos ou estados vizinhos um dia."
"Então podemos considerar Moresnet um minifúndio no meio dos latifúndios", observa Jean-Jacques com uma risada, "mas essa terra de ninguém provavelmente causará problemas para a sua população. Eu penso…" Jean-Jacques é subitamente interrompido por um prolongado ataque de tosse vinda de outra parte da casa. Preocupado, vai ver Élise, cuja tosse não passa. Um pouco mais tarde, um tanto envergonhada, Johanna aparece na sala para acompanhar os convidados para a saída.

Na região de Waterloo, Henri Teacher e seus amigos decidem cultivar ilegalmente terras numa '*área proibida*'. São os campos onde quando eram meninos empilhavam os ossos dos soldados caídos na batalha de 1815. Os campos são evitados pela maioria dos habitantes locais. As mais loucas histórias circulam acerca de fogos-fátuos e almas perdidas. Mas Henri sabe haver aí apenas ossos e quando necessário ele e seus amigos transformam-nos em fertilizante.
Devido à proximidade de Bruxelas, Henri e os seus amigos estão frequentemente em contato com Valões voluntários que se juntam a trabalhadores locais para originar as pequenas revoltas que ajudarão a justificar a secessão das províncias do Sul. Naquele momento, eles pouco percebem do porquê de toda a revolta. Sentem, claro, pressão dos católicos para a população se se opor ao que consideram uma interferência luterana nos seus assuntos. A pobreza é flagrante em toda a região e, como sempre, apontam-se os governantes estrangeiros como culpados

para esta pobreza. Portanto, ouve-se em todo lado gritar *Queremos Guilherme fora. Só se for mais sábio, queremos Guilherme cá de volta*. Ninguém fala da iminente tomada do poder pela classe proprietária conservadora local. O imperativo é tirar Orange-Nassau das províncias belgas, com todos os meios.

Os últimos anos de Jean-Jacques Lemaître

Eduard-Jean Serruys é hoje presidente da Câmara de Comércio de Oostende. Mudou-se para o prédio na Langestraat 69 que comprou há alguns anos e que já serviu para acomodar Napoleão e os seus generais. Sendo ele comerciante, ele está satisfeito com a ligação regular de barco para Dover e nada entusiasmado com o rumor acerca da vinda de um Bourbon para se tornar o rei dos Belgas. Como muitos comerciantes da zona, prefere de longe a relação com os ingleses acima da com os franceses. E no interior do país muitos pensam o mesmo. Aos poucos, aqueles que temem a aproximação entre as Províncias Belgas e a casa francesa de Bourbon, recebem o apoio do *Congresso Nacional*. O apoio é menos fruto da preocupação manifestado pelos comerciantes locais e mais da percepção da clara resistência dos outros monarcas governantes na Europa relativo ao retorno da influência francesa no que foi concebido como espaço tampão. Melhor seria então, segundo as cabeças coroadas da zona, voltar a dividir essas províncias entre a Prússia, a Holanda e a França.

O corpo governante provisório dominado pelas famílias

conservadoras da antiga e da nova nobreza entende então que para manter o poder nas suas mãos, o apadrinhamento está no *Reino Unido da Grã-Bretanha*. A Coroa inglesa mostra-se favorável a essa aproximação, especialmente se o *Congresso Nacional* pudesse aceitar como rei o viúvo teuto-britânico da princesa Charlotte, Leopold Joris Christiaan. Ele tem ascendência alemã, serviu na Rússia e possui a nacionalidade britânica. E além de tudo mais ele é bem visto em Paris. Pertence à Casa de Saxe-Coburgo. Ele fala fluentemente um punhado de idiomas. Não fala nada de neerlandês. Para quem está a se apropriar do poder nas Províncias Belgas isso não tem importância. A dificuldade reside em que o proposto rei é luterano. O governo provisório exige um casamento real com uma princesa católica e a educação católica dos filhos nascidos desse casamento. E não é difícil encontrar uma princesa católica. Não existe a mesma objeção internacional contra a filha do rei francês, como existia relativo ao seu filho, para se instalar nas Províncias Belgas constituindo-se como novo país, apesar da oposição da Casa de Orange-Nassau.

Os saudosos do Primeiro e Segundo Estado do antigamente pensaram-no bem e foram astutos, considera Jean-Jacques: princesa católica, subordinada ao rei, ele própria subordinada a uma constituição, o que mais podem desejar aqueles tramados e ardilosos espertalhões de Bruxelas? Mais. O príncipe de 40 anos é bom amigo da poderosa família Rothschild. Então… Jean-Jacques e os seus amigos não ficam nada surpreendidos quando ouvem a decisão do *Congresso Nacional* para "eleger" este rei no início de junho de 1831 com mais de três quartos dos votos.

Parece estar tudo a postos para o *Blijde Inkomst*[1] do homem, talvez de aqui um mês.

Algumas semanas depois da posse de Leopoldo I, Rei dos Belgas, os amigos de Jean-Jacques vêm visitá-lo por insistência de Johanna. Embora a menina só tenha completado quatorze anos, ela frequentemente pensa como uma adulta. Quando avô e neta estão só entre eles, Jean-Jacques conduz a conversa sistematicamente para reflexões sombrias sobre o sentido da vida. Johanna quer a todo custo recuperar o sorriso daquele doce homem, mais pai do que avô para ela. Por instinto percebera que o seu avô corria o risco de cair em amarga melancolia depois da morte da avó Élise, apenas um dia antes da entrada de Leopold Joris Christiaan de Saxe-Coburgo em Oostende, durante a sua viagem de Calais para Bruxelas.
A conversa arranca dificilmente. Jean-Jacques fala sobre as maquinações de quem quer o poder e refere-se a Leopoldo como *Rei Sem Pátria*, um fantoche nas mãos de quem não quer uma monarquia absoluta, mas sobretudo nenhuma verdadeira representação do povo. Um dos amigos reage, dizendo: "No entanto, Jean-Jacques, há aqueles em Bruxelas cuidadosamente procurando manter separados a Igreja e o Estado. Até parte do nosso episcopado parece ter aceite a ideia".
Jean-Jacques responde: "Hmm, acho que estás a mostrar satisfação muito cedo. Muitos outros pensam que a democracia vai longe demais, imagina só. E nisso não posso deixar de ver a mão dos ultramontanas e dos membros da Companhia de Jesus,

[1] Entrada feliz ou Entrada gloriosa. Ritual que ficou do Ancien Regime, e que assinalava o acolhimento de novos governadores nos feudos que a eles estavam obrigados.

marquem as minhas palavras".
"Não estas a ver tudo um pouco negro demais, meu amigo?"
"Escuta, eu sei, claro, que a minha querida neta está muito preocupada com os meus pensamentos pessimistas e deprimidos. Claro que sinto falta da minha querida Élise e ainda sinto falta de Lodewijk. Hanne desapareceu com o meu neto e nunca mais ouvi falar dele. Não fui poupado em dramas familiares. Mas gosto muito das conversas que Johanna tem comigo, principalmente quando me sinto triste. Ela preocupa-se muito comigo, eu sei. Mas voltando à tua pergunta. Não é pessimismo, meu amigo, infelizmente é realismo. Chamar-lhe-ia uma visão objetiva da sociedade. Para utilizar um termo de Auguste Comte, eu pratico *sociologia*", diz Jean-Jacques piscando o olho.
"Meu avô e eu lemos o *Cours de Philosophie Positive* e temos conversado muito a partir daí", acrescenta Johanna.
"Augusto Comte considera realmente o estudo do progresso da sociedade uma ciência fundamental, ao lado da matemática, astronomia e física, entre outras? É por isso que estás a falar sobre *sociologia*?" pergunta um dos participantes.
"Sim", responde Jean-Jacques, "como pelos vistos já sabes, é esse o termo que Comte propõe para essa ciência."
Outro convidado diz: "Penso entender o que Jean-Jacques quer dizer quando usa a palavra *realismo* em vez de *pessimismo*. Após a forma brutal como, na França, novos governantes afastaram antigos governantes, tenho hoje uma sensação de *déjà-vu*. As figuras conservadoras recuperam os privilégios que tinham em alguns assuntos. Eu diria que o modo como a

Igreja, mesmo separada do Estado, trata os católicos que não acatam as regras institucionais de acordo com a interpretação da hierarquia conservadora da igreja é indicativo. Penso no abade Grégoire, que conhecemos devido aos valores espirituais que cultiva e pela sua dignidade. Ele manteve-se sempre como Bispo Constitucional. No entanto, custou-lhe caro não fazer concessões quando Napoleão transformou a França revolucionária num império. Com a mesma veemência com a qual denunciou a antiga nobreza, falou da nova nobreza, mas também continuou a lutar pelos valores cristãos numa nação cristã. No caso dele, pode-se dizer que a combinação do seu humanismo com o seu galicanismo o colocou entre o Estado e a Igreja. Depois dos governantes seculares se livraram daquela figura que entretanto os incomodara, ele voltou-se com mais dedicação para as questões da fé e encontrou uma hierarquia eclesiástica inflexível que lhe era igualmente e hostil. O que me perturba imensamente, mesmo não sendo crente, é como a este homem, que no seu humanismo sempre se guiou pela filosofia cristã e pela sua fé, lhe foram administrados os últimos sacramentos e a extrema unção de certo modo clandestinamente. A hierarquia da igreja sente-se pelos vistos autorizada para brincar com a fé das pessoas que, enquanto cristãos, não se querem submeter à arrogância do poder."

Um dos outros interlocutores de Jean-Jacques observa: "Não é arrogância como tal para quem a cultiva. Eu considero-a uma forma de arrogância ridícula, mas nem por isso menos perigosa. É a arrogância ridícula de líderes e dos seus cegos subordinados. É a arrogância do funcionário do estado que, no atestado de

óbito da grande matemática francesa Sofie Germain, usa a palavra *rentista* e não o desejado *cientista*, tendo justificado o seu acto com: *'Isso não é assunto de mulher'*."
Um sorriso triste aparece no rosto de Jean-Jacques.
Atento, o amigo acrescenta rapidamente: "Sim, podemos pensar em tudo e alguma coisa. Mas a estúpida observação funcionário não impede o facto de Sofie Germain ter sido uma cientista. A estupidez prejudica os vivos, mas não a memória que temos deles depois de morrer. E agora tenho outro *fait divers* para ti. Sabes que muito foi dito sobre acerca de Leopoldo de Saxe-Coburgo a caminho de Bruxelas, e da sua entrada em Oostende pela Keizerspoort[1] onde parou por algum tempo. Todos fizeram o comentário de ele aos nobres e notáveis da cidade ali presentes apenas estender a mão direita e não as duas mãos, como é costume. Comenta-se que assim fez para com a outra mão poder acenar para o povo tornando-o instantaneamente popular."
Abre-se um sorriso mais amplo no rosto de Jean-Jacques: "Portanto, mesmo se for uma coincidência, um *fait divers* como bem disseste, podemos talvez deduzir que o nosso novíssimo monarca constitucional, mantido sob apertado controle por quem tem o poder, sabe como promover a simpatia pessoal. Essa é uma ideia divertida!"

A morte de Élise, mais ou menos na altura em que a agitação conservadora local leva à ascensão ao trono de Leopoldo de Saxe-Coburgo, mantivera Jean Jacques na verdade em profunda melancolia por mais de um ano. Só depois de voltar a receber

[1] Porta do Imperador

convidados, graças aos esforços da neta, não só retoma as conversas acerca de acontecimentos locais, como mostra também novamente interesse para acontecimentos em outras partes da Europa.

Ele acompanha regularmente as notícias da França. Os relatos alimentam a sua convicção: quem almeja o poder procura constantemente maneiras de silenciar os outros. Das querelas em território francês em 1830 resultando na substituição de Carlos X por Luís Filipe I, Jean-Jacques retira que os reis sujeitos a uma constituição mais cedo ou mais tarde querem mais poder. Em boa verdade não aceitam bem aquela organização do estado segunda a qual o poder legislador é separado do poder executivo. Mas nisso não diferem muito daqueles que tomam o poder com uma revolta burguesa ou aristocrática contra governantes absolutos. Basta lembrar os imperadores a coroar-se a si próprios…

Na altura, Carlos X livrara-se logo da liberdade de imprensa e da Câmara Constitucional dos Representantes. Além disso, manipulara o sistema tributário para impedir a entrada dos liberais na Câmara dos Deputados e finalmente modificara a carta constitucional com o intuito de devolver o poder à antiga ordem estabelecida. Mas vejam, aparentemente deu errado e surgira de repente Louis Philip como monarca modelo, garantindo a concretização dos desejos do povo. Mas convém interpretar *povo* como *burguesia não elevada a nobreza*.

E hoje o clima está mais uma vez a mudar na França, estranhamente no exato momento em que o herdeiro de Napoleão, Napoleão Frans Karel Jozef, morre de uma doença

pulmonar. Igualmente estranho são as loucas narrações dos escritores românticos, incluindo do cada vez mais popular Victor Hugo. Inventam histórias heróicas e vangloriam a grandeza da França obtida na Era do Imperador Napoleão. Segundo Jean-Jacques, outros intelectuais adotam essa visão romântica das coisas. Vê-se e ouve-se na literatura, mas também na música. Não se deixou influenciar Frans Liszt por Hugo, Sand, e também por colegas compositores? Os canhões de 1830 não o acordaram de vez? Jean-Jacques diz à neta estar convicto que Louis Philip não morrerá enquanto rei, algo que Johanna se lembrará anos mais tarde.

As ligações regulares com a Inglaterra feitas com navios à vela dão Jean-Jacques a oportunidade de ter notícias frequentes daquelas regiões. Em setembro de 1833 toma conhecimento da *Factory Act* votada um mês antes. Pelo seu conhecimento um país europeu estabelece pela primeira vez regras para o horário de trabalho infantil. Claro, não garante o direito a um início de vida livre de labor para as crianças por destino nascidas em família da classe trabalhadora ou tornadas órfãos. A *Factory Act* limita simplesmente a 'só' nove horas diários o trabalho prestado por crianças de 9 a 13 anos de idade em fábricas de algodão, lã ou seda. Até os dezoito anos, o limite está em 'apenas' doze horas por dia. Jean-Jacques deduz que crianças com menos de 9 anos talvez frequentam algum tipo de educação primária. Não tem muita informação concreta mas o sistema Lancaster é também no Reino Unido recorrentemente a resposta escolar quando se trata de ensinar crianças pobres.
Um dos velhos amigos do *Círculo de Estudos de Bruges* e

fervoroso defensor de Willem I fugira para Haia na altura dos distúrbios separatistas está de volta, agora que a paz social também voltou. Ele traz Jean-Jacques um relatório de inspeção sob forma de carta aberta de um certo Henricus Wijnbeek. O relatório descreve o estado da educação na província de Overijssel. A carta com a data de 14 de outubro de 1833 dá uma clara imagem do triste estado da escola primária para as crianças do povo, apesar do esforço do governo e do zelo de alguns dos professores qualificados. No *Relatório sobre o estado das escolas primárias em Overijssel durante a visita escolar do abaixo-assinado no verão de 1833*[1], Jean-Jacques destaca as seguintes passagens:

'*Ao percorrer os distritos escolares de Overijssel através deste relatório, Vossa Excelência terá notado, entre outras coisas: os sete superintendentes escolares são todos inspirados por um e o mesmo espírito, que é de ajudar com zelo para promover a melhoria gradual das instalações escolares, embora um possa colher mais e melhores frutos do que outro, cuja causa pode estar em parte em mais habilidades, política ou anos de serviço, mas também em parte está fora deles; os fundos escolares, que foram introduzidos em Overijssel, com exceção das cidades de Zwolle, Deventer e Kampen, são mal administrados em muitos municípios e há professores privados das suas mensalidades por um, dois, até três anos.*' Segundo o inspector, as coisas estão a melhorar estando hoje o Executivo Provincial mais atento a esta questão. No entanto, os edifícios estão num estado lastimável. Jean-Jacques

[1] Verslag nopens den staat der lagere scholen in Overijssel bij het schoolbezoek van den ondergeteekende in den zomer van 1833

aponta: *'Kampen destaca-se por causa do belo edifício comunal da instituição educacional ali, mas outras dois miseráveis edifícios comunais para de aula destacam-se contra ela, uma dentro, a fora portas; em um grande número de municípios as salas de aula estão em mau estado, ou pior, algumas estão em estado inutilizável.'* Aqui também o Executivo Provincial parece estar a tomar medidas, mas a ajuda do governo é necessária. O relatório continua referindo a oferta educativa. Faz-se notar ainda haver educadores que estão sozinhos para grandes grupos de crianças. Num caso, o relatório fala de 200 crianças para uma única professora. Mais à frente, o *método de ensino de Prinsen* é retratado. A objeção de Jean-Jacques a esse método de aprendizagem centra-se na rejeição de combinar o aprender a ler e o aprender a escrever. Além disso, a abordagem analítica, desde o início do século cada vez mais considerada importante por vários especialistas, é aqui minimizada a favor da síntese. O perigo para o reaparecimento de longas aulas de soletrar é real, mesmo se o próprio Prinsen alerte de alguma forma para tal. O autor descreve a importância das ferramentas, incluindo a *Máquina de Leitura* e as *Pranchas de Letras*. A esse respeito o inspetor Wijnbeek escreve: *'De modo geral, o ensino inicial para a leitura de Prinsen é seguido e a sua eficácia está cada vez mais confirmada, quando aplicado por especialistas; pois descobri que os velhos professores, ignorantes nesse aspecto, preferem o estilo antigo ao novo, e assim mutilam o método de aprendizagem no qual a máquina de leitura deve realmente ser usada. Encontrei, no entanto, professores muito capazes usando para o ensino inicial da leitura nada mais do que o quadro-negro e o giz, e por sua*

particular agilidade e nitidez na escrita mostraram dispensar a máquina de leitura.' Quando se fala da escrita em si, não se refere tanto à habilidade na escrita mas antes à elegância no desenho das letras. No entanto, Jean-Jacques sublinha no texto: '*experimentos também são feitos no ensino inicial da escrita, mas esses experimentos devem ser multiplicados e os resultados definitivos esperados antes de uma decisão ser tomada.'* Para números e formas, num dos distritos são dadas algumas orientações didáticas oriundas de Pestalozzi pelo respectivo superintendente distrital e Wijnbeek escreve: '*No entanto, como as orientações não foram tratados adequadamente porque ele os conhecia apenas de livros, disponho de algumas observações a serem feitas sobre o seu uso e tenho a certeza de que não serão em vão'*. Jean-Jacques fica mais apreensiva em relação aos comentários acerca do ensino da história e da geografia. A história é tratado como assunto local, e o inspetor gostava de ver a abordagem um pouco mais ampla, embora com as devidas precauções: '*Espero que meu conselho, comunicado a esse respeito, seja de bom efeito, tratado de maneira mais geral nas principais características e sempre com o objetivo de incutir desde cedo os princípios de apego ao Rei e à Pátria*'. Relativo à geografia, parece claro o concelho para continuar a fazer uma distinção entre os vários estados. Aparentemente aconselha-se ensinar menos às crianças das zonas rurais (*vizinhanças*): '*Ali (e talvez em todo o lado) deve-se nessa educação começar com o local de residência e ampliar gradualmente o círculo, mas, pelo menos nas vizinhanças, não além do que os alunos dessa classe precisam.'* Por fim, segundo o inspetor, o canto é geralmente prático, sendo '*usado*

na maioria das escolas para, entre outras coisas, despertar o verdadeiro patriotismo por meio de hinos afinados nesse tom'. Jean-Jacques tem dúvidas acerca dos desejos do inspetor, mas imagina-o agradado com essas manifestações de alegre patriotismo.
A carta aberta termina com uma reflexão relativo à reduzida frequência escolar durante os meses de verão, sobretudo nas zonas rurais. De acordo com uma contagem bastante precisa efetuada por Wijnbeek, cerca de um sétimo da população infantil da província frequenta atualmente a escola no inverno, mas no verão, especialmente durante os meses de colheita, muitas escolas rurais estão simplesmente fechadas. *Todo conhecimento para todos* é e continua a ser a utopia de Comenius, mesmo no país onde se investe nas escolas de nível inicial. O conceito de igualdade dos Franceses afinal pouco alterou, pensa Jean-Jacques. A ignorância ainda não é abordada suficientemente… porque quem tem poder continua a olhar de modo condescendente para aqueles que não são do mesmo estrato social ou económico? Jean-Jacques tem quase certeza disso.

Gradualmente o Reino da Bélgica e o Rei dos Belgas são a nova realidade para a família Lemaître e os seus amigos. Em 1832, selara-se o casamento político da Bélgica com a França através da união de Leopoldo I com a filha do rei francês. O jovem príncipe herdeiro nascido desse casamento ainda não tinha dois anos quando morreu. Jean-Jacques e o seu grupo de amigos atual continuam a defender as ideias republicanas e liberais, mas o drama pessoal de Louise-Marie e Leopold não o deixa insensível. Ele sabe como é doloroso de ver morrer ou

desaparecer um filho e entende bem as alusões à tristeza de Leopoldo de Saxe-Coburgo que anteriormente já perdera a primeira esposa na cama de maternidade. E para Louise-Marie, com a metade da idade do marido, a vida em geral nem sempre deve ser divertida.

Hoje é claro para os Oostendeses o desejo da família real para estabelecer uma segunda residência na sua cidade. No final de agosto, deposita-se a bagagem real na casa outrora dada a hóspedes imperiais e agora arrendada para servir a Corte: A Langestraat 69 é disponibilizado ao rei e à rainha pelo conselho da cidade de Oostende. Uma divisão da guarda real de Gent desloca-se para montar a guarda. A viagem de Bruxelas a Oostende faz-se ainda de coche, mas os governantes da Bélgica já decidiram avançar com a implementação de uma rede ferroviária. A lei adoptada afirma: "*On établira dans le royaume un système de chemins de fer avec Malines comme point central et en direction de l'est vers la frontière avec la Prusse, passant par Louvain, Liège et Verviers, du nord, vers Anvers, de l'ouest vers Ostende en passant par Termonde, Gand et Bruges, et du sud, vers Bruxelles et la frontière française en traversant le Hainaut.*" Resta saber quantos anos ainda vai levar até conectar Bruxelas a Mechelen (ou Malines) e Mechelen a Oostende.

Ainda sem ferrovias, rapidamente chega a notícias em como a Igreja Católica vai novamente tomar posse das escolas. Logo após a publicação do primeiro número do *Journal historique et littéraire em Liège*, Jean-Jacques descobre como o editor da revista, Pierre Kersten, sempre trabalhou em prol dos interesses católicos no curto tempo de vida do *Reino Unido dos Países*

Baixos. No *Journal*, o editor faz a mesma análise ultramontana e teocrática de sempre dos acontecimentos políticos do novo reino, do qual o *Congresso Nacional*, imagina só!, aprovara a eleição de um rei protestante. Jean-Jacques sabe de boa fonte que Kersten se inspira em membros da Companhia de Jesus. Naturalmente, há uma forte aposta na implementação ou recuperação do ensino superior católico e Jean-Jacques vê nisso um prenúncio para as suas suspeitas anteriores, quando advertiu os seus amigos não acreditar na efectiva separação do Estado e da Igreja tão desejada pelos humanistas liberais. Afinal, nesse mesmo ano e graças à intervenção do Papa Gregório XVI e dos bispos belgas, é fundada em Mechelen a *Université Catholique de Belgique*. Aparentemente a universidade limita-se ao ensino de filosofia e teologia, mas além dos professores de dogmática, moral, história da igreja e pré-estudo das Sagradas Escrituras, o próprio reitor Pierre François Xavier de Ram ensina literatura neerlandesa e o Conde Charles de Coux ocupa uma cátedra de economia política. Segundo Jean-Jacques, não é por acaso. Charles de Coux costumava trabalhar em Paris com Hughes Lamennais, então defensor dum modelo de democracia teocrática. No ano passado porém, Lamennais tornou-se inimigo permanente da igreja institucionalizada e da sua hierarquia com a publicação de *Paroles d'un Croyant*. De acordo com Jean-Jacques, uma democracia teocrática facilmente leva a situações ainda mais arrogantes do que o clássico conluio entre Estado e Igreja Católica.

Entretanto surgem tensões entre quem apoia as universidades estatais de Gent, Leuven e Liège e quem defende a universidade

de Mechelen fundada pelos bispos. Para aumentar a tensão, os maçons de Bruxelas instalam a *Université Libre de Belgique*. Jean-Jacques não considera os diferentes projetos institucionais resultado de um genuíno desejo pluralista, mas sim os quartéis generais entrincheirados para a defesa de interesses de grupos arrogantes e sedentos de poder dentro da sociedade.

Em maio de 1835 entra em uso a conexão ferroviária entre Mechelen e Bruxelas. Johanna explica a Jean-Jacques que foram montados estaleiros em simultâneo para pôr em prática o mais rápido que possível o plano adoptado há só um ano. Ela lê-lhe o artigo de jornal com a entusiástica reportagem sobre a inauguração da ferrovia.

Johanna é hoje a conexão de Jean-Jacques com o mundo. Ele sofre de cálculos renais e não sai mais de casa. Ler o jornal passou a ser uma nova rotina entre neta e avô. Todos os dias ela lê os títulos e de seguido Jean-Jacques pede-lhe os artigos a ler na íntegra.

Ele quer ouvir a notícia vindo de Paris com uma crítica favorável ao Café Procope por exemplo, porque evoca vagas lembranças às histórias acerca do avô Dieudonné, no seu tempo frequentador do café. Naquele tempo poiso de Voltaire e os atores da Comédie Française os outros, hoje são Alfred Musset, Théophile Gautier, Roger de Beauvoir e a provocante Amantine Lupin conhecida pelo nome de George Sand a passar as tardes no café. O artigo retrata o atual proprietário Jean-Baptiste Hue. Ele voltou a transformar o espaço num verdadeiro café literário e o artigo continua: "*No Procope podemos saborear gelados, mordiscar brioches, petit fours, castanhas cristalizadas, doce de*

amêndoa ou raiz angélica. Além disso, Hue é um muito talentoso fabricante de limonadas."

Regularmente Jean-Jacques pede Johanna para procurar os títulos com notícias dos Estados Americanos. Aprende como a população indígena original continua a ser expulsa de seus territórios pela invasão de imigrantes europeus e descendentes de imigrantes europeus. Fala-se do *Indian Territory* para onde toda a população autóctone é obrigada a se mudar, e com muita oposição, compreende-se.

Jean-Jacques acompanha com interesse a história do jesuíta Pierre-Jean Desmet de volta desde 1833. Como jovem padre, ele partiu para Maryland. Mais tarde dedicou-se ao estudo das línguas nativas americanas no Missouri. Quando o journal fala dele, refere frequentemente a pressão exercida pelos americanos brancos deslocando-se para o oeste. Esse movimento parece causar muita tensão entre os próprios descendentes de emigrantes europeus numa grande área chamada Texas. Ali imigrantes de língua espanhola, vindo do México, francófonos vindo da Luisiana e anglófonos do Oriente encontram-se nem sempre de forma pacífica. Melancolicamente Jean-Jacques não pode deixar de notar como sempre e em todos os lugares as pessoas com o desejo de possuir entram em conflito umas com as outras. Ele pensa nas utopias relatando comunidades não obcecados pela riqueza e sem fazer da riqueza e do status o seu objetivo na vida.

Alguns jornais informam que a Universidade de Leuven, instalada desde 1817 nas instalações da antiga *Universitas Studii Lovaniensis*, será fechada para dar lugar à *Université Catholique*

de Belgique. Esta muda-se de Mechelen para Leuven. Jean-Jacques tem claramente as suas reservas quanto à abolição daquela importante universidade do estado, que formou 8.000 estudantes no espaço de uma geração. Claro, tratava-se de uma elite, em grande parte orientada por professores anteriormente associados à *Universitas* e à *l'École Centrale de Bruxelles*. Vendo bem, diz Jean-Jacques, no tempo que corresponde a uma carreira académica típica, uma instituição educacional eclesiástica tardo-medieval de cunho humanista foi fechada, mudou de lugar e de nome, foi reaberta sob forma de instituição do estado e para ser novamente colocada sob a influência eclesiástica conservadora. Ele predita em conversa com Johanna como esse encadeamento irá relançar o debate acerca da existência ou não de neutralidade educacional, não apenas aqui, mas em todo lado onde existem escolas. Com o surgimento das ideias liberais de separação de Estado e Igreja, mas não necessariamente entre Estado e Religião Católica, diz ele, fica cada vez mais claro que, desde tempos imemoriais, quem está no poder quer manter o controle sobre a população. Hoje escolarização e treino instrucional parecem ser os meios apropriados para o conseguir.

Em meados de agosto, Johanna e Jean-Jacques leem um artigo acerca do escritor dinamarquês Hans Christiaan Andersen. Com trinta anos publicou uma coleção de histórias para crianças com o título dinamarquês *Eventyr, fortalt for Børn*. Jean-Jacques gostaria de saber se essas *aventuras contadas para crianças* não são simplesmente contos de fadas adaptadas e destinados a crianças. Ele suspeita o autor dinamarquês de fazer como outros

já fizeram: afirmam escrever histórias infantis, também mas limitam-se a reunir histórias morais destinadas a adultos e jovens em crescimento. Quando alguns dias depois Johanna chega a casa com um jornal inglês no qual há outra referencia a Andersen, ela não encontra o avô na poltrona da sala, onde costuma estar. Ela vai imediatamente até o quarto dele, onde o encontra na cama com uma febre delirante. Ela sai a correr para buscar um amigo médico. Este diagnostica uma inflamação abdominal geral, provavelmente resultante da doença renal persistente desde o ano anterior. A infecção renal aguda causa a Jean-Jacques dores terríveis. O médico decide dar-lhe um derivado do ópio para aliviar a dor. O medicamento coloca Jean-Jacques num estado de sono inquieto. Johanna fica ao lado de sua cama, pegando as suas mãos suadas sempre que ele se vira na sua direção. Na noite do dia 28, de repente ganha lucidez. Ele olha para a neta e diz: "Um conto de fadas sobre criaturas que não conhecem dinheiro nem poder, é possível. Mas o nosso próprio mundo sem dinheiro ou poder, isto seria o paraíso. Queres pensar sobre isso comigo?" O seu olhar, tão claro e lúcido ainda um momento antes, fica vidrado e a sua respiração pára. Johanna sente-o imediatamente. De repente, ela perdeu o seu companheiro e refúgio desde que tinha cinco anos. Ela começa a chorar compulsivamente.

De Oostende a Moresnet

"Henri, temos reserva suficiente para abastecer a fábrica da família Meeûs?" pergunta Pierre.

“Ainda temos o suficiente mas depois acaba a reserva. Teremos que ir a um de nossos lugares marcados para desenterrar uma nova carga de ossos”, é a resposta.
Henri e o seu amigo Pierre conseguiram iniciar recentemente um bom comércio de osso carbonizado. A *SA Raffinerie Nationale du Sucre indigène et exotique* aumentara a sua produção porque o açúcar branco extraído da beterraba é hoje um produto muito em voga. Necessita de grandes quantidades de carvão de ossos para a sua produção. A refinaria é portanto uma fonte de rendimento bem-vinda para os jovens, após anos sombrios durante os quais as altas esferas implicaram a população na sua demanda por um Estado Belga independente. Muitas fábricas faliram quando de repente não puderam mais exportar para as colónias do Reino Unido dos Países Baixos. Os trabalhadores de sexo masculino recebiam em 1830 ainda 2 francos por dia para 13 horas de trabalho. Um ano depois, os ainda a trabalhar viram o salário cair para 62 céntimos. Havia muita gente e pouco trabalho. E quando bate a fome, há sempre quem aceita trabalhar por menos dinheiro.
E podemos afirmá-lo com cinismo: as epidemias de cólera de há quatro e cinco anos atrás fizeram subir os salários novamente. Mas o sofrimento não acabou. Como viver com um salário anual de cerca 650 francos, quando pelo menos mais 100 francos são necessários para manter viva a família? Não, a extrema miséria continua. Mulheres e crianças trabalham para juntar mais uns tostões. Mas este maior rendimento abre as portas das tabernas. Bebe-se mais, aumentando-se mais a miséria. Por estranho que parece, Henri e a sua mãe saem-se muito melhor do que as

famílias operárias da sua área. Continuam a viver da sua produção na pequena quinta e vendem regularmente ovos, batatas e cebolas nas proximidades. Desde algum tempo têm uma vaca e passaram a vender leite e manteiga. Conseguem fornecer coelhos da sua própria criação.

Agora surgiu aquela nova fábrica de açúcar sob comanda de Pierre François Meeûs, o irmão de Ferdinand, gerente da *Societé-Générale*. Henri não sabe em pormenor a história de como a família Meeûs conseguiu pôr as mãos no *Algemene Nederlandsche Maatschappij ter bevordering van de Volksvlijt*[1] mais conhecida a com o nome abreviado de *Societé-Générale*, logo após a criação da Bélgica. A família não só se posicionou convenientemente para administrar a maior sociedade económica dos Países Baixos, mas hoje mantém igualmente fortes laços com a Casa Real, sobretudo por intercessão da família Rothschild e de Louis-Philipe. De início Leopoldo I não gostava muito da família Meeûs mas ele acabou por se deixar levar pelos banqueiros ingleses e o sogro francês. Contudo, a família Meeûs foi frustrada pelo governo nos seus planos para investir na ferrovia belga. O Senado insistiu e a ligação de Bruxelas à fronteira francesa não foi deixado a investidores privados. O Rei por sua vez, querendo agir à margem do governo, não consegue nomear Ferdinand Meeûs Ministro de Estado e acaba por enobrecer a família com o título permanente e transferível de Conde.

Henri está sem mais satisfeito com o contrato de fornecimento de osso carbonizado, de produção fácil, não apenas a partir dos

[1] Sociedade geral neerlandesa para a promoção da do povo zelador

ossos de bovinos que costuma obter de graça, limpando os locais de abate, mas também a partir da matéria-prima da sua reserva privada de ossos, constituída na altura em que se construiu a colina artificial de Waterloo. A fábrica permite-lhe ganhar bom dinheiro. É verdade, a produção do carvão é um trabalho sujo, mas muito menos árduo do que a lavra dos operários lavando, raspando e triturando as beterrabas por um salário diário variando entre um franco e meio para os homens, um franco para as mulheres e cinquenta cêntimos para as crianças. As beterrabas são cultivadas em clareiras feitas na Zoniënwoud, floresta parcialmente alienada para a *Société Générale*. Felizmente, fica longe da quinta da sua mãe. Cultivar e colher beterraba nos pesados terrenos de argila gordurosa? Não, obrigado, pensa Henri.

Com os lucros da venda de osso carbonizado Henri e Pierre viajem regularmente até Bruxelas.
Na capital, existem mundos claramente separados. Em primeiro lugar, a burguesia abastada concentra-se na área das instituições governamentais, procurando a união com a velha e a nova nobreza. Os Liberais e os Conservadores movimentam-se nos seus próprios círculos intelectuais. Hanne Greysel sente-se em casa num desses círculos. Ela mantém o contato regular com os amigos da família Mosselman. Fala-se muito da modernização do país e das novas ligações ferroviárias em bom ritmo de expansão. Depois de Bruxelas, Mechelen e Antwerpen, também Gent e Leuven têm agora uma estação ferroviária. Para o círculo de amigos da família Mosselman com ambições industriais em quase todo o país o crescimento dessa rede ferroviária nunca é

suficientemente rápido. Prevêem-se as facilidades crescentes não só com o abastecimento das matérias primas mas também com a distribuição dos produtos acabados lá onde barcaças fluviais não atracam ou onde simplesmente não existem conexões fluviais nem canais. É estranho recordar hoje como no início o círculo Mosselman considerara a aventura da independência belga perigosa. Para os interesses do patriarca Mosselman, essa independência de facto apresentava-se inicialmente como coisa ruim. Afinal, ele estivera quase a contornar as reivindicações prussianas sobre Moresnet e as áreas de mineração de zinco quando convencera Guilherme I de adquirir a área de Moresnet como propriedade pessoal. A súbita independência belga impedira a compra. Contudo La Calamine mantivera o status de *condomínio*. Renascera a esperança de conseguir a mina e François-Dominique apontou o seu sucessor para a dirigir. Mas este fora atropelado por um *fiacre* em Paris e Alfred tornara-se o braço direito de François. Hoje a extração do mineiro de zinco está garantido, logo atrai trabalhadores. Com os filhos, Alfred funda a *Société des mines et fonderies de zinc de la Vieille-Montagne*. O enviuvado primo e cunhado Théodore herdara do pai a propriedade *Le Chenoy* e é banqueiro, tal como o tio. Juntamente com Meeûs, ele investe o capital necessário para este novo modelo de *Empresa-Sociedade de Responsabilidade Limitada*. A *Banque de Belgique* alinha também e investe na *Societé* que passa a extrair mineiro de zinco em três locais, incluindo Moresnet.

Mas Bruxelas consiste também de bairros de trabalhadores onde Henri e o seu amigo Pieter passam o seu tempo quando visitam

a capital. Muitas vezes os jovens só querem entretenimento não necessariamente intelectual. No entanto, ocasionalmente Henri vai ouvir um daqueles jovens oradores liberais discursando sobre duração da jornada de trabalho, a necessidade de criar escolas e de reformular o sistema de censos que atrapalha a representação popular. Recentemente apresentou-se a situação política na França. Parece haver desacordos acerca das opções tomadas pelo outrora popular rei Luís Filipe. As opiniões dividem-se quanto à atitude do rei para com Luís Napoleão, sobrinho do '*Napoleão-de-Waterloo*'. Em tempos o primeiro Napoleão sonhara iniciar a sua própria dinastia, mas tal passou a ser difícil depois da derrota em Waterloo. Como foi exilado em 1815 e declarado ilegítimo em 1830, qualquer descendente reivindicando o trono arriscava ser condenado à morte. No entanto, depois de Luís Napoleão no ano passado anunciar em Estrasburgo que deporia o rei e reivindicaria o trono, Luís Filipe limitara-se a perdoá-lo e exilá-lo para a América. Tudo isso vai criar problemas anunciam os novos amigos de Henri.

Johanna desconhece os encontros nas altas esferas frequentadas por Hanne e as atividades de Henri. Devastada pela dor causada com a perda de quem considerava o seu verdadeiro pai, ela continua a viver em Oostende por algum tempo, até estar confirmado o seu direito de uso da espaçosa casa na Kapellestraat. Porém, para legalizar a situação e depois reivindicar a herança, ela precisa entrar em contato com o irmão, de quem ela quase nada sabe. Ele parece viver em Bruxelas e para o encontrar precisa primeiro localizar a mãe. Um dos tios Greysel de Bruges fornece-lhe o último endereço

conhecido de Hanne. Johanna consegue alugar a casa na Kapellestraat por um bom preço. Ela mantém um quarto e a autorização de uso da sala de estar. Por enquanto ela cobre as suas despesas com os proveitos do aluguer da casa. Logo a seguir ao funeral de Jean-Jacques, Johanna reatara também com os amigos do Keizerskaai. Ea recebera muito apoio de Gertrude, que continua a morar lá com um o seu filho Omer e a família deste. A escola fechou mas Omer mantém a biblioteca. Johanna sugere passar o espólio do avô para ser integrado nessa biblioteca. Mas ela também tem curiosidade em conhecer melhor este repositório de livros e documentos originada pela sua própria família. Omer e ela passam várias horas por dia a catalogar os escritos de Jean-Jacques enquanto aprendem mais sobre os autores que influenciaram a sua família e os pais de Omer ao longo da aventura da Casa-Escola. Ela relê as anotações do pai e do avô sobre o paternalismo de Pestalozzi, enquanto faz anotações em *Die Menschenerziehung, die Erziehungs-, Unterrichts- und Lehrkunst, anstrebt in der allgemeinen deutschen Erziehungsanstalt zu Keilhau*[1], de Friedrich Fröbel. Omer sabe da última iniciativa do ex-aluno de Pestalozzi: iniciou este ano um instituto de cuidados, brincadeiras e atividades para crianças pequenas em Bad Blankenburg. Às vezes, Johanna considera um pouco exagerada a inclinação claramente religiosa de Fröbel, mas ela percebe que esse filho de um pastor luterano ortodoxo inclui a sua formação religiosa naturalmente no seu pensamento. Interessa-se pelas

[1] A educação humana, a arte de educar, ensinar e aprender, aspirada na instituição de ensino geral alemã em Keilhau

ideias de Fröbel sobre educação infantil e como as desenvolve no seu instituto de atividades. Recorda-se ter lido: "*Para evitar a efeminação do corpo, o berço deve desde logo ser menos macio. Deve, portanto, consistir em travesseiros de feno, ervas marinhas, palha fina, palha ou, no máximo, crina de cavalo, mas não de penas. Da mesma forma, a criança deve ser apenas levemente coberta e exposta à influência do ar puro enquanto dorme*". Johanna imagina um dormitório coletivo com janelas abertas e colchões duros. Ela debruça-se também acerca da palavra "efeminação". Fröbel pensaria num instituto de atividades só para meninos? Ou está ele a usar a palavra com um significado diferente? Mais a frente o texto fala da necessidade de manter as crianças ocupadas, para estimular as suas mentes. Aqui talvez está a falar de meninos e meninas: "*Com a atividade dos sentidos, do corpo e dos membros desenvolvida, começando a representar o interior externamente por sua própria ação, o 'infans' termina e começa a fase da criança. Até então, a natureza interior do ser humano ainda é uma unidade sem membros, sem multiplicidade.*
Para evitar que a criança se sinta entregue a si própria na cama sem nada para a ocupar antes de dormir, e principalmente depois de acordar, é aconselhável pendurar uma gaiola com um pássaro na linha de visão da criança. Isso atrai e nutre a atividade dos sentidos e da mente de várias maneiras." Johanna não consegue reprimir o riso: uma gaiola como esta ficaria pendurada acima de cada cama num dormitório? Não convém haver em cada uma sabiás, cotovias ou rouxinóis, senão as crianças não dormem nada...
Omer refere-se às vezes a Karl Fröbel, sobrinho de Friedrich.

Johanna inicia uma correspondência com ele quando fica a saber que trabalha na Inglaterra numa escola Pestalozzi onde desde há vários anos ensina matemática. Karl tem quase trinta anos e é o terceiro filho do falecido pastor Johann Michael Christoph Fröbel. O tio Friedrich Fröbel acolheu-o com os irmãos na sua casa. Influenciado pelo trabalho pedagógico do tio, Karl desenvolveu interesses para a educação. Iniciou estudos de filosofia em Jena levando-o a ensinar matemática. Em questões de fé, ele difere do avô e do pai, ambos ministros luteranos. Por ele, Johanna fica a saber que Friedrich hoje apenas se interessa para crianças pequenas - ele utiliza a palavra inglesa *toddler* para o alemão *Kleinkind* - e procura tornar a geometria e a aritmética compreensíveis para elas, recorrendo a brinquedos especiais. Quanto a ele, diz Karl Fröbel, o desenvolvimento das crianças é uma tarefa humana e não divina. Johanna confidencia descender de uma família que sempre trabalhou com pessoas de diferentes credos e com tolerância cosmopolita, não se reconhecendo na designação nem de deísta nem de ateísta. Os avós consideravam não ser possível comprovar cientificamente a existência de poderes superiores. Então não se deixaram convencer da existência de Deus, mas também não da não inexistência Dele. Isso, por sua vez, levou-os a serem tolerantes com todos evitando sempre atitudes paternalistas ou condescendentes com as crenças ou a fé de outros. Ela confessa ter ela própria às vezes dificuldades em manter esta posição, principalmente quando se depara com quem decide da vida dos outros em nome de sua própria interpretação religiosa. Afinal, enquanto jovem mulher ela sente

constantemente a pressão católica conservadora para desistir da auto-educação, rapidamente se casar com um homem fazendo-se sustentar por ele.

Graças à essa correspondência Johanna fica a saber da existência do bispo John Purcell de Cincinnati e das suas declarações sobre a posição única dos cristãos em relação ao conteúdo de um emergente currículo não sectário para escolas públicas. Ele terá dito: "*numa coligação religiosa, os protestantes não têm nada a perder, qualquer que seja o efeito do expresso. Em tal currículo, os chamados credos são definidos de forma tão ambígua que a adição ou omissão de meia dúzia de dogmas não tem a capacidade de destruir a sua identidade. Excepção deve ser feita quando é dito que uma das doutrinas aceitas deveria ser o ateísmo! É sabido que temos um credo que só pode existir na sua integridade. Portanto, não podemos enfrentar os ateus em pé de igualdade.*" Johanna medita longamente em torna dessa afirmação. O mínimo a dizer é nela estar inserida uma oculta superioridade em relação aos não-cristãos. Logo é difícil de acreditar tratar-se aqui da adoção de uma atitude tolerante. A jovem antes observa uma atitude bem condescendente nessa declaração.

Falando do seu interesse pelo desenvolvimento das crianças, Johanna amadurece gradualmente um plano para visitar Friedrich Fröbel em Bad Blankenburg. Karl aconselha-a de escrever para o seu tio e de referir a correspondência por eles mantida. Mesmo tendo visões diferentes sobre a vida, tio e sobrinho concordam em absoluto acerca da importância do desenvolvimento das crianças nos primeiros anos de vida.

Johanna apercebe-se claramente como a generalização da implementação de instituições de ensino não vai ao encontro da utopia de Comenius, muito menos as ideias humanistas dos seus bisavós e avós. Hoje em dia, as escolas públicas equivalem as escolas para os pobres e ela mais uma vez o constata na escola gratuita para meninos que abriu portas na *Ooststraat*. Na *Witte Nonnenstraat*, outra escola com o nome *A Casa do Menino Jesus* inicia atividade. A instituição passa a ser pré-escola e escola primária para crianças da burguesia exigindo uma taxa escolar paga pelos pais. Mas Johanna observa o vazio da pré-escola, sendo unicamente um deposito de crianças para as manter resguardadas. Não tem absolutamente nada a ver com a proposta de Fröbel para criar *institutos de jogos e atividades*.

Johanna conversar com Omer em como correspondência e estudo expandem a mente e permitem a pessoa a se manter a par do progresso da ciência e do conhecimento. Mas isso é possível para todos? Novas invenções deveriam facilitar o trabalho e diminuir a carga horária dos trabalhadores mas não têm esse resultado. Pensem nas experiências de Faraday. As investigações sobre as forças alternadas dos campos magnéticos levou-o a ele e mais tarde a outros, a perceber como gerar uma corrente elétrica com esses campos magnéticos alternados. Hippolyte Pixii concebeu assim o seu gerador de energia dando-lhe o nome de dínamo, enquanto na América, Charles Page conseguiu montar um novo modelo de motor elétrico. Johanna questiona-se se essas novas fontes de energia serão boas ou más para trabalhadores e filhos. Lembra-se do advento da máquina a vapor. Na sua origem, ela deveria ter facilitado o trabalho. E terá

sido o caso para alguns. Contudo, as máquinas aumentaram a produção e com ela a carga de trabalho. Canalizaram novas hordas de trabalhadores pobres para mais locais de produção e para minas mais profundas.
Enquanto as experiências com eletricidade se tornam mais frequente, as máquinas a vapor gradualmente substituem os cavalos. Três anos após a morte de Jean-Jacques, a máquina a vapor em movimento transporta vagões de Bruxelas a Oostende. A conexão Bruges-Oostende foi concluída, embora a estação ainda fique fora do centro da cidade. Menos de uma semana depois a ligação ferroviária Bruxelas-Oostende está operacional. Johanna gosta das novas discussões no Keizerskaai. Estimulam o seu desenvolvimento intelectual. Mas agora, ela pensa estar pronta para a viagem a Bruxelas. Ainda não sabe bem o que fará a seguir, mas para já vai procurar a mãe e o irmão, em vez de embarcar numa aventura para longe, como sugerem alguns de seus interlocutores. Livre como é, dizem eles, ela poderia facilmente viajar para a Grã-Bretanha e dai para a União dos Estados Americanos, como tantos outros jovens migrantes de todo o mundo.

Na altura em que Johanna decide viajar até Bruxelas e procurar a família, Wilhelm Molly nasce em Blasbach. Mais tarde será médico em Kelmis, em Neutral Moresnet. O minúsculo condomínio, alvo de disputa entre os governos dos Países Baixos, da Prussia e agora do Reino da Bélgica, continua sob administração de comissários. Há quatro anos, um representante belga elevou o seu número para três. E agora, com a divisão do Limburgo pelos governos belga e dos Países

Baixos, fala-se de um *quadriponto* em Vaals, dando aos habitantes da vila de La Calamine em Moresnet a sensação de que a independência de sua área residencial se vai concretizar em breve. A divisão de Limburg deve-se principalmente a atritos não resolvidos entre o sul católico e o autoritário rei protestante. O conflito com a burguesia na Flandres não influencia tanto a decisão, simplesmente porque ela não se posiciona radicalmente contra Guilherme I. Em Gent, por exemplo, ninguém ficou particularmente feliz com a divisão entre o sul e o norte dos Países Baixos, fazendo do porto marítimo novamente uma disputa entre nações.

Além disso, industriais e comerciantes continuam preocupados com a extensão desigual da área de vendas desde a separação. Por fim, no sul católico nem todos estão satisfeitos com a condenação absoluta do comércio de escravos feita pelo papa Gregório XVI. Os protestantes do norte não sofrem de excomunhão, nem de anátema, resmunga-se aqui. Desde Pio VII a Igreja assumiu esta posição tão absoluta mas, aparentemente, para os católicos abastados a economia prevalece sobre a ética.

Johanna fica a saber dessa desagrado assim que chega a Bruxelas. Ela instala-se em casa de uma prima da avó Élise. Ela consegue localizar Hanne Greysel em algumas reuniões de salão de importantes famílias de Bruxelas. Numa tarde de inverno no final de 1939, Johanna assiste à apresentação do Barbeiro de Sevilha de Rossini com a prima. No foyer ela finalmente encontra a mãe. Johanna reconhece a mãe imediatamente mas o contrário não é verdade. Hanne não visitava a filha desde os sete anos e vê agora de repente uma esbelta jovem de vinte e

dois dizendo ser a sua filha. Após alguma hesitação, Hanne concorda em visitar Johanna no dia seguinte fazendo-se acompanhar de Leopold. O encontro revela-se difícil. Embora Leopold e Johanna demonstrem algum interesse mútuo, Johanna sente muito bem a relutância de Hanne. A mãe está bem integrada na alta burguesia de Bruxelas, incluindo entre muitas figuras próximas do governo. Ela acha de mau gosto o interesse de Johanna pela educação das crianças da classe trabalhadora. Insinua ter herdado este devaneio do avô e da família dele. Com bastante frieza explica a Johanna que toda aquela conversa revolucionária acaba por não trazer nenhum benefício e certamente não faz entrar dinheiro. Pouco depois desta Leopold deixa registar não reclamar nenhuma herança dos Lemaîtres. Johanna nunca mais verá sua mãe. Muitos anos depois ira rever Leopold.

A rede ferroviária belga continua a expandir-se. No decorrer de 1840, as estações de Bruxelas Bogard, Kortrijk, Tienen e Tubise foram abertas. Em 1841, acrescentara-se a estação de Mons.

Johanna continua apaixonada pelo trabalho de Fröbel com as *Kleinkinder*. No ano passado, ele cunhou a palavra *Kindergarten*[1] para o *instituto de jogos e atividades* que fundou com Middendorf e Langethal. Johanna sabe hoje também o significado de *presentes de Fröbel*: são blocos de construção geométricos e blocos de atividades com um determinado padrão. Johanna está particularmente fascinada pelo modo como Friedrich Fröbel se concentra na atividade das próprias

[1] jardim-de-infância

crianças para o seu desenvolvimento. Ele fala sobre o *Freiarbeit*, o trabalho livre, e descreve como o jogo é fundamental para as crianças e tem um valor educacional em si. No *Kindergarten* há canto, dança e jardinagem. E as crianças são incentivadas a brincar sozinhas com os *presentes de Fröbel*.

Devido aos contactos com os Fröbel e os seus seguidores, Johanna fica a saber dos projectos em dos Estados Unidos americanos para elaborar uma escola para todos, uma *common school*. O jurista Horace Mann, conhecido desde muito por se opor abertamente contra a escravatura, iniciara um *Common School Journal* há vários anos. Ele propusera seis princípios: (1) o povo não mais deve permanecer ignorante; (2) o ensino pública deve ser paga, controlada e mantida por um público interessado; (3) melhor o ensino ser ministrada em escolas acolhendo crianças de diferentes origens; (4) a educação não deve ser sectária; (5) a educação deve ser dada de acordo com os princípios de uma sociedade livre; (6) professores profissionais bem treinados devem ser recrutados para ensinar neste contexto educativo. Segundo os correspondentes de Johanna, Horace Mann teria afirmado: "*A barra não é mais o meu fórum. A minha jurisdição mudou. Abandonei a jurisprudência e passei para o nível mais geral de espírito e moralidade. Achei a geração atual composta de matéria-prima quase inominável e estou prestes a atribuir os meus esforços à próxima. Os homens são feitos de ferro fundido, mas as crianças são feitas de cera. O que pode ser eficaz quando gastado com as últimas não impressiona os primeiros*".

Parece haver um interesse mais amplo em substituir o modelo de antros de caridade por escolas com financiamento público.

Essas escolas comunitárias estariam abertas a todos, não apenas às crianças pobres. A mesma turma incluiria jovens de diferentes grupos económicos, religiosos e étnicos.

Mas os teólogos cristãos permanecem vigilantes. Johanna ouve como por exemplo Horace Bushnell dissera que todos os cristãos devem dar à Bíblia o seu devido lugar não podendo ceder ao sectarismo relativamente à religião na escola. A própria Bíblia, diz, é o livro de princípios, o padrão moral. E nenhuma outra autoridade é necessária.

Claro, pensa Johanna, esta é uma visão protestante do sectarismo. *Common School* ou *Charity School*? Nos novos estados americanos, uma batalha escolar parece estar em curso entre protestantes e católicos. Em última análise, pensa Johanna, podemos ver algumas semelhanças com o que se passou em tempos no sul dos Países Baixos, quando o avô a matriculou na escola do estado em Oostende. Os católicos conservadores não se davam bem com os neerlandeses protestantes liderados por um Déspota Esclarecido. Até o momento, a *Common School* propõe separar na prática a *educação pública para todos* da *educação religiosa para os crentes e/ou subdivisões de uma fé particular*. Dificulta a vida a quem insiste na convergência de diferentes crenças numa só.

É e continua a ser um pensamento difícil para Johanna e os amigos de Oostende. Se o desejo é de projetar a escola pública como a mais poderosa agência de promoção da coesão democrática de um povo feito de pessoas muito diferentes, essa escola deve, por definição, ser escrupulosamente salvaguardada do conflito entre seitas. Para proteger a comunidade do conflito

provocando divisões odiosos, para impedir pressões de grupos religiosos sobre o governo, para evitar censura e coerção, por mais subtil que seja, o Estado deve seguir um modelo de educação não religioso e livre de doutrinação mesmo se proveniente de uma religião escolhida pela Nação.

Numa das cartas, os amigos Oostendeses de Johanna abordam a vivência do bem e do mal. O motivo é a última publicação de Liebaert, o tal do hino de louvor ao neerlandês Guilherme para um concurso da *Câmara Retórica de Oostende*. Aparentemente escolheu heróis mais locais desta vez, mas voltou mais atrás no tempo. Ele escreveu a peça *Lodewijk van Male of misbruik van Grootheid en Macht,* ou seja, *do Abuso de Grandeza e Poder*, posta em cena em Oostende em outubro de 1841. A história em si é muito semelhante a um conto de fadas moral com bons e maus. O bom Lodewijk continua a encontrar o seu primeiro amor mesmo depois de ter prometido de se casar com a nobre Margareta. Ele é auxiliado por seu leal cavaleiro Conrad. A sua amada é salva dos planos malignos da furiosa Margareta. Cada personagem da peça representa um defeito ou uma virtude particular. Lodewijk é orgulho, Conrad é fidelidade, Helen é honra, Margaret é vingança, Jacob é falsidade. É uma história cheia de lágrimas, como de costume nesse tipo de narrativa, diz Omer. Liebaert, como recebedor da cidade e administrador de asilos, bem sabe como o mundo funciona, escreve ele. E certamente está familiarizado com hábitos respeitante à moral e às relações amorosas: existe uma grande diferença entre as regras sexuais muito rígidas dos moralistas católicos e da burguesia e as regras muito menos rígidas da nobreza, tanto no

passado como no presente. Mas aqui Liebaert segue claramente a tendência atual para peças teatrais. Talvez, pensam os amigos de Johanna, essa peça é só outra forma de abordar a educação, inclusive dos adultos. Por trás de uma simplista atuação esconde-se claramente a moral católica e burguesa. São encenados incidentes de fácil entendimento para a burguesia transferindo a representação para o dia-adia do seu próprio meio. Segundo Omer, a peça também dá uma clara dica a quem pertence à classe trabalhadora: o vosso papel continua a ser de servir submissamente a classe dominante e a Igreja para evitar a vossa própria queda, como aconteceu com o Jacob cheio de falsidade.

A escola primária do estado do temo do *Reino Unido dos Países Baixos,* pensa Johanna, fora talvez uma tal agência promovendo a tolerância e a democracia, enquanto as peças como *Lodewijk van Male* são simplesmente uma espécie de expressão paradoxal dessa tolerância. Ela não pensa o mesmo do *Le Journal de Bruxelles*, lançado em janeiro deste ano. O fundador Dieudonné Stas é um antigo adversário do rei Guilherme I. O jornal é patrocinado pelo bispo de Bruges e pelo seu irmão, o ministro católico Jules Malou, porta-voz arrogante e influente da principal nobreza belga e nada aberto a uma sociedade heterogénea democrática.

Johanna, prepara a visita à Prússia, em parte com a intenção de observar o *Kindergarten* de Fröbel com seus próprios olhos. Ela entende agora claramente o quão perigoso é a conjunção de um governo nacional conservador-religioso arrogante com uma escola de caridade Lassalliana organizada pelo modelo

Lancaster. Os países da Europa com governos conservadores constituídos pela aristocracia local e os com monarquias constitucionais escolheram claramente por essa opção. Com aquele tipo de organização, a ignorância do povo não é combatida, mas mantida sob controle. Ela lera toda uma biblioteca de exemplos disso no Keizerskaai...

A primavera de 1842 aproxima-se. Johanna toma café com a sua prima e o amigo dela na *Place de la Monnaie*. O amigo fala da expansão ferroviária: "Este ano, serão adicionadas estações em Liège, Manage, Mouscron, Tournai e Quiévrain! Podem ter a certeza que pouco a pouco nos poderemos deslocar para Paris e Aachen, Köln e Berlim de comboio! Para Londres já é possível combinar o comboio com o barco e a diligência! E bem sabes Johanna, ir para Oostende hoje é fácil. A diligência leva mais de 12 horas. O barco é mais confortável mas de Gent a Bruges e depois até Oostende ainda leva quase 10 horas. De comboio, viajes de Bruxelas para Mechelen, depois para Bruges até tua cidade natal em pouco mais de 5 horas!"
"Na verdade, o local de nascimento de Johanna é Bruges e não Oostende", observa a prima. "E quanto ao resto, Johanna, deve-se acrescentar que tal viagem de comboio só é confortável se viajares no vagão de primeira classe, e tal viagem não é tão barata…"
"Pensem que a ferrovia vai se transformar numa rede de transporte geral?", pergunta Johanna.
"É mais do certo", diz o amigo de sua prima. "Basta saber como a produção de carris para a construção das linhas de ferro está a aumentar em todos os sítios, na Europa e além, e como cada vez

mais locomotivas se constroem. Onde não há canais para o transporte de mercadorias, a ferrovia é a solução: o carvão é transferido de uma barcaça para vagões puxados por uma máquina. É um meio de transporte muito melhor do que uma carroça puxada por cavalos. A ferrovia é o futuro!"

A ferrovia é o futuro… Nem podem os três imaginar como a ferrovia determinará a vida das pessoas nas próximas décadas. A linha de ferro obrigará ao tempo uniforme. Será a fonte de inspiração para novos contadores de contos de fadas. Jules Verne, destinado estudar direito, está agora com quatorze anos e sonha em viajar. Inspira-se nos comboios. E na Saxônia no seu berço, Karl, quinto filho da família May, pobres tecelões, choraminga. Muito mais tarde, Johanna ouvirá a história dos seus primeiros cinco anos de infância quando o menino cego ouvia a sua avó contar-lhe contos de fadas. Mais tarde ganhará a visão e após uma tentativa frustrada para se tornar professor, ele irá escrever histórias de viagens longínquos nas quais os caminhos de ferro irão desempenhar um papel importante.

A ferrovia e as conexões a emergem em todo lado. Nos principais portos marítimos originam unidades de produção cada vez maiores. E as fábricas forçam os trabalhadores a vender a força de trabalho contra salários de fome estabelecendo a base para rápida ascensão da aristocracia do dinheiro.

Johanna pensa no que acaba de escrever na carta aos amigos prussianas enquanto regressa dos correios: *'As crianças trabalhadoras continuam a ser forçadas a trabalhar com os pais desde muito pequenas. A pedagogia é um assunto para as crianças que não pertencem à classe trabalhadora.*' Na carta anunciou o

plano de viagem para a sua visita a Bad Blankenburg e Keilhau. Ela espera mesmo que irá encontrar inspiração nos *Kindergarten* e, quem sabe, assim continuar o trabalho dos seus avós e bisavós…

Quando Johanna abre a porta da rua, ela imediatamente ouve a voz de visitas. O amigo de sua prima, provavelmente. Mas ela ouve uma segunda voz masculina. Ela entra na sala de estar para dar com um par de olhos azuis observando-a divertidamente. O dono dos olhos apresenta-se como Henri Teacher. A prima de Johanna conta que Henri trabalha numa fábrica de açúcar perto de Waterloo.

"Eu não *trabalho numa*, eu *forneço a*", corrige Henri com uma risada, "se trabalhasse lá, não teria tempo nem dinheiro para viajar até Bruxelas". Mas quando Johanna pergunta o que ele fornece exatamente, Henri permanece vago: "Matéria-prima para a produção de açúcar."

Retomam a conversa interrompida pela chegada de Johanna. Henri e o amigo de sua prima relatam o conteúdo de uma reunião na qual participaram. Nela foi anunciado a aprovação de uma nova lei na Inglaterra proibindo de empregar menores de 16 anos como limpa-chaminés. Johanna fica imediatamente interessada e pede mais pormenores.

"Já se sabia devido à *Children's Employment Commission* que muitas das crianças empregadas na manutenção das chaminés, sofriam acidentes. Isso agora termina", diz Henri.

"Bem", corrige o amigo em comum, "isso *pode* acabar se os patrões realmente cumprirão a lei. E para o verificar, são necessários inspetores…"

“Ironicamente, parece ser mais difícil impedir os pais de colocar as crianças em trabalhos perigosos do que os empregadores”, diz Henri. “Também cá, na Bélgica. Recentemente, ouvi um discurso inflamada de trabalhadores de fábrica contra inspetores expressarando a sua preocupação com a saúde das crianças empregadas nesses locais. Os inspetores mencionavam depoimentos de médicos.”

“Mas os empregadores não são protetores de crianças. Mesmo tomando em consideração os relatos dos médicos, não o faz com preocupações em relação às próprias crianças, mas olhando para o lucro da sua empresa. Quem trabalha menos ou fica doente rapidamente reduz a produção e, portanto, os lucros”, observa cinicamente o amigo de Henri.

“Claro”, concorda Henri, “mas continua a ser difícil convencer os pais para não mandar os filhos para a fábrica só para conseguir pôr um pouco mais de comida na mesa.”

“Ou para ter algo extra para uma visita a uma taberna”, observa a prima de Johanna interrompendo o diálogo, “o pároco fez recentemente um sermão contra os pais degenerados que mandam seus filhos para a fábrica para eles passar o domingo na taberna.”

“Bem”, diz Henri, “até a Nossa Majestade Importada está preocupada. No anual discurso do trono, ele sugeriu um projeto de lei para proteger as crianças que trabalham nas fábricas. Isso honra o homem, claro, mas ele não vai até ao ponto de dizer que a fábrica não é lugar para nenhuma criança.”

“O lugar de toda criança deveria ser o *Kindergarten,*” diz Johanna. Quando Henri se mostra surpreso, ela explica e conta

algo sobre o que sabe sobre Fröbel.
"Esse espécie de jardim para crianças não corresponde ao projeto da escola pública, pois não?", pergunta Henri. "Porque sinto aquele súbito interesse para colocar as crianças nas escolas tem mais como uma estratégia dos burgueses liberais e dos proprietários católicos para controlar as crianças de hoje e torná-las os trabalhadores de amanhã."
"A proposta de aprovar uma lei escolar e obrigar os municípios a terem pelo menos uma escola primária própria não é boa?", questiona a prima de Johanna.
"Se levar à generalização dos tais *Kindergarten*, eu diria que sim", diz Johanna, "mas se eu percebi bem Henri, pode só ser outra faceta de uma batalha entre rivais."
"Ou ser uma estratégia para oferecer dinheiro público a quem de facto é o dono das escolas, transformando-as numa espécie de escola municipal gratuita", acrescenta Henri.
"Explique la isso", pede Johanna.
"Bem, há uma lei escolar na forje, mas não de escolarização obrigatória. A liberdade de educação está consagrada na constituição belga, mas refere-se à liberdade de cada um para criar escolas. É em primeira instância uma resposta à imposição das escolas estatais da época do Reino Unido dos Países Baixos. Como o era antes da ocupação francesa, hoje muitas escolas estão de novo ligadas à igreja ou a um mosteiro católico. Se essas iniciativas se transformarem em escolas municipais, o Estado disponibilizará dinheiro a quem as dirige quando recebem crianças cujos pais não têm capacidade de pagar as mensalidades. O resultado é uma escola pública sem ser do

estado, parcialmente paga pelo poder civil mas controlada por outro poder."

Nas próximas duas semanas Johanna e Henri encontram-se regularmente. Eles falam principalmente acerca das condições de vida das crianças da classe trabalhadora, e Johanna rapidamente entende poder aprender muito a esse respeito com Henri. Verdade seja dita é lhe hoje bastante claro ter crescido num ambiente burguês e ter tido oportunidades educacionais e de desenvolvimento não ao alcance da maioria dos meninos da classe trabalhadora, muito menos das meninas. Henri fala da sua infância em Waterloo e da construção da famosa colina. Johanna fala das suas ideias relativamente ao trabalho educacional. Um dia ela conta ter encontrado na biblioteca do Keizerskaai as cartas do seu bisavô com um esquema que combina arrogância com ignorância. Henri fica muito entusiasmado. Ele diz que gostaria de conversar sobre esse esquema com amigos a quem gostaria de apresentar Johanna. Depois muda de conversa e pergunta se ela já ouviu falar de Moresnet.
"Moresnet, La Calamine?" pergunta Johanna surpresa. "O local é referido pelos amigos ricos da minha mãe!"
"*La Calamine*, certo. O nome do mineral de zinco da mina deu o nome à vila. E sim, o sistema bancário belga investiu muito dinheiro na Sociedade proprietária da mina. Mas Moresnet continua a ser um condomínio, sabias? Ali as pessoas até falam do *Estado Livre de Moresnet*! Um estado onde não vigora a lei belga, mas o Código Napoleão… pelo menos, para as pessoas que nasceram lá."

"Por que me falas dessa região?"
“Porque sei que em poucos dias vais de viagem para visitar o teu amado pedagogo, mas porque também sei deixares aqui um jovem que gostava de te chamar ‘amada Johanna’ ...” Henri interrompe-se a si próprio quando vê como Johanna de repente cora. Ela pega as mãos dele e pergunta baixinho: “e…?"
“…e,” continua Henri agora mais confiante, “se quando voltares me quiseres procurar, e se eu não estivesse em Waterloo ou em Bruxelas, poderás me encontrar por ai. É uma espécie de refúgio, sabes, onde as autoridades belgas ou prussianas dificilmente intervêm.”
“Henri, há mais coisas que eu deveria saber sobre ti? Não escondo que me sinto bem na tua companhia, mas estás a fazer algo de não aceitável?”
“Nenhuma atividade imoral, Johanna, hoje conheces-me bem o suficiente para saber como as minhas opiniões acerca da relação entre ricos e pobres não correspondem às opiniões oficiais belgas. A população trabalhadora teve anos muito difíceis, sabes-o tão bem como eu, e tem anos ainda mais difíceis pela frente. Dois anos atrás, uma verdadeira onda de fome varreu o país. E qual foi a reação? Para o séquito da família real a solução estava no envio de gente para as colónias, como em séculos anteriores. O rei apoia esses planos. Decidiu-se por exemplo de comprar concessões na Guatemala. Primeiro falou-se de Vera Paz e agora de Santo Tomás. Há dezoito meses fundou-se a *Belgische Maatschappij van Volkplanting, l*iteralmente a *Sociedade Belga de Plantação de Povo* com a intenção de povoar essas áreas. Uma gota de água no oceano. De qualquer forma, prefiro

emigrar para Moresnet para continuar a trabalhar para uma sociedade diferente de uma na qual arrogantes ricos enviam ignorantes perdedores para o outro lado do mundo com falsas promessas."
Depois de uma pausa, Johanna olha Henri diretamente nos olhos e diz: "Quando voltar, vou te procurar Henri Teacher! Em Bruxelas, em Waterloo ou seja onde for. Vou te procurando e depois não te vais ver livre de mim tão cedo. Se concordares, informas a minha prima sempre do teu paradeiro, e se ainda concordares, pode-se me agora abraçar o tempo que quiseres."

Durante a sua estadia nos *Kindergarten* de Keilhau e de Bad Blankenburg, Johanna fica a saber dos argumentos utilizados pelos grandes proprietários de fábricas na Bélgica contra as propostas de incluir a obrigatoriedade universal na legislação escolar. Não seria coisa boa para esses paternalistas guardiões dos trabalhadores. O trabalho infantil mantém as crianças no caminho certo, dizem, porque possibilita-as de não ficar sem rumo e fornece-as uma fonte de rendimento honesto. Muitos donos de fábrica até argumentam ser melhor empregar crianças do que mulheres, dando assim às mulheres mais tempo para se dedicar aos afazeres domésticos. Johanna encontra à sua volta obviamente muitas vozes para desmontar esses cínicos argumentos falsos. As crianças na escola não andam sem rumo. As crianças recebem salários mais baixos do que as mulheres, razão pelo qual os patrões as preferem empregar. Com o trabalho infantil aumentam o lucro. Johanna por sua vez fala do nem disfarçado oportunismo. Depois da independência e a mando da conservadora Igreja Católica muitas escolas do estado

voltaram a fechar. Mas como a lei educacional do ano passado possibilita o financiamento pelo Estado de escolas municipais e gratuitas para crianças pobres, a Igreja Católica discuto com os patrões liberais das fábricas a posse de crianças da classe trabalhadora.

O governo decide igualmente reabrir a escola normal estadual em Lier para voltar a formar mestres-escolas próprios para as escolas municipais. É nomeado o padre Philip De Coster como diretor. Ele é professor no seminário menor, logo recruta para a escola normal padres responsáveis pela formação moral dos professores. Quando os anfitriões de Johanna perguntam por que tinha o diretor que ser um padre católico, ela responde ser difícil, mesmo querendo, encontrar na Bélgica católica pessoas bem formados para dirigir uma escola normal fora dos círculos da igreja.

O seu ano de estudo vai ao meio quando Johanna recebe uma carta de Henri. Ele confirme ter visitado a prima de Johanna, não para lhe dizer onde estará a viver de aqui meio ano, mas para perguntar onde ela está neste preciso momento. Quer continuar a última conversa. Agora ela percebe claramente como ele está apaixonado por ela e como se sente bem ao sabê-lo. Ela lê com muita atenção: "*Ouvi dizer que a nossa aristocracia não abandonou os seus planos de colonização. Três navios escolheram recentemente a enseada, em direção à Guatemala. Além do* Ville de Bruxelles *e do* Theodore *saindo de Antuérpia e Gent, o* Louise-Marie *deixou a tua cidade adotiva de Oostende. A propósito, a homónima, esposa do Rei dos Belgas, parece passar cada vez mais tempo em Oostende.*

Entretanto, os futuros colonos são aparentemente presenteados com uma espécie de paraíso, onde se irão divertir e não terão que trabalhar muito. Alguém perpetuou uma nova (ou velha?) narrativa de supremacia cristã para tornar o trabalho escravo moralmente aceitável. Ou traça-se só um paralelo com a glória de Espanha, Portugal, França e Inglaterra para evidenciar a supremacia dos europeus? Enquanto isso, jovens e velhos cantam alto e zombeteiramente nas tabernas de Gent:

Quem irá p'ra Verrepá
Lá trabalhar não deverá
Comer e beber à vontade sem dores
E dormir que nem batedores.

Mesmo assim eu próprio prefiro Moresnet a Vera Paz… "

Henri discorre a seguir sobre as consequências da arrogante fome de poder e dinheiro de gerações de colonos e comerciantes britânicos. Ele escreve: "*Lembras-se que te contei como os britânicos estão gradualmente a introduzir na China mais e mais ópio produzido na Índia por meio de corrupção e contrabando? Já há dez anos atrás havia o equivalente a cerca de três vezes toda a população belga de viciadas. O comércio está a dar aos mercadores britânicos enormes retornos em prata e muitas muitas dores de cabeça à aristocracia rural chinesa. Ela sente muito bem o desequilíbrio na balança comercial, após anos de grandes lucros, principalmente com chá e laca. Ao mesmo tempo a população aumentou enormemente em grandes partes do país, dizem-me. Com o excesso de mão de obra e menos rendimento, os proprietários pagam significativamente menos à população trabalhadora. Ou seja, não faltam bandas de ladrões nas*

províncias chinesas. A história para te contar tem a ver com um certo Edwin Stevens. Esse foi missionário protestante e deu de presente a Hong Renkun, filho de um proprietário de terras com ambições para se tornar servidor público, o livro Good Words to Incite the Times *do evangelista chinês Liang Fa. Depois de ter sido reprovado num exame para assuntos de administração, Hong diz ter tido visões explicando-as a si próprio recorrendo aos termos cristãos do livro. Resultado: hoje ele afirma ser o irmão mais novo de Jesus Cristo. Tentarei descobrir mais acerca daquele homem. Ficará pelas visões ou haverá desenvolvimento?*"

No final de 1843, Johanna consegue fazer quase toda a viagem de regresso desde a distante Keilhau por comboio. De Weimar vai para Maagdenburg, dai para Köln onde tem a conexão com Aachen até a fronteira com a Bélgica. Johanna poderia continuar até Liège, mas ela desce do comboio em Herbestal (ou Herbesthal, como se diz na Alemanha Imperial), onde um Henri radiante espera por ela. Juntos, percorrem os dez quilómetros entre a estação de Herbestal e La Calamine de *calèche* emprestada pelos novos amigos de Henri.

Viver nas margens

A tradição familiar quer situa o reencontro de Johanna e Henri em *La Calamine* em dezembro de 1843. As leis da natureza parecem corroborá-lo… Em agosto de 1844 o filho deles é registrado pelo prefeito de La Calamine como novo nativo de Moresnet Neutro com o nome de Frederik. A escolha do nome não é alheia ao interesse de Johanna por Friedrich

Fröbel e a sua obra ...

A jovem família passa muito bem. Henri vendeu todas as posses que tinha na região de Waterloo. Obteve também bom dinheiro para a sua empresa de carvão de ossos. Com esse dinheiro conseguiu a renda vitalícia de uma quinta com bastante terreno junto à estrada entre La Calamine e a vila de Moresnet belga. Ele vende grande parte da sua produção agrícola no mercado local. Mediado pelos amigos de Oostende, Johanna aluga em base anual a casa na Kapellestraat a uma família próspera de Bruxelas. Como muitas outras famílias os novos inquilinos seguem os passos da Corte e fazem de Oostende o local para relaxar, estando regularmente presente nos concertos e nos bailes nos salões no andar superior da câmara municipal convertidos em casino.

A vida de La Calamine gira em torno da mineração de zinco na concessão da *Société des mines et fonderies de zinc de la Vieille-Montagne*. Os atuais dirigentes da empresa providenciam aos poucos várias facilidades: casas de trabalhadores, uma igreja católica e uma capela protestante, um lar de idosos. A Sociedade cuida também da animação: quem quiser pode integrar o clube de tiro ao arco, a fanfarra, o grupo de carnaval ou o clube de ginástica.

Johanna procura interessar a *Societé* para um *Kindergarten* local. Faz os contactos necessários e propõe um *Centro de Actividades para Crianças* a ser gerido por ela própria num celeiro adaptado para o efeito e numa parte dos terrenos baldios da quinta do casal. Depois fica a saber dos planos da *Societé* para abrir uma escola municipal de acordo com a legislação escolar belga.

Pensando nas iniciativas da *Societé* que apoia tanto o culto católico como o protestante, ela escreve: *'A vossa iniciativa leva-me a chamar a vossa atenção para Adolph Diesterweg. Ele é defensor da educação religiosa não sectária. Nos conflitos surgem geralmente dicotomias, como autoridade-liberdade ou catolicismo-protestantismo. Diesterweg propõe evitar a influência política e religiosa na escola e de ver o processo educativo mais como um desenvolvimento geral. Como os diretores da Société des mines et fonderies de zinc de la Vieille-Montagne já demonstraram preocupar-se com o bem-estar das pessoas, estas ideias poderão ser -vos úteis. Diesterweg argumenta por exemplo que as pessoas devem em primeiro lugar serem ensinadas, sem preocupação pela formação profissional ou pelas suas origens. Os trabalhadores fabris bem como os agricultores devem ser educados enquanto seres humanos. Finalmente propõe que as escolas tenham autonomia em relação à Igreja e ao Estado'.*

Entre eles, Johanna e Henri aprofundam a sua reflexão em torno de outra sugestão de Diesterweg.

"Ele escreve na *Reinischer Blätter*", diz Johanna. "E daquilo que li ele não faz diferença entre jovens e adultos quando fala dos pobres. Mas quando discute a educação dos círculos burgueses então sim, distingue as crianças dos adultos."

"Então há educadores que veem um nos conflitos entre classes diferentes maior perigo do que entre gerações diferentes?" pergunta Henrique.

"Os conflitos entre gerações acontecem em todas as classes da população, se não forem abordados de forma educativa, penso. E aqui o ensino e a educação são necessários, porque senão o

conhecimento das gerações anteriores simplesmente não é compreendido. O conflito deve ser positivo, penso eu, no sentido de ser um estímulo para pensar nas coisas e fazê-las evoluir."

"Então a proposta consiste em acompanhar o conflito entre gerações, mas de não conduzir o conflito entre classes? Ou de apresentar esse conflito como inútil no contexto da educação? Mas os ricos sempre quiseram colocar-se como protetores dos pobres, usando-os vergonhosamente…", remate Henri.

Joana ri. "Aparentemente não te falta tempo para ler *Le Débat Social*, agora que a revista nos chega com bastante regularidade de Bruxelas. Eu por mim, a revista é muito acessível às pessoas desejadas por Diesterweg para garantir uma boa escolarização. Uma educação geral pode talvez dar acesso aos escritos de Lucien Jottrand, de Adolphe Bartels e dos irmãos Delhasse por aqueles de quem esses autores afirmam querer zelar. Mas têm eles próprios essa intenção? Talvez eles estão simplesmente mais interessados em criar polémicas no interior do seu limitado clube, como costumavam fazer os humanistas quando imaginavam o mundo sendo um lugar melhor para outros sem se comprometer realmente? Ou querem expandir o seu grupo intelectual admitindo nova gente, incluindo aquele filósofo alemão recentemente instalado em Bruxelas e de quem às vezes falas?

"Estás a referir te a Karl Marx provavelmente", responde Henri.

"Sim. As boas intenções podem também ser arrogantes, isto sei eu. Quem têm mais facilidade e mais tempo para pensar, ainda não confia suficientemente na educação não sectária e a

possibilidade de aproximar pessoas diferentes umas das outras. Talvez. Mas tenho reservas devido ao efeito que a acumulação de riqueza pessoal provoca."

Cinquenta e cinco anos passaram desde que os jacobinos franceses quiseram levar o seu gorro de liberdade para toda a Europa. Na própria França, a velha aristocracia e os oportunistas recém-chegados alternaram-se nas tentativas de impor suas estruturas de poder à população. Curiosamente, em Moresnet Neutro continua a ser utilizado de forma intacta um dos mais famosos códigos civis de certa forma saída dessa revolução jacobina: o *Code Napoléon*. Não porque os 'Neutros', aqui nascidos desde a criação do *condomínio* e por isso sem nacionalidade reconhecida, o tenham escolhido, mas porque os comissários encarregados do território disputado o consideraram o mais simples compromisso para assegurar alguma ordem administrativa sobre esta área de 330 hectares. A maioria dos menores de Moresnet Neutro trabalham na extração de calamina. O *Code Napoléon* não fala nada de escola obrigatória. No entanto, a *Société des mines et fonderies de zinc de la Vieille-Montagne* decidiu este ano criar uma escola para os filhos dos mineiros.

Johanna acompanha de perto a inauguração da escola. Certamente não é um modelo Fröbel. Fornece instrução elementar de leitura e escrita em alemão e francês. Ambas as línguas substituem o *Platdiets* local. Johanna escreve para Omer a este respeito: "*É uma fantasia pensar que uma empresa operando esta enorme mina atraindo centenas de mineiro para aí laborar, adopte um modelo de escola dando às crianças a*

oportunidade de se desenvolverem em algo diferente do trabalhadores para esta empresa. Além disso, toda a estrutura escolar é ambígua, porque os próprios mineiros continuam a mandar trabalhar muitas crianças."

Numa outra carta, dirigida a uma editora de livros escolares e 'infantis', ela escreve: "*Ouvi da quinta reedição em Gent do tesouro artístico flamengo de Willequet para uso nas escolas primárias. Instrui o meu banco em Oostende que vos seja feito o pagamento para uma cópia e o respectivo envio.*" Mas quando Johanna recebe o livro, ela fica desapontada. Dá lhe acesso a novos textos em flamengo, mas ela percebe que o livro é claramente de inclinação católica. Ela escreve Karl Fröbel sobre para lhe dar conta dos seus sentimentos em relação a livros infantis em flamengo. Demora um pouco até receber uma resposta. Não vem da Inglaterra, mas de Zurique, para onde ele se mudou entretanto. Ele diz não estar surpreendido com a influência duradoura da igreja ou da religião na educação escolar e familiar. Refere-se aos textos de seu tio com o enquadramento ético-moral de toda a criação e configuração do Kindergarten sempre baseado na crença em Deus. E continua: "*Penso muitas vezes nas nossas conversas sobre a educação simultânea de meninas e meninos. Comecei aqui uma instituição educacional com um Kindergarten anexo com o objetivo de educar meninos e meninas juntos de acordo com os métodos familiares naturais. É bom saber ter finalmente reconhecimento público como educador. Quero desenvolver mais a proposta de educação familiar e estou a pensar numa escola superior para meninas. Conversei acerca dessa ideia com meu tio e com Johanna Küstner, uma aluna*

dele atualmente a trabalhar em Breslau. Ela também está interessada na ideia."

Johanna e Henri não se dedicam só à escola e à educação dos filhos agora que vivem em território neutro. Como em toda a Europa, as pessoas em Moresnet sentem os efeitos da praga da batata, causando dificuldades adicionais para muitas famílias da classe trabalhadora. Batatas e farinha de trigo podem seguir os mesmos atalhos de contrabando através de Moresnet Neutro como o *graanjenever*[1] proveniente de destilação local clandestina. Henri sabe não correr grande perigo quando deixa os contrabandistas utilizar um dos seus celeiros como depósito de mercadorias em transição. O único guarda da região tem mais que fazer do que correr os celeiros a procura de *jenever* e outros bens de contrabando. Henri costuma dizer colher sem preocupações algumas sementes caídas dos enormes campos de trigo semeados pela elite de Paris e Bruxelas não só na jovem Bélgica, mas também aqui em La Calamine.

"Henri, conta mais um pouco do teu antigo comércio com a *SA Raffinerie Nationale du Sucre indigène et exotique* in Waterloo."
Henri está numa das tabernas locais, após a venda no mercado.
"Então, velho amigo, tu conheces a história toda!"
"Há aqui um recém-chegado que vem daquelas bandas."
"A história é simples", começa Henri, "Em 1936, a família Meeûs instalou aquela refinaria com capital próprio, da *Societé Générale* e estrangeiro. Produziam açúcar de beterraba suplementado

[1] Aguardente produzida a partir da fermentação dos grãos de cereais.

com açúcar tirada de cana e de restos rações para animais. As beterrabas provinham principalmente de terras alienadas pela *Société Générale* na Zoniënwoud. Mas a empresa iniciou a produção em Waterloo, precisou de grandes quantidades de carvão de osso, essencial para o fabrico de açúcar. Nós fornecíamos. Mas a recolha de carcaças de animais não chegava para a produção necessária. Então, também começamos a fornecer carvão feito dos ossos das valas comuns que em criança tínhamos organizados limpando o terreno ao redor do campo de batalha de 1815 porque os adultos supersticiosos não quiseram mexer nos esqueletos."

"Ossos humanos? Prática desagradável!"

"Olha, ossos são ossos, e todos fecharam os olhos, os diretores em primeiro lugar... Mas não fiz isso durante muito tempo... Ganhei bom dinheiro mas vendi tudo para me instalar cá."

"Bem", diz o recém-chegado, "só posso dizer que vendeste na hora certa. A refinaria de açúcar está a perder dinheiro. Pouco antes de vir para cá, ouvi dizer que estava falida".

"Pergunto-me se os proprietários perderam muito", diz Henri.

"Talvez não", responde o taberneiro. "Se foram tão inteligentes como quem aqui negocia o zinco… com esse novo modelo de negócio que chamam *sociedade de responsabilidade limitada*… cuidado, companheiros, podem ganhar muito dinheiro assim."

"Mas só se tiverem imenso dinheiro à partida", ri Henri.

"Sim, isso não é para nós. É mais para Fanny e Charles!" zomba alguém. Há risos novamente.

"Ei parisiense ali, fala-nos da famosa filha Mosselman!" Com essas palavras o taberneiro convide um distinto cavalheiro de

certa idade a entrar na conversa.

"A linda Fanny que se abre a todos, tal como o seu Charles, por sinal", começa com um sorriso o homem a quem chamam de Parisiense. "Ela exagerou um pouco lá em Paris, contudo os cônjuges liberais envolveram-se com muitos parisienses ricos e paulatinamente criaram a *Banque de Belgique*. Esse banco investiu em grande numa daqueles parcerias inovadores e viabilizaram a empresa que conhecem muito bem: a *Societé des Mines et Fonderies de Zinc de la Vieille Montagne*. Milhões de francos estão envolvidos. O velho Mosselman saíra com lucro e o querido Charles tornou-se o diretor da empresa. Encontram no conselho de administração a elite de Bruxelas, incluindo nomes como De Brouckère e De Morny. É melhor cobrir com manta pudica as aventuras de cama da Fanny, mas é bom saber outra coisa. A Prússia concordou finalmente não implicar mais com a mina Moresnet. Posso estar enganado, mas mais lucro está para vir. E tudo ao ar livre, em mineração de superfície. Isso atrairá pessoas, inclusive mineiros de minas de carvão que preferem trabalhar acima do solo!"

O recém-chegado ouvira com atenção e diz agora: "Sabem que o Meeûs da beterraba e o Mosselman do zinco não têm apenas as Sociedades Anónimas em comum. Ambas as famílias afirmam descender das *Sete linhagens de Bruxelas*[1]. É claramente a nova nobreza a afirmar-se mostrando ter muito dinheiro e poder."

O taberneiro olha longamente para o homem. "Pareces bem

[1] Diz-se que desde a Idade Média e até o início dos tempos modernos, as Sete Linhagens de Bruxelas eram constituídas pelas famílias patrícias destinadas a governar a cidade com sabedoria, defendê-la com força e torná-la mais atraente e próspera.

informado… e a que devemos o teu interesse em te juntar a nós em Moresnet Neutro? Falta de vontade em servir o exército belga?"
Há muitas risadas.
"Podes dizê-lo dessa forma. Além disso, a *Sûreté de L'état* aproximou-se demais da minha pessoa podendo prejudicar a minha saúde."
"Aqui és bem-vindo, amigo", diz Henri. "E como devemos chamar-te?"
"Charles é o nome, não *Lehon*, mas *Lebon*. Vamos beber mais um e brindar para o Oriente livre."

O Oriente livre também poderia se chamar Leste Selvagem ou *Far-East*, visto da perspectiva belga. Microscopicamente pequeno em comparação com o Far-West americano, mas mesmo assim… 330 hectares com apenas um guarda, um antigo Código Napoleão que não fala do acto de destilação clandestina, nem de horas de fecho para tabernas, prostíbulos e outros locais de diversão, constituem um paraíso para quem quer ficar descansado. Não só os livres pensadores encontram aqui a liberdade política, mas jogadores, contrabandistas e foragidos da lei nos países vizinhos sentem-se à vontade. Na altura das conversas de taberna de Henri e seus amigos, o Oeste Selvagem Americano expandiu-se com a anexação do Texas, obra do presidente John Tyler, apesar da pressão dos oponentes anti-esclavagistas. Cá não se fala de expansão para La Calamine-Moresnet.

Na primavera de 1846, Frederick Teacher tem uma irmã. Ela

recebe o nome de Lut. Como fizeram para o irmão, Henri e Johanna não querem registrá-la na vila belga de Moresnet. Ela é portanto registrada pelo burgomestre como Neutra nos registros de nascimento de La Calamine. Nos primeiros meses de aleitamento da menina, Johanna não consegue fazer muito mais senão usar o tempo para pôr correspondência em dia.

Uma troca bastante filosófica de cartas com amigos franceses sobre Auguste Comte fá-la pensar nos mistérios do amor. Fora a morte de Clotilde, musa de Comte, que deu a viravolta na vida dele? Johanna acompanha o novo tipo de fé do filósofo para reforçar a sua hipótese de que o positivismo é a essência da humanidade. Para garantir uma organização social na qual todo tipo de indivíduo possa trazer a sua vontade, diz Comte, o governo de Deus deva ser substituído pelo governo humano. Então porque não conceber o culto que venera os grandes homens, a *Religião da Humanidade*, uma nova religião sem Deus e da qual ele se auto-proclama imediatamente sumo sacerdote.

De Oostende, Johanna recebe informações atualizadas acerca do trabalho infantil na Bélgica. Uma contagem feita pelas próprias fábricas revela que vinte em cada cem operários são crianças. Elas são principalmente empregadas em tecelagens, siderúrgicas, extração mineira e por correeiros e ceramistas. As fábricas não têm dados sobre agricultura e indústria artesanal, mas podemos seguramente encontrar muito mais filhos de trabalhadores nesses sectores. Na maioria das fábricas, as crianças trabalham o mesmo número de horas como os adultos, ou seja, dez a doze horas por dia, seis dias por semana.

Johanna e Henri ouvem regularmente notícias da associação

l'Alliance porque Johanna troca cartas com Jacob Kats. Antes da independência belga, Jacob obteve um diploma de mestre-escola, não reconhecido pelo novo estado. Ele fala de abusos de poder na Bélgica e fala da sua relação com a minoria radical dos liberais, editores de *Le Débat Social*, entre outras coisas. Johanna e Henri encontram aí frequentemente pontos de vista perto dos seus. Nas suas cartas, Johanna fala não raras vezes de Victor Considérant. Ouvira-lo discursar em Liège, com Henri, logo depois de voltar de Alemanha. Henri entusiasmara-se com o *Manifeste de la democratie au XIX siècle*. Entretanto, o filósofo francês elaborou uma solução matemática para a representação proporcional de uma população qualquer nas câmaras legislativas de um estado democrático. Como os seus colegas belgas, ele defende o sufrágio universal. O filósofo alemão Karl Marx, radicado em Bruxelas, subscreve muitas das suas ideias vinculadas em *Le Débat Social*, para o qual ele próprio também contribui regularmente. Em Moresnet, Johanna, Henri e os amigos são contagiados pelo entusiasmo dos liberais radicais e adeptos de Charles Fourier. Sonham com reformas em toda a Europa, já que existem relatos não só de várias cidades italianas mas novamente da França com a demanda de representação mais abrangente de todos os grupos populacionais na administração estadual e municipal.

Mas em todo lado há também vozes contra esse sonho de liberalização de longo alcance do parlamento.

Já no início do pontificado de Pio IX, por muitos considerado uma espécie de oposto liberal ao seu predecessor Gregório XVI, o general da Companhia de Jesus Roothaan afirma: *"Sim,*

gritaremos 'Viva Pio Nono', desde que ele faz concessões, mas se ele não o fazer e a carruagem em marcha tiver que ser parada, com certeza haverá um terrível rangido... Podemos dizer isso ao Sr. Kersten. Outros países sentirão fortes abalos. A Bélgica também terá os seus contratempos."

Rapidamente desenvolve-se no seio do próprio movimento liberal uma divisão entre cidadãos mais conservadores exigindo unicamente uma política menos dependente da Igreja Católica e os jovens contestatários, leitores e colaboradores do *Débat Social*. O primeiro grupo incluindo os políticos como Verhaegen, Orts e Anspach, assume o controle do *l'Observateur Belge* no qual defendem as suas posições, rapidamente conhecidas como a linha liberal doutrinária.

Inesperadamente, Johanna ouve novamente falar de Pierre-Jean Desmet. Ela lembra-se imediatamente o interesse mostrado pelo seu avô para o padre de Dendermonde. Ela fica a saber da jornada dele a oeste das Montanhas Rochosas, uma área definido pelos americanos com o nome de Oregon e designado pelos britânicos de Distrito de Columbia. O padre subiu o rio Saskatchewan até chegar junto aos tribos autóctones Cree, Chippewa e Blackfoot. Regra geral teve encontros pacíficos com a população nativa e estabeleceu várias missões. De acordo com as leituras de Johanna, a sua evangelização fora bem menos sangrenta do que os efeitos da marcha para Oeste dos Mórmons sob a liderança de Joseph Smith. Essa caminhada tivera aliás um desfecho fatal para o próprio Smith. Corre já alguns anos o rumor de ele ter sido morto por oponentes. Mas aparentemente hoje os seguidores de Smith ocupam cada vez mais terrenos nos

locais percorridos pelos Ute e Shoshone. Tal como outros imigrantes vindo do leste da América, o grupo religioso aumentara a pressão sobre a população local. Quem já esteve na região fala de confrontos ferozes e batalhas sangrentas entre populações nativas e imigrantes com filosofias de vida completamente diferentes.

Enquanto os europeus e os seus descendentes continuam a tomar posse do mundo com arrogantes técnicas de colonização, incluindo a escravização de não europeus, uma nova fome ameaça a Bélgica e arredores. Há dois anos foi a praga da batata, no ano passado a colheita de grãos falhou quase completamente. O preço cada vez mais elevado da farinha e da batata, combinado com os baixos salários, são argumentos apropriados para exigir mais uma vez melhores condições para a população mais pobre. Existem canais de informação para todos, inclusive para a divulgação de reportagens sobre motins e revoltas locais. E a informação circula cada vez mais depressa com a rede ferroviária a expandir-se. Novas estações surgem em Bruxelas, Hasselt e Roeselare. A ligação regular de Oostende para Dover segurada por uma empresa belga existe há vários anos. Chegam conexões mais rápidas até perto de *La Calamine*, dando a possibilidade a Johanna e Henri de participar pessoalmente nos movimentos de protesto em Bruxelas onde a *Association Democratique* vê a luz perto do café Le Cygne. Na Grand'Place de Bruxelas, Johanna e Henri encontram várias vezes dois dos fundadores do movimento, Lucien Jottrand e Karel Spilthoorn. O objetivo da associação é de reunir sob o mesmo chapéu todas as pessoas comprometidas com uma

melhor participação de todos os grupos populacionais. Existe muito interesse além fronteiras e a Grand'Place parece uma pequena Babel, onde se ouve falar polaco, italiano e inglês além de francês, alemão, neerlandês e dos respetivos dialectos. Jottrand é presidente da nova associação, vice-presidente é o alemão Karl Marx. Johanna vislumbra Jacob Kats entre os presentes, bem como um muito interessado Adolf Bartels. Este defendeu já em 1845 o salário mínimo, o fundo de saúde e a expropriação parcial de importantes indústrias para o estado contra indemnização.

Até aquele momento, as várias organizações liberais não tinham muito impacto na população em geral. Muitos até pensaram que eram simplesmente a concretização de um desejo da burguesia a distanciar-se de Guilherme I em 1830. Mas hoje a situação é mais sombria. Na Flandres Oriental e Ocidental, um terço da população depende dos conselhos de pobres. As classes mais baixas tem escasso alimento. Há fome. Uma epidemia mortal de tifo ceifara recentemente muitas vidas e teme-se uma nova epidemia de cólera.

Apesar dos esforços do governo liberal para acalmar os ânimos por meio da intervenção daqueles conselhos de pobres e da tentativa de conter a epidemia, grupos mais radicais continuam a pressionar. No início de 1848, Spilthoorn é presidente da divisão de Gent da *Association Democratique*. Jottrand porém advoga obter mais justiça social por meios constitucionais. A luta dele centra-se em primeiro lugar contra o papel da nobreza e da casa real no governo do país. Os liberais doutrinários não estão lá muito felizes com a atuação dos elementos mais radicais

da *Association Démocratique*, muito menos com as intervenções de Victor Considérant. O mal-estar interno torne-se bem claro quando *L'independance Belge*, o jornal e porta-voz dos liberais na capital belga, é instado a defender o liberalismo num tom mais cauteloso e moderado. Em última análise, é o único jornal belga com projeção fora do país. É bem visto nos altos círculos financeiros tendo ficado sob o controle do atual chefe de governo belga, Charles Rogier. Uma linguagem radical não é bem-vinda.

Curiosamente, os liberais radicais são de certa forma apoiados por grupos liberais-católicos. O *Journal des Flandres* e o seu espelho flamengo *Den Vaderlander* opõem-se hoje aos líderes conservadores católicos ultramontanos e apoiam as reuniões da *Association Démocratique* em nome da liberdade de organização e reunião. Reage-se veementemente e indignado contra a condenação do católico *Organe des Flandres* e do *Journal de Bruxelles* do grupo liberal radical.

Até o rei Leopoldo I está preocupado com o avanço daquilo ao qual se refere como o espírito francês. O conde de Woyna conta: "*assim me disse o rei, é de facto apenas o espírito francês, o espírito dos jacobinos dos primeiros anos da Revolução Francesa, que na Suíça, mas também na Itália e no sul da Alemanha, se infiltrando nas mentes dos progressistas, dos suíços, italianos, alemães e outros socialistas, que ao se aclimatarem em todos os países da Europa, e que, ao se apresentarem às massas que a desnacionalizam, a ameaçar todos os tronos e todos os governos*". Ainda segundo o conde, o rei só parece ter esperança de que os exageros daquele clube a médio prazo abram os olhos dos

católicos liberais levando-os de volta à ordem estabelecida.

Em meados de janeiro de 1848, numa viagem de regresso a Moresnet, Johanna e Henri partilham novidades. Aparentemente Diesterweg caiu em desgraça em Berlim, sabe Johanna. As suas exigências para a reforma de todo o ensino superior vão além do desejado pelas autoridades, assim parece. Diesterweg decidiu interromper os seminários em Pankow mas Johanna não sabe se a associação Pestalozzi por ele criado para dar apoio a viúvas e órfãos de professores continua a funcionar. Henri por sua vez fala do Chinês Hong. Aparentemente, depois da sua inspiração bíblica, decidiu seguir o caminho místico em vez do revolucionário. Ele fundou um culto na sua terra natal, baseando-se na sua convicção de ser o irmão mais novo de Jesus Cristo. Ele aponta para a vasta diferença existente entre eleitos e condenados. O cerne de sua crença é a necessidade de haver comportamento moralmente correto. Henri diz estar curioso para saber se e como a nova seita se ira implantar.

Os eventos deste ano na França e na Bélgica desviam a atenção de Henri do seu interesse pela seita emergente de Hong para os acontecimentos mais perto de casa. Com os amigos de Moresnet, ele segue de perto as notícias de jornal, tentando acompanhar ao mesmo tempo todas as ações da *Alliance Démocratique*. Hoje, os católicos conservadores estão claramente assustados. A *Gazette de Liège,* um dos seus porta-vozes, já noticiou no dia 1 de fevereiro a sua preocupação com uma revolução crescente que dará aos cidadãos abastados poucas chances de sobrevivência. Mas parte da imprensa liberal está

atenta e procura proteger o governo belga formado por liberais doutrinários. Num primeiro momento esta imprensa oferece-se sem hesitação como caixa de ressonância para a voz do povo. O equivalente liberal da *Gazette*, o *Journal de Liège*, explica aos seus leitores, maioritariamente industriais e comerciantes, que os trabalhadores devem ser emancipados para tornar possível o sufrágio universal. Transparece claramente a posição do político liberal Hubert Walthère Frère-Orban.

No meio dos relatos de agitação social causada pela fome e pela condição miserável dos trabalhadores de fábrica, a sentença de morte de dois pobres sujeitos, François Rosseel e Guillaume Van den Plas, torna-se uma distração bem-vinda. O júri do tribunal de justiço considera ambos culpados pelo roubo e assassinato da senhoria deles, a Sra. Evenepoel, e do assassinato das duas empregadas domésticas. Em 18 de fevereiro, a guilhotina é erigida num cadafalso na *Porte de Halle*. A execução pública no meio do bairro operário de Bruxelas e não na Grand'Place como de costume, é alvo de comentários na taberna habitual de Henri. O *Observateur Belge* aponta a multidão esperada para justificar a deslocação do cadafalso, mas os amigos de Henri veem aqui intenções políticas. Os liberais doutrinários parecem falar em nome do povo, mas enviam entretanto uma mensagem clara às famílias da classe trabalhadora que a violência continua a ser punida com a pena de morte. Henri não vê imediatamente uma relação entre a punição de um assassinato por roubo e a de uma possível ação política, mas com alguma reserva admite o carater intimidante do espetáculo do cadafalso na imaginação de todos.

Poucos dias depois, chega da França a grande notícia que o rei

foi deposto e se decretou uma nova república. O poder parece estar nas mãos de alguns intelectuais. O escritor Lamartine, os advogados Crémieux, Marie de Saint-Georges e Ledru-Rollin, o astrónomo e físico Arago e o ex-republicano Garnier-Pagès fazem parte do governo provisório. Até o momento, a imprensa belga tinha dado mais atenção ao rescaldo do julgamento de assassinato tratando a situação política em Paris como uma espécie de *fait-divers*. Ao tomar conhecimento da implantação da nova república francesa, Henri admite agora o possível objectivo politico na atenção dada ao caso do julgamento. Fica mais convencido ainda, quando Johanna lhe traduz as noticias num exemplar do *Boodschapper van Gent*. Este jornal toma uma atitude muito crítica em relação a quem diz ser a burguesia mercantil. Mas tanto a imprensa liberal doutrinária como a católica moderada continuam a referir-se ao Reino da Bélgica como sendo uma ilha tranquila no meio de um oceano turbulento: a França voltou a ser republicana, a Renânia vive uma forte convulsão revolucionária, até os Países Baixos conhecem uma crise constitucional, mas felizmente, por aqui, está tudo tranquilo. Não impede a imprensa liberal doutrinária a tomar uma atitude positiva em relação aos republicanos franceses. Charles Rogier intervém várias vezes, principalmente para acalmar as tensões diplomáticas entre a Bélgica e a França e assim evitar maior propagação republicana. Mas a imprensa católica conservadora ataca em todas as frentes: o liberalismo e o princípio da soberania popular são condenáveis. As pessoas cegadas são manipuladas por alguns revolucionários ambiciosos, escreve-se. Henri ergue as sobrancelhas quando por

exemplo lê: "*é da natureza do povo de ser guiado e, portanto, de obedecer e não de comandar. Quem diz povo diz sujeição e não soberania*". Johanna vê nisso o ataque de todas as arrogantes forças conservadoras contra qualquer iniciativa educacional pretendendo aumentar o conhecimento do povo comum. Mas adverte ela, será útil examinar o que exatamente propõem os representantes revolucionários do povo em relação à generalização da educação e à sujeição ou não a modelos religiosos ou doutrinários. Ela também diz estar hoje ainda mais tentada em modelar sozinha o seu *Kindergarten*, aqui no celeiro de fazenda, continuando contudo a se candidatar a uma vaga na escola instalada pela paternalista *Société des mines et fonderies de zinc de la Vieille-Montagne*. Obviamente, este paternalismo resulta por parte do medo vivido pela classe possuidora nesse momento, sem o querer admitir. Johanna pensa que ao longo prazo a escola natural incluindo meninos e meninas, estimulando o desenvolvimento intelectual de todas as crianças, como propõe Karl Fröbel, é melhor contributo para a generalização do direito de voto do que a escola paternalista colocada à disposição da população pobre pela burguesia abastada, sem dar a devida atenção ao trabalho livre defendido por Friedrich Fröbel e por Johanna estendido ao trabalho intelectual livre.

Os amigos belgas de Henri e Johanna sentem como a *Sûreté* está alarmada. Há pessoas vigiadas em Bruxelas, Gent, Liège e Antwerpen. Amigos de amigos instalam-se algum tempo em La Calamine para se sentir mais seguros. Em Bruxelas, os últimos dias de fevereiro são bastante caóticos. Segundo fontes bem

informadas, o próprio rei terá instruído Charles Rogier a ficar de olho na fronteira francesa e a se manter bem informado acerca dos clubes revolucionários parisienses que bem podem ter seguidores na Bélgica. Circula um rumor segundo o qual o rei terá proposto abdicar e proclamar uma república.

Mas não será assim. A partir de La Calamine, Henri e os amigos observam como os ministros liberais reduzem habilmente as tensões. Eles abrem portas para grupos liberais minoritários mais próximos dos republicanos franceses e menos dos dominantes liberais doutrinários. Ao mesmo tempo são reduzidos os impostos de censo, duplicando logo o número de eleitores autorizados. Esta medida beneficia a pequena burguesia e espera-se assim reforçar o poder dos liberais doutrinários. Para garantir o encaminhamento dos novos votos para benefício do governo liberal, suspendem-se as leis favorecendo os conservadores e o rei na nomeação de burgomestres. O imposto do selo sobre os jornais desaparece e passa a ser proibido a acumulação de um cargo na administração pública com um mandato parlamentar.

Henri vê essas medidas como falsas soluções, baseadas no raciocínio burguês. "No fim de contas", explica aos amigos, "eles querem convencer-nos ser desnecessário uma revolução *à la française* na Bélgica, porque a revolta de 1830 já incluía essa revolução. Além disso, querem fazer acreditar que todos os esforços já foram feitos para materialmente melhorar as condições de vida da população trabalhadora. O fim do conto é de convencer todos para manter os liberais no poder de modo a salvaguardar as conquistas e estar preparado para as futuras

necessidades. E depois lançam o último trunfo: as melhorias sociais por cá são o resultado da própria existência da Bélgica. Portanto, nada de novas aventuras francesas, alemãs, suíças ou holandesas, não. Vamos manter a nacionalidade belga e o governo belga. É como pedir para todos dizerem em voz alta *'União e ordem, disso depende o nosso destino (belga)'* … uma bela análise liberal burguesa, devo dizer…"
Um dos amigos franceses ouve Henri com atenção e diz: "Concordo com o teu raciocínio e penso saber porque os liberais doutrinários, como os identifica, recorrem a esse linha de pensamento. Na França, fala-se na criação de oficinas nacionais, supervisionadas por comités de trabalhadores com sendo a grande representação da população trabalhadora. O dia de trabalho seria reduzida para 10 horas e fala-se na criação de associações de trabalhadores. Na Bélgica, o poder quer manter escondido esse tipo de medidas da população trabalhadora, para ela não tomar consciência de sua situação. Como o vejo, a burguesia quer a todo custo evitar a substituição do modelo para a economia belga de cariz industrial baseado no capital por um modelo económico baseado na organização do trabalho como se parece querer elaborar na França".

De La Calamine Johanna e Henri observem as ações do governo belga e de quem a ele se associa. Ao contrário da ala radical da *Association Democratique* com pessoas como Friedrich Engels e Karl Marx, Jottrand e outros propõem antes elevar a classe trabalhadora de sua miséria, em vez de libertá-la do modelo industrial liberal, para desta forma criar uma sociedade diferente. Essa oposição de ideias levara ao afastamento entre

Jottrand e Marx. Este último até renunciou à sua filiação durante curto tempo. Mas os acontecimentos de 1848 unira-os novamente e a *Association Démocratique* passa a ser a editora do *Deutsche Brüsseler Zeitung*.

Após a proclamação da nova República Francesa, os círculos governamentais querem silenciar os perturbadores. Torna-se mais fácil de expulsar estrangeiros, Um dos alvos é Friedrich Engels depois de prever no *Deutsche Brüsseler Zeitung* o entrar em colapso do domínio burguês para ser violentamente quebrado em todo lado. Victor Considérant é outro visado, depois de escrever ao seu congénere liberal Charles Rogier: "*Amanhã não existirá mais a Bélgica de ontem e, no entanto, você combinará, preverá e calculará as coisas, como se as ficções jurídicas possam suportar esses distúrbios elétricos que de repente transformam uma nação calma numa tempestade indomável*". A *Sûreté* não pode senão considerar suspeito um estrangeiro quando escreve este tipo de cartas ao chefe do governo, liberal ou não.

Johanna e Henri observam com pesar mas sem surpresa como a *Association Démocratique* se torne o grupo mais suspeito aos olhos da segurança do estado. Naturalmente os círculos do governo querem expulsar em primeiro lugar o casal Jenny e Karl Marx. O vice-presidente da Associação, grandemente inspirado pelo *Manifeste de la Démocratie* de Considérant de 1843, escrevera agora um manifesto comunista. A família Marx passa a ser um incómodo e tem que deixar a Bélgica. No início de março Marx recebe a ordem de expulsão assinada pelo rei Leopoldo I. Dentro de 24 horas, ele deve deixar o país por uma

fronteira da sua escolha. Tanto o governo como o casal consideram a ordem um acordo em sourdine, mas no dia de fazer as malas Marx e a sua esposa são presos por um elemento da polícia excessivamente zeloso. No dia seguinte ambos são libertos e partem imediatamente para Paris. Mas o caso é amplamente discutido na imprensa e até no parlamento. Henri e Johanna consideram que o poder na Bélgica desrespeita grosseiramente o princípio de Montesquieu misturando indiscriminadamente o legislativo, o executivo e o judiciário.

A partir do dia 15 de março, Henri e Johanna recebem novas informações todos os dias. Uma legião belga reuniu-se em Paris para levar a revolução republicana e social até a Bélgica. Até há pouco os jornais belgas não disseram uma palavra, embora o conde Woyna tivesse informado o ministro das Relações Exteriores. Só no *Débat Social* aparecera antes o artigo *Droit au but*, cheio de referências ao futuro melhor que se avizinha.

Na segunda metade de março, outros jornais parecem falar mais abertamente dos acontecimentos. *Den Vaderlander* reporta a presença de agitadores e perturbadores em Bruxelas. O *Précurseur d'Anvers* e o *Observateur Belge* pedem aos industriais e à burguesia rica de libertar o máximo de dinheiro possível para pôr todas as pessoas a trabalhar com a máxima '*é melhor prevenir do que remediar*'. O rei e a alta aristocracia são bons exemplos, escreve-se: não aumentaram eles significativamente o número de trabalhadores empregados nas suas propriedades? Só assim se enfrenta a fome e a insatisfação, escrevem os jornais. O ministro das Finanças apresenta uma proposta para a subscrição de um empréstimo governamental de 40 milhões de

francos. E mais uma vez a oposição católica concorda: o *Journal de Bruxelles* procura convencer a burguesia rica a fazer um sacrifício hoje para garantir um futuro no qual as fortunas privadas e a política do país continuam a ser as mesmas. *L'Indépendance Belge* anuncia ser preciso muito dinheiro para contornar a tempestade que caiu na área. O *Journal de Liège* observa um tom um pouco diferente: este empréstimo do governo é necessário e votar contra ele é comprometer o bem-estar dos trabalhadores entregando-os a perigosas fontes de inspiração que brotam da miséria e da fome.

Depois chega a notícia como no dia 24 de março um grupo armado da *Légion Belge* liderado por Jules Fosses se deslocou de Paris para a fronteira belga, enquanto os trabalhadores se revoltavam em Gent e na província de Luxemburgo. Em 26 de março, ouve-se em todo lado, também em La Calamine do exército republicano belga incluindo os *Spartacus* escapados da prisão avançando em direção à fronteira.

"O nome *Risquons tout,* parece-me muito apropriado", diz Henri.

"Embora tem pouco a ver com aquela Legião", responde o amigo francês Charles. "É verdade que tentaram entrar na Bélgica pelo posto fronteiriço na região de Mouscron com esse nome, mas nada tem a ver com os sonhos dos nossos amigos aventureiros. Segundo alguns, é o nome de um cabaré naquele lugar falido por dívidas há cerca de cem anos. Segundo outros, é o grito de coragem dos contrabandistas uns para os outros sempre que atravessam a fronteira com contrabando."

"Esse poderia ser um bom nome para alguns das tabernas por aqui, não é?" diz Henri com um pisco de olhos para o

taberneiro. Este sorri e responde: "Não tenho a minima ideia porquê," ao que todos os presentes largam uma gargalhada.
"O fim da história é mais triste", continua Charles Lebon. "Aquela legião belga de cerca de 2.000 homens foi recebida na aldeia fronteiriça de *Risquons Tout* por 250 soldados sob o comando do general Fleury-Duvay. Disparou-se um tiro de canhão e matou-se sete homens da Legião, enquanto outros vinte e seis ficaram feridos. Os outros dispersaram-se mas ouvi falar de sessenta aventureiros capturados."
"Então aquela Legião Belga não valeu muito", diz Henri. "Eu pergunto-me até que ponto tudo não foi exagerado. Toda aquela difamação criada em torno de Marx parece ter ultrapassado ao controlo da Sûreté. Tudo que era liberal demais era para silenciar, mas tudo foi longe demais até para o próprio ministro Houssy".
"Sim", diz o taberneiro, "os nossos amigos de Bruxelas referem uma carta circular emitida pelo gabinete do ministro a solicitar muita moderação com expulsões nomeadamente de trabalhadores apenas criticando a nacionalidade belga. Eu por mim, os liberais doutrinários entalaram-se. Eles quiseram liberdade e maior participação, mas não souberam como o pôr em prática. Eles provavelmente têm muitos interesses próprios. Como se não interpretar o ministro Houssy quando ele diz *'basta ficar de olho nessas pessoas suspeitas, para agir contra elas assim que as suas palavras ou os seus escritos tendem a incitar a desordem e comprometer a segurança pública'*? É tudo muito vago, vai-se em todas as direções para silenciar as pessoas".
"Falando de silenciar", diz Henri. "Já sabem, claro, que a

Association Démocratique foi considerada responsável pelo ataque em *Risquons-Tout*. Condenaram-se vários membros no Tribunal de Justiça em Antwerpen, incluindo François Mellinet e Victor Tedesco. Eles enfrentam a pena de morte por conspiração contra a segurança do estado."

Nos meses seguintes, as tensões em torno da influência da República Francesa na Bélgica diminuem gradualmente. Com a redução dos impostos nos censos, a população menos escolarizada passa a ter a oportunidade de aumentar a sua representação no parlamento. A burguesia abastada e os grupos de interesse conservadores rapidamente perceberam que os trabalhadores não estavam suficientemente conscientes de sua condição sendo portanto relativamente inofensivos. O perigo para os liberais perder poder vinha principalmente da pequena burguesia, daí essa pequena concessão nos impostos.

Por outro lado, depois de tudo que se escreveu em torno da *Association Démocratique* e do episódio *Risquons-Tout*, a voltairiana burguesia industrial belga parece se ter convencida ser no interesse da classe patronal de valorizar a religião para o povo. Aos seus leitores o *Journal de Liège* explica as lições a tirar dos acontecimentos recentes; o mais temíveis inimigos da liberdade já não são os ultraconservadores. O perigo ameaçando engolir-nos todos um dia, não apenas aqui, mas em toda a Europa chama-se Socialismo Republicano.

Talvez eis a razão pela qual haver grande cuidado com a concretização das sentenças de morte dos membros condenados da *Association Démocratique.* Não são executadas. Em vez de se tornar mártir, os condenados ficam presos e saem da atenção

pública. Em parte como resultado disso, a associação desmorona ainda mais.

Entretanto a França distancia-se finalmente do comércio de escravos. O enquadramento legal da escravatura de 1802 parcialmente abolida em 1815, mas posteriormente reaplicada, é agora completamente abolida e o comércio completamente proibido. A notícia é bem recebido na taberna habitual de Henri. Mas há mais interesse em comentar as novas aventuras de Fanny Mosselman com mais um caso amoroso em Paris, agora com o meio-irmão do presidente Louis-Napoléon Bonaparte e o reconhecimento por parte de Charles Le Hon das crianças nascidas dessa relação. Fanny parece uma herdeira de algumas salonnières parisienses do século passado. Ela continua a manter relações com a família real anterior, com o presidente francês atual e com a família real belga. Pergunta-se como ela consegue isso tudo.

Johanna tem notícias da Prússia. Johanna Küstner e Karl Fröbel casaram-se. Estabeleceram-se em Hamburgo, onde dirigem a Escola Superior Feminina. Karl escreve ter convidado o seu tio para dar seminários. Johanna está entusiasmada, não só pela instalação de mais uma escola superior para mulheres, mas também porque assim os centros de atividades infantis e os *Kindergarten* ficarão mais conhecidos. Dá-lhe forças renovadas para seu próprio projeto, enquanto o bebé Monique aumenta para cinco os membros da família Teacher.

Naquela época Johanna e Henri ouvem falar da *Lisztmania*, pois alguns amantes da música descrevem assim a popularidade do compositor húngaro-austríaco. Ele viaja da Turquia para

Portugal, de Espanha para São Petersburgo, dando concertos frente a milhares de admiradores.
Henri recebe indiretamente notícias do hemisfério Norte Americano. A ocupação de Texas pelos provocara a uma guerra com o México perdida pelo António de Santa Anna e o seu exército. Como resultado, Califórnia passara a integrar os estados americanas não melhorando a situação dos índios, pelo contrário. Os amigos falam de uma nova onda de imigração e de uma grande movimento populacional em direção a São Francisco. A notícia do ouro encontrado naquela região espalha-se como um fogo de prado. Muitos filhos de trabalhadores valões e franceses parecem participar nesse novo êxodo.
A onda de imigração de brancos europeus rumo América não altera o tráfico de escravos de Angola e Moçambique. Década após década, por ano cerca de 25.000 escravos negros continuam a ser enviados dessas áreas para a América em barcos a vapor. Os comerciantes franceses e os colonos imigrantes continuam a ignorar as recentes leis na França.

"Frederik, cuidas da Lut enquanto a mãe amamenta Monique?" pergunta Johanna.
"Sim, mãe," grita Frederik por entre os fardos de palha. Ele acaba de iniciar uma nova casa-com-labirinto com Lut, portanto o pedido da mãe vem a calhar. Podem continuar a brincar sem serem incomodados.
Johanna observa os seus filhos a brincar e no *Kindergarten*. De aqui duas semanas estará novamente mais movimentado. Ela pensa no novo desafio a enfrentar. Depois de várias tentativas de trabalhar com a escola da *Société des mines et fonderies de zinc*

de la Vieille-Montagne, ela percebeu como as visões diferentes acerca de educação e ensino entre o *Kindergarten* e escola da aldeia de *La Calamine* a impedem de trabalhar naquela escola. Ela não difere das escolas municipais na vizinha Bélgica. Os amigos de Bruxelas, Gent, Liège e Oostende contam sempre a mesma história: as escolas das aldeias são instaladas em pequenos prédios com a aparência da câmara municipal. Quase sempre há falta de professores. Recentemente mandou-se iniciar mais Escolas Normais. As escolas primárias municipais têm geralmente apenas uma ou duas salas de aula. Agrupam-se crianças de diferentes idades. Encoraja o processo natural de aprendizagem proposto por Karl e Friedrich Fröbel costumam falar, é verdade, mas apenas lá onde é travado o modelo de aulas de pacote de Lancaster ou Lasalle. Mas a instrução empacotada é popular e afigura ser o maior obstáculo para Johanna. Ela lembra-se da afirmação do seu avô com a qual continua a concordar: a *organização da fábrica* e a *organização da instrução* reforçam-se mutuamente quando as atividades industriais surgem. É difícil de imaginar directores de fábrica a fazer algo diferente se não apostar num modelo de ensino com crianças reunidas para seguir lições em uníssono e numa cadência perfeita, até obter o produto final: o trabalhador instruído para o trabalho. Ela nem pode culpá-los.

Mesmo assim, dizem os amigos, haver a escola gratuita em La Calamine é melhor do que não haver escola nenhuma. E explicam porquê. Na Bélgica só surge uma escola municipal onde não existe ainda, quando os próprios pais requerem ensino gratuito. A pais analfabetos não o fazem facilmente.

Monique adormeceu enquanto mamava. Johanna coloca-a no berço e colhe os outros dois filhos no meio da palha. Os dois jantam um prato de papa e umas fatias de pão com queijo. Vão para cama, depois de Johanna lhes ler um conto de fadas de Hans Christiaan Andersen traduzido para o francês.

Henri entra em casa com os vizinhos. Quando as crianças adormecem, Johanna se junta a elas. Eles cortam um pão fresco feito pela vizinha e Johanna vai buscar queijo de cabra na adega da casa, enquanto Henri põe na mesa uma jarra de vinho de ruibarbo caseiro. Pouco conhecido na Bélgica, o ruibarbo é popular em muitas partes da Prússia. Henri aprendeu a cultivar a planta para a transformar em alcohol frutado com aspecto de vinho com um imigrante vindo da região de Hamburgo há alguns anos.

"Já pensaste em como vais continuar com as crianças mais velhas do teu *Kindergarten*?" pergunta a vizinha.

"Já colecionei uma grande quantidade de livros infantis, dos quais leio para as crianças. Também tenho livros de poesia infantil neerlandesa e francesa e tenho livros de escola em neerlandês, alemão e francês. E, claro, tenho todo o material de Fröbel para as atividades matemáticas e de construção. Isso lança bem o projeto. Os meus amigos de Oostende descreveram-me em pormenor como se trabalhava no Keizerskaai faz quase cem anos, imagine só! E tenho o enquadramento de Diesterweg."

"Então, os nossos filhos terão uma vida melhor aqui do que na escola da *Vieille Montagne*?"

"Tenho certeza", diz Henri. "Para já terão uma visão mais ampla do mundo."

Johanna comenta: “Não quero me fazer de muito erudita, mas gostaria de mencionar algumas das observações de Diesterweg. No que diz respeito à democracia, ele advoga de dar mais importância à evolução do que à revolução, especialmente do ponto de vista educacional. O princípio educacional, diz ele, exige respeito pela natureza humana, pelo indivíduo e estímulos para o seu pleno desenvolvimento. Por essa razão a expressão, a atividade e a iniciativa devem ser a base para uma natural e portanto alegre experiência de vida. Os estímulos para desenvolver os sentidos, para fortalecer o corpo, para criar a vontade de explorar, são também os estímulos para ficar lúcido na descoberta das coisas. Para Diesterweg a mente deve receber nutrição adequada e, assim, progredir constantemente. O princípio educacional conduzindo à democracia proíbe suposições e manipulações arbitrárias da natureza humana. Condena qualquer encorajamento para agir de modo cego ou mecânico. Qualquer aprendizagem mecanizada, imposição compulsiva de assuntos incompreendidos estão fora de questão, se estamos a procura do desenvolvimento democrático. Depois dos eventos sociais e políticos dos dois últimos anos Diesterweg começou a pôr ênfase na ideia de que as pessoas devem assumir a sua própria atividade de aprendizagem como garantia para a democracia”.

“Não nos importamos nem um pouco seres um pouco erudita, Johanna”, diz o vizinho. “Enquanto estavas a falar de Diester...?"

“Diesterweg”, completa Johanna.

“…de Diesterweg”, continua o vizinho, “pensei no que li sobre Ernest Schleiermacher. Ele escreveu há cerca de cinquenta anos

querer ir além do princípio pedagógico de '*auto-desenvolvimento natural*' para abraçar a '*educação para a comunidade*': uma de suas proposições fala das intenções individuais. Por serem da natureza humana, elas estão por si próprio voltadas para a sociabilidade e para objetivos sociais universais. Outra proposição fala da democracia como único instrumento para moldar a vontade individual. A vida pública deve corresponder e refletir o que é pedagogicamente e psicologicamente necessário para o crescimento saudável do indivíduo. As condições para uma boa educação são as de uma democracia saudável. Logo, processos pedagógicos e processos políticos condicionam-se mutuamente. "

"Ah," intervém Henri, "Parece um argumento para Auguste Comte usar. Se entendi bem, ele diz que o homem sozinho não consegue captar as coisas na sua essência. Só os factos examinados e vivenciados têm valor universal. Portanto, apenas o conhecimento positivo, o conhecimento vindo da observação e da experiência, é útil. Logo toda e qualquer metafísica deve ser afastada. A propósito, não é bem um argumento para atrair um filósofo teológico. Eu por mim, Auguste Comte pretende argumentar que além das ciências empíricas lidando com a '*natureza morta*', a física e a química, existem também as ciências do Homem, vivo em evolução, e essas podem muito bem suplantar a filosofia. Não fala Comte em algum escrito da *física social* como sendo a *ciência do Homem*?"

"Contudo", pensa Johanna, "revejo-me mais na argumentação de Diesterweg e acho interessante a consideração de Schleiermacher. Mais interessante, em todo caso, do que o

desenvolvimento posterior de Comte. Ele sugere uma religião sem deus, a *Religion de l'Humanité* da qual se apresenta como sendo o grande sacerdote. Ele não glorifica **Um** Grande Espírito mas **Os** Grandes Espíritos e eu considero o seu adagio '*Tout est relatif, et cela seul est absolu*' um tanto arrogante."

"Não quero ser negativo, mas não se pode considerar relativo todo esse apelo moderadamente liberal para melhorar a situação dos trabalhadores mesmo aqui ao lado, na Bélgica. Não penso ter sido inspirado nos princípios de educação de Diesterweg, dos quais Johanna acabou de falar", diz a vizinha. Leram *La Liberté et la République* no *Journal de Liège*? A sorte dos trabalhadores merece ser melhorada, diz o artigo, mas essa melhoria não pode ultrapassar as proporções estabelecidas pela constituição. As liberdades garantidas pela constituição são, portanto, segundo o autor, o único meio autorizado para melhorar a situação dos trabalhadores. E essas liberdades, tal como existem na Bélgica, irão promover pacificamente todas as reformas sociais desejáveis. Eu tenho minhas dúvidas acerca disso. A constituição do país vizinho é apenas um meio para convencer as classes altas e baixas de que tudo ficará bem com o tempo, mas apenas quando se aplica as regras das classes altas. Acho necessário o poder das massas ignorantes."

"Oh oh, aqui surgem os nossos vizinhos radicais," ri Henri. "É melhor ficar aqui no *condominium* por enquanto. As vossas agitações radicais e teorias sobre organizações trabalhistas não são apenas resolutamente rejeitados aqui ao lado, mas vocês arriscam-se a levar um processo por divulgá-los. Segundo a classe dominante, vocês ameaçam destruir a liberdade da

indústria, fazer desaparecer o capital e secar as fontes de riqueza. Eu concordo completamente convosco, os liberais doutrinários e até mesmo a pequena burguesia moderada não tem interesse numa democracia completamente desenvolvida".
Há um breve silêncio depois da última intervenção de Henri. Ele aproveita para voltar a encher os copos. Depois a Johanna diz: "Posso vos contar algo completamente diferente? Trata-se daquela antiga história de *Sinterklaas*, São Nicolau. Lembrem-se, ele evoluiu de santo católico branco para uma espécie de bicho-papão protestante negro na segunda metade do século XVII. Tenho comigo o livrinho de Jan Schenkman *São Nicolau e o seu criado* recentemente publicado em Amsterdão. Olhem como o livro é ilustrado. O meu colega mestre-escola numa escola privada em Amsterdão até o ano passado, autor do livro, tem muita imaginação. *Sinterklaas* passou novamente a homem santo branco. Mas imaginem, hoje ele cavalga em todos os telhados de todas as cidades numa só noite e atira em todas as chaminés presentes ou varas para as crianças conforme se portaram bem ou se portaram mal. E de repente aquele Santo tem origem em Espanha, talvez da região dos primeiros jesuítas, nunca se sabe. Ele modernizou-se um pouco, porque chega aqui com um barco de vapor, ó sinal dos tempos. E o bicho-papão negro não desapareceu completamente. Hoje ele é o ajudante do Santo, talvez mesmo escravo dele, afinal eles vêm da Espanha e lá os escravos fazem parte do mercado desde há muito tempo, não é? Mas talvez é apenas uma espécie de ódio por estrangeiros e estranhos. Jan Schenkman é também conhecido pelas suas afirmações bastante ridículas e

condescendentes contra os povos semitas. Entretanto, um de seus poemas é conhecido pelos Países Baixos fora. Começa com '*Zie ginds komt de stoomboot uit Spanje weer aan*'[1]. O santo desde tempos imemoriais…"

"Ou pelo menos desde que surgiram os barcos a vapor", comenta Henri. "Talvez fosse apropriado pedir a Wagner para musicar o poema. Ele provavelmente encontrará em Schenkman um irmão relativamente a opiniões sobre o povo judeu. Recentemente, ele criticou o judaísmo na música. Ele é de um simplismo arrogante e ao mesmo tempo perturbador: quando tem opinião negativa sobre alguém, ele vê sistematicamente nessa pessoa origem judeu. As velhas querelas religiosas lançam longas sombras entre os arrogantes que exercem o poder, seja na forma de talento musical, seja na forma de transações financeiras."

Os amigos terminam os copos e os vizinhos despedem-se de Henri e Johanna. É uma bela noite de final de verão e eles regressem em silencio para sua própria casa, felizes por terem encontrado um bom abrigo na hoje tranquila La Calamine.

Verdade seja dita, a região está em pleno crescimento. Isso tem o seu lado bom e o seu lado mau. Também aqui encontramos os escravos do Poder. Cerca de metade da população de Moresnet Neutro trabalha para a mina de zinco da *Vieille Montagne*. São na sua maioria jovens. Nos momentos livres encontram facilmente entretenimento nos prostíbulos, onde muitas viúvas se prostituem. Existem as casas de jogos de azar. Há mais de

[1] Literalmente: 'Vejam o barco a vapor, chega-nos da Espanha novamente', cantado por todas as crianças de expressão neerlandesa nos primeiros dias de Dezembro nos hectanos 119 e 120.

oitenta tabernas e o *jenever* local isento de impostos está disponível em todo lado. E continua a haver apenas um guarda para Moresnet Neutro. O antigo Code Napoléon continua em vigor e os infratores punidos localmente podem ainda ter uma punição corporal.

Por outro lado, não há tratados de extradição entre Moresnet Neutro e os países vizinhos formando o quadriponto de Vaalserberg. Portanto, os livres-pensadores no mínimo vigiados pelos serviços de segurança locais dos países vizinhos sentem-se aqui à vontade. Eles são uma pequena parte dessa população de quase setecentos neutros nascidos no local, oitocentos prussianos, um pouco mais de belgas e uma população de cerca de duzentos neerlandeses. Sentem-se em casa neste grupo misto de pouco mais de 2.500 almas sem ou com religião e estão felizes porque a sua prole se sente bem no *Kindergarten* de Johanna, junto com os filhos de outros livres-pensadores.

Fim do livro 05

Uma estranha carta

Querido Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no continuum do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222 no vosso calendário.

Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no continuum não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.

Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

Babitha é historiadora e tem como foco a relação opressor - oprimido. Ela estudou, entre outras coisas, a influência da arrogância dos governantes do 117º e 118º hectanos da Zona 2 Oeste no sofrimento da população local e da população das zonas colonizadas.
Zainabu Cheboi estuda como modos de pensar xenófobos e fascistas, em associação com formas de comunicação humana e não humana, podem unir comunidades locais em uma sociedade hierárquica .

Durante a primeira metade do 118º hectano, acompanhamos as últimas três gerações da primeira dinastia Magister - Auctor.
As crianças e os jovens são os novos escravos do poder numa Europa em processo de industrialização. As tensões entre aqueles que querem governar como monarcas e aqueles que favorecem o governo republicano determinam o crescente domínio das nações emergentes na escola de instrução.
Na relativa tranquilidade do micro-estado livre de Moresnet, Johanna Lemaître continua a lutar por uma educação dialógica e natural. Ela pode se apoiar nas gerações anteriores da dinastia. Friedrich e Karl Fröbel são fontes de inspiração.